REVISTA DA SEMANA

27 de Junho de 1953 — Cr$ 5,00 em todo o [illegible]

CRIMES DA GESTAPO NO BRASIL!

VENCIDO, AFINAL, O EVEREST

JORGE CHEDIAC — O PRÍNCIPE LADRÃO



NOS DOMÍNIOS MARAVILHOSOS DO PACHÁ DE MARRAKECH

(Reportagem no texto)



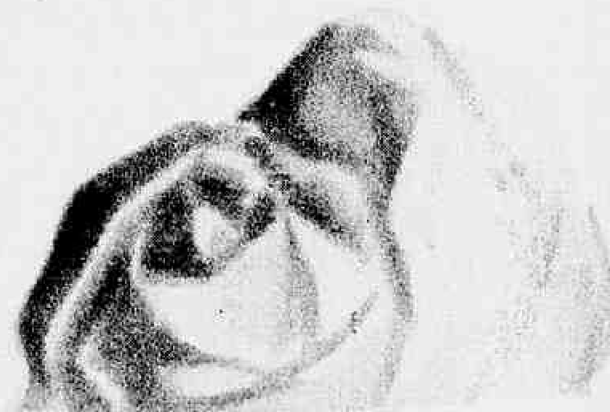
Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS





LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA ANA NERY, 32
TELEFONE: 48-7660 — RIO



«Eu aponto os espiões Meyer, Floss e Zwilling como autores da chantagem do repatriamento do «Marine Marlin» — acusa Paul Wilck.

CRIMES DA GESTAPO NO BRASIL!

EMBARCARAM 14 ANTINAZISTAS À FORÇA, NO NAVIO NORTE-AMERICANO "MARINE MARLIN" — OS ESPIÕES QUE ARQUITETARAM O PLANO — UMA DAS VÍTIMAS REGRESSOU AO BRASIL E ACUSA — SETE MORTOS — APÊLO AOS MINISTROS DA JUSTIÇA E EXTERIOR.

Reportagem de EDMAR MOREL

TRÊS audaciosos espiões nazistas no Brasil, a serviço da Gestapo, incrível como pareça, ludibriaram o Bureau Federal de Informações dos Estados Unidos e fizeram embarcar à fôrça, alta madrugada, na Guanabara, a bordo do transporte de guerra ianque «Marine Marlin», 14 pacatos alemães que residiam em nosso país, entre êles, alguns que aqui chegaram como refugiados de guerra, com passaportes fornecidos pelo Govêrno da Suíça. Outros não eram, sequer, alemães. Eram tchecos, austríacos. Um, entretanto, o infeliz comerciante Maurício Ludwig, com 70 anos, morreu misteriosamente na Polícia Central. Tudo isso ocorreu nas trevas da madrugada de 26 de julho de 1946. Não houve processo de expulsão e os infelizes foram apanhados de surprêsa, nas ruas e em suas próprias casas.

Inicialmente os nomes dos arquitetos do plano tenebroso, cujos resultados são os seguintes: 13 vidas completamente destruídas, 10 famílias violentamente separadas, 4 matrimônios desfeitos, duas mulheres levadas para o hospício e 7 homens mortos. Eis a identidade dos espiões que ainda não prestaram conta com a Justiça: Ernest Meyer, que foi gerente da Sociedade Alemã Humboldt, à rua do Senado, 245; Floss e Zwilling, pastôres da igreja protestante, à rua Carlos Sampaio, 46, todos no Rio, com filial em S. Paulo.

«QUICK» E' ESGOTADA

A revista «Quick», de 5 de abril de 1953, editada em Munich, na Alemanha, chegou ao Brasil e desapareceu das bancas de jornais. Motivo: publicou uma longa reportagem sob o título: «Hoert Mir Bloss Mit Den Behoerden Auf», o que quer dizer: «Não me falem mais de autoridades». Subtítulos: «O resultado de uma façanha de celerados».

E' comovente a história dos alemães antinazistas, no Brasil, embarcados como nazistas pela Gestapo, cuja divulgação não interessa a determinados grupos alemães em nosso país.

Sete morreram. Os outros vivem miseràvelmente em Witzenhausen, no campo de refugiados de Mattenheim, na Alta Baviera, em Offenbach-Meno, etc. Mas as vítimas da Gestapo escreveram a êste jornalista, juntando documentos e fotografias, e a história será levada ao conhecimento do público, no



Paul Wilck, o único dos 14 alemães que conseguiu regressar, lê a reportagem de «Quick» para o autor dêste artigo. O seu comportamento pode ser atestado pela polícia carioca.

certeza de que o Govêrno Brasileiro mandará apurar as responsabilidades do crime.

O COMÊÇO

Apenas uma das catorze vítimas regressou ao Brasil. E' Egon K. P. Wilck, que ao meu lado reconstitui certos episódios. No «Marine Marlin», na noite de 28 de julho de 1946, foram embarcados, sem processo de expulsão, os seguintes cidadãos: Bruno Minder, Augusto Wentkerel, Alberto Jarolin (austríaco e tuberculoso em último grau), Fritz Otto Fliegner, Albert Bulbeck, Eduard Herman August German, Paul Twiefel, Walter Milbrad, Alfonso Bidinger, Hugo Walter Hirsch (tcheco e a espôsa enlouqueceu), Hans Reif, Robert Oebtinger, Georg Best, Egon Kurt Paul Wilck. Acontece que no «Marine Marlin», de propriedade da Moore Mc. Cormack, requisitado pelo govêrno norte-americano, viajavam vários nazistas de Montevidéu e Buenos Aires, principalmente, tripulantes do corsário «Graff Spee», afundado pelos inglêses em Punta Del Este.

Que fizeram, finalmente, os 14 alemães? Eram criminosos de guerra? Agentes nazistas?

— Não! — protesta Paul Wilck ao meu lado. — Éramos antinazistas, alguns refugiados de guerra. Tínhamos, todavia, o ódio mortal da Gestapo, à frente os agentes Ernest Meyer e os pastôres Floss e Zwilling, que ludibriaram o próprio Serviço Secreto Norte-Americano.

AGARRADOS COMO CACHORROS

Deixo falar as vítimas, que estão no campo de refugiados de Mettenheim, na Baviera:

— Fomos apanhados como cães. Quem primeiro chegou à Polícia Central foi Maurice Ludwig, de quem ouvimos: — «Não fiz nada! Sou inocente! Sou um velho homem! Minha mulher está esperando por mim. Tenham piedade...»

Ajoelhava-se, em súplica, aos gritos, quando cai. E' morto pela emoção. E' o primeiro sacrificado de um cruel destino. Dentro de um grande cubículo, ao lado, estão sentados mais 14 detidos. Olham uns para os outros, aparvalhados, cheios de pavor. Fazia uma hora, apenas, que Ludwig fôra levado ao interrogatório. De súbito a porta da sala se abre e um gigantesco policial grita: Hans Reif!

— «Gostaria de saber o que êles querem de nós» — murmurou o professor Alfonso Bidinger, detido há 12 horas, num café da rua do Senado, sem que lhe fôssem dadas explicações.

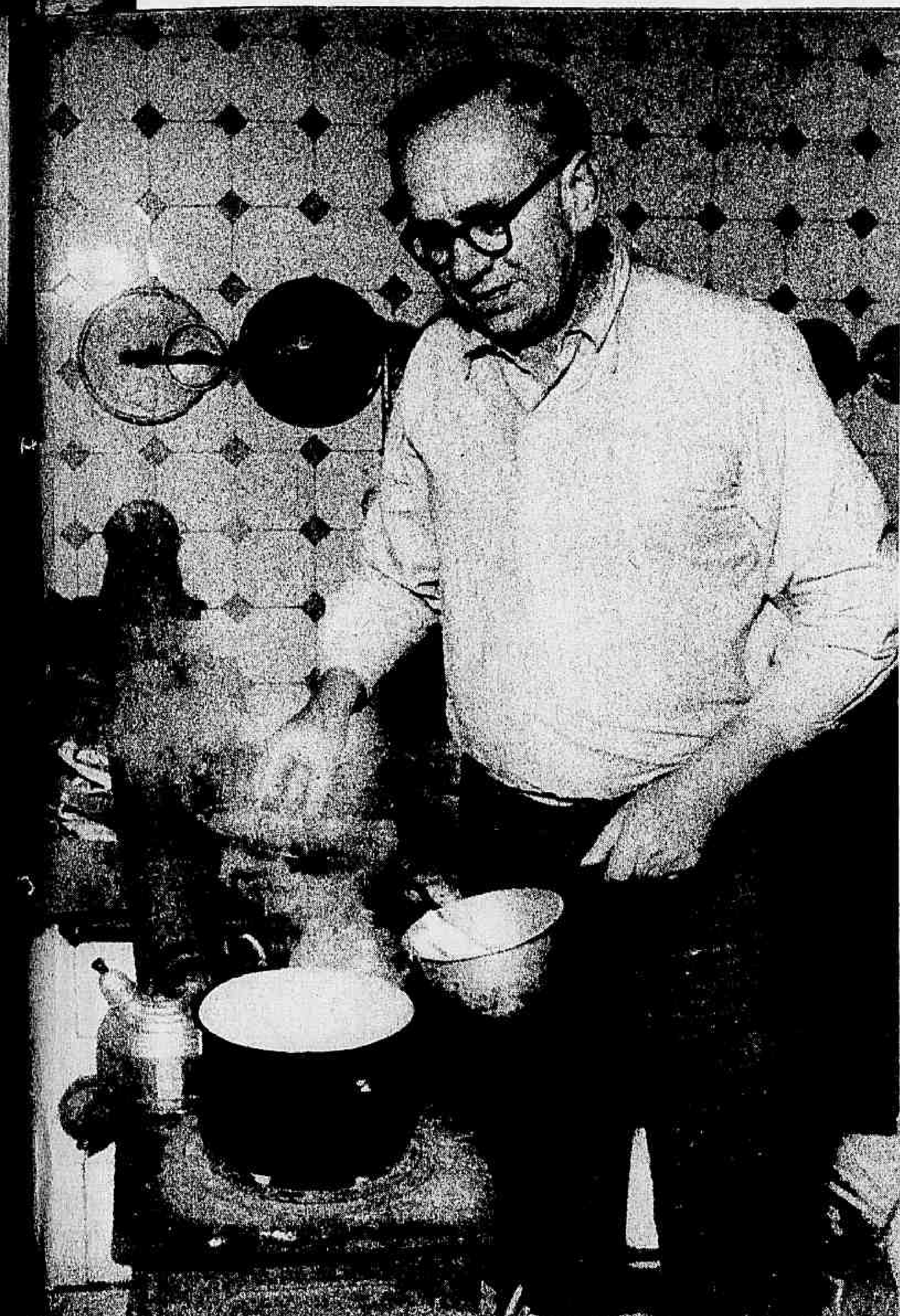
Hans Reif, no gabinete do comissário de serviço na Delegacia de Ordem Política e Social, viu um homem, em pé, seu conhecido. Era Ernest Meyer, antigo agente da Gestapo, o cérebro da trama. Reif explodiu:

— Miserável! Que sujo negócio você armou contra nós!

Torna-se necessária uma explicação do jornalista. Nesta ocasião, em julho de 1946, a guerra já estava terminada há um ano e a Gestapo ainda tinha ação na polícia brasileira. E' por isto que dizem que Hitler ganhou a guerra no Brasil...

Todos passaram pelo comissário da Delegacia de Ordem Política e Social. Os documentos foram arrancados dos bolsos, inclusive as carteiras de estrangeiro de permanência fixa. Os homens andaram pelo gabinete fotográfico e à meia-noite, alheios a tudo, foram

Eduard German, que vivia feliz e tranqüilo no Brasil. Era cozinheiro de um navio e, por fim, fixou residência no Rio. Agora, está tuberculoso, como indigente, num hospital de Witzenhausen.



Alfonso Bidinger, que lutou contra o nazismo. Passa a sua velhice na extrema miséria, no acampamento de refugiados de Mettenhein.



O marceneiro Hans Reif, com dois filhos fazendo o serviço militar no Brasil. Vive muito doente e como mendigo na Alta Baviera.

conduzidos para bordo do «Marine Marlin», onde receberam um cartão com identidade falsa. Houve um movimento de protesto, imediatamente esmagado pelos punhos dos «G-Men».

— Temos famílias! Precisamos avisar as nossas espôsas e filhos. Para onde vamos?

PARTE O NAVIO

O «Marine Marlin» levanta as âncoras. Os 15 homens, no porão, ouvem as máquinas. Um dêles, de aspecto mórbido, se levanta de repente, em sobressalto, com olhar de louco. Seu nome é Hugo Walter Hirsch, de profissão guarda-livros. Lança-se contra a porta fechada, bate com os punhos e grita:

— «Deixem-me sair! Malditos cachorros.»

Ninguém responde. Depois de nove dias de viagem abre-se a porta de ferro e dois marinheiros gritam: — Peter Niklisch!

Hugo Walter Hirsch se levanta. Êle não se chama Niklisch, mas os falsos documentos que lhe foram entregues naquela noite indicam aquêle nome. Por isto êle respondeu: — Peter Niklisch!

Conduzido ao camarote do comandante Charles Wertz, diante de um montão de documentos, foi interrogado:

— Você se chama Peter Niklisch?

— Não! Sou Hugo Walter Hirsch.

Um «G-Men», ludibriado pela Gestapo, no Brasil, retrucou:

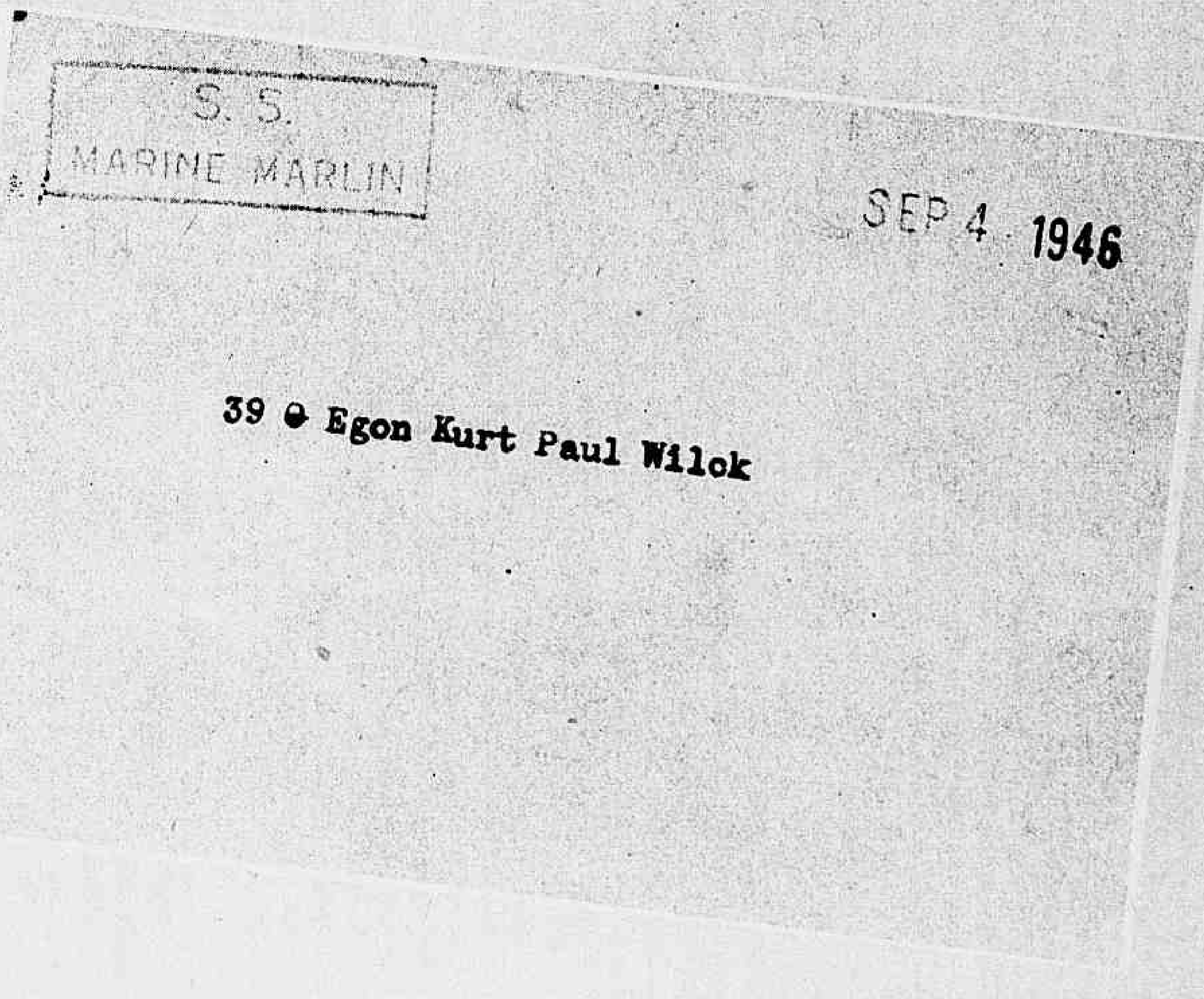
— Você é Peter Niklisch e pertenceu ao N.S.D.A.P. (Partido Nazista Alemão) desde 1934. Faz um ano que chegou ao Brasil...

Walter Hirsch gritou:

— E' mentira! Nasci na Tchecoslováquia e em 1924 emigrei para o Brasil, trabalhando como guarda-livros diplomado. Eu quero saber porque fui prêso e estou nesse navio à fôrça.

Três horas mais tarde, o comandante interrogava o décimo quarto prisioneiro e a sua opinião já era diferente.

— Meu nome é Hans Reif. Nasci em 1911 em Sindlbach, sou marceneiro em Curitiba, onde constituí família. Minha oficina ocupa 14 empregados. Em 1935 foi fundado o Partido Nazista Alemão no Paraná e resolvi boi-



S. S.
MARINE MARLIN

SEP 4 1946

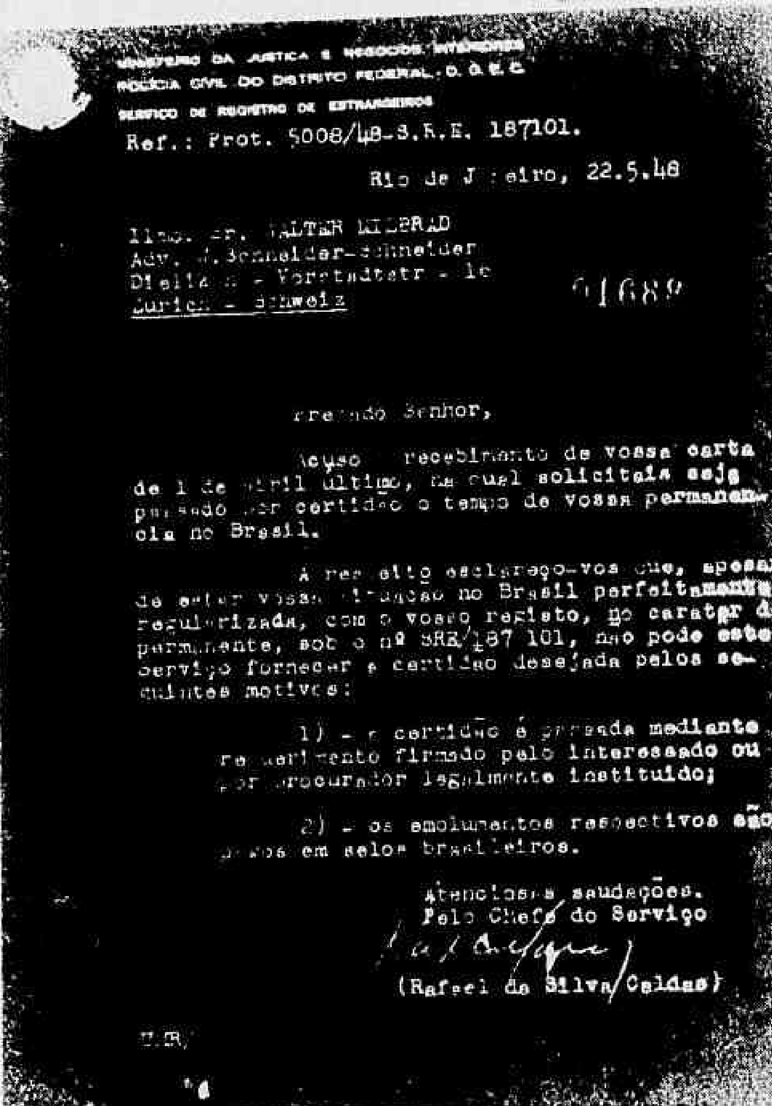
39 ● Egon Kurt Paul Wilok

Com êste papelucho, os alemães democratas desembarcaram no pôrto de Bremerhaven. Os seus outros documentos foram roubados.

CRIMES DA GESTAPO NO BRASIL!



Paul Twiefel, ao lado de sua espôsa, a única que conseguiu recursos para sair do Brasil. Era considerado como líder antinazista.



MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES
POLICIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL - D. G. E. C.
SERVIÇO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS
Ref.: Prot. 5008/48-S.R.E. 187101.

Rio de J[illegible]eiro, 22.5.48

Ilmo. Sr. [illegible]ALTER MILBRAD
Adv. [illegible] Schneider-Schneider
[illegible] - Vorstadtstr - 10
Zurich - Schweiz

[illegible]1689

[illegible] Senhor,

Acuso [illegible] recebimento de vossa carta de 1 de [illegible] ultimo, na qual solicitais seja passado por certidão o tempo de vossa permanência no Brasil.

A respeito esclareço-vos que, apesar de estar vossa [illegible] no Brasil perfeitamente regularizada, com o vosso registo, no caráter de permanente, sob o nº SRE/187 101, não pode este serviço fornecer a certidão desejada pelos seguintes motivos:

1) - a certidão é passada mediante requerimento firmado pelo interessado ou por procurador legalmente instituido;

2) - os emolumentos respectivos são [illegible] em selos brasileiros.

Atenciosas saudações.
Pelo Chefe do Serviço
[illegible]
(Rafael da Silva Caldas)

[illegible]

A certidão do Serviço de Registro de Estrangeiros do Brasil sôbre Walter Milbrad: — «A vossa situação está perfeitamente legalizada...»



O que resta do guarda-livros Hirsch: — um túmulo abandonado em Unterhaching. A sua espôsa está louca na Colônia Juliano Moreira.

cotá-lo por tôdas as maneiras. Desgraçadamente fui vencido pelos nazistas ricos. É por isto fui forçado a vender a minha emprêsa. Trabalhei em várias fábricas de madeira de lei, porém, sempre lutando contra o nazismo. Finalmente, por que estou prêso?»

E a viagem continuou sem grandes novidades. O navio foi até Bermudas e no dia 4 de setembro atracou em Bremerhaven. As vítimas da Gestapo foram arrancadas de bordo e transportadas para um acampamento distante 48 horas. Chegaram, afinal, à velha fortaleza e penitenciária de Hoher-Asperring, transformada em campo de concentração.

As autoridades norte-americanas abriram inquérito em face das contradições dos interrogatórios a bordo e a bomba estourou. Os nazistas ficaram no Brasil gozando das delícias de Copacabana e os antinazistas foram embarcados em seu lugar. Começou a maior odisséia. Sem dinheiro, sem parentes e amigos, foram jogados à miséria. Andaram centenas de quilômetros em busca de um consulado do Brasil. O assunto só poderia ser resolvido pela Missão Militar Brasileira em Berlim-Wannsee. Mas a resposta foi desoladora:

— Não temos dinheiro para mandá-los de volta!

A MORTE

O guarda-livros Hirsch, por exemplo, morreu tuberculoso, como indigente, no hospital de Ludwigsburg. Bruno Minder, com 22 anos de permanência no Brasil, faleceu em maio de 1949. O seu corpo jaz em Unterhaching. A espôsa de Minder, de nome Mary, está louca, no Brasil, internada no Pavilhão Teixeira Brandão da «Colônia Juliano Moreira», no Rio. O marceneiro Hans Reif, casado com brasileira, com seus dois filhos fazendo o serviço militar no Brasil, vive na indigência no acampamento de refugiados de Mettenheim, tendo como companheiro Alfonso Bidinger, casado com uma filha de um oficial do nosso Exército. Hoje recorre à mendicância. Outros morreram, em número de sete.

Eduardo German, antigo cozinheiro, vegeta em Witzenhausen, tuberculoso, atirado no porão de uma velha casa. Com Walter Milbrad aconteceu esta coisa espantosa. Embarcado à fôrça como elemento indesejável, o Serviço de Registro de Estrangeiros do Brasil, em 22 de maio de 1948, respondendo a sua carta

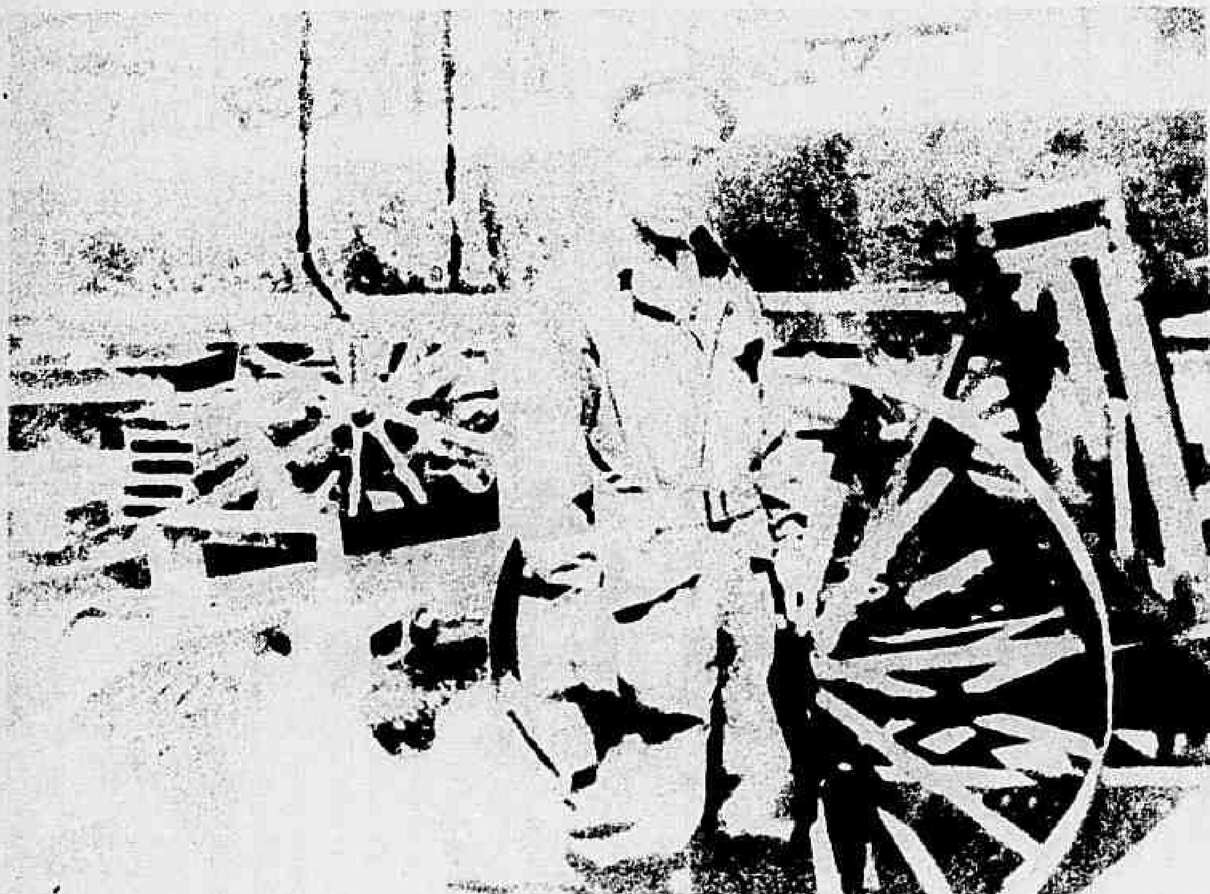
— «Esclareço-vos que a vossa situação no Brasil está perfeitamente legalizada.»
de 1 de abril de 1948, declarou, textualmente

JUSTIÇA

Do fundo dos miseráveis cubículos do campo de Mettenheim, as vítimas que escaparam à morte enviam um apêlo:

— Queremos Justiça!

Ao Ministro da Justiça transmito a súplica dos infelizes que foram arrastados à miséria pela Gestapo, em pleno território brasileiro. O apêlo é extensivo, também, ao Ministro das Relações Exteriores.



Alberto Jarolin, que a despeito de ser austríaco e tuberculoso, já em último grau, foi assim mesmo embarcado à fôrça no «Marine Marlin». A «Gestapo», já com o «Eixo» derrotado, ainda tinha fôrça na polícia brasileira, a ponto de arquitetar a chantagem de um repatriamento.



Walter Milbrad, ao lado de amigos, em S. Paulo. Expulso como indesejável, em 1946, o Serviço de Registro de Estrangeiros do Brasil, em 1948, declarou: «Esclareço-vos que a vossa situação está legalizada no Brasil.»

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 26 ★ 27-6-53

SUMÁRIO

Crimes da Gestapo no Brasil 3/6
Vencido, afinal, o Everest 12/16
O Príncipe ladrão 19/21
O esplendor da vida mourisca ... 25/29
Ainda a coroação de Elizabeth ... 50/53

O gênio e a liberdade 7
Mestre Capistrano 9
O grande prêmio (conto) 11
A Semana Literária 18
As grandes amorosas da História (Cleópatra) 22/23
A Bem-Amada 32/33

A Semana Em Revista 8
A Revista há 50 anos 10
De Rádio 36
De Cinema 37
Janela sôbre o mundo 38/39
Arabelle 41
De Teatro 42
Último flash 54

A luz da psicanálise 16
O riso dos outros 17
Vivendo em pecado 30/31
Capinhas e estolas 43/45
Week-end na cozinha 46
O filho predileto 47
A saude do bebê 47

CAPA: «Chikhates» do marrocos francês (reportagem nas págs. 25 a 29).

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J.M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques: Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 56 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 260,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6º andar, Sala 60.

O GÊNIO E A LIBERDADE



Os gênios, como os condores e as águias, na sua sêde de infinito, só admitem um clima próprio aos altos remígios da criação e da beleza: — a Liberdade! Livres das cadeias convencionais que prendem e nivelam os homens nos limites materialistas do cotidiano, os gênios abrem as asas da imaginação e, levados pelo sôpro inspirador, atingem as regiões sublimes do espírito, onde só os eleitos podem trabalhar na construção das obras eternas da vida. Daí, gênio, liberdade e eternidade, constituírem uma trilogia una e indivisível no tempo e no espaço.

● Despertam-me na mente estas considerações, notícias oriundas de New York que dizem respeito a uma das últimas vontades manifestadas em vida pelo genial Paderewski. Tangido pelo invasor de sua amada pátria e refugiado nos Estados Unidos, o primeiro presidente da República da Polônia, grande compositor e notável pianista, velho e doente, embora querido e admirado, represou os íntimos sofrimentos. De nada lhe valeram a fama e a glória. Refletindo nas suas pupilas de moribundo o drama de sua terra aniquilada, chamou Smolenski, o seu testamenteiro, e recomendou-lhe, expressamente, que o seu coração pertencia à Polônia, mas que só devia enviá-lo para lá quando o sol da liberdade tornasse a iluminar a sua pátria.

● Agora, morre John Smolenski, o executor testamentário de Paderewski. No entanto, a recomendação do grande artista continua de pé. O sr. Edward Imperatora, advogado de Smolenski, assumiu o compromisso de executá-la. No dia em que a Polônia se libertar de tôdas as algemas totalitárias, o coração do filho genial volverá ao solo amado para se integrar no todo infinito onde pulsou, amou e viveu. Magnífica lição de patriotismo que sòmente os sêres privilegiados podem dar ao mundo: — o espírito criador é patrimônio de todos! Mas, um coração sensível de artista só pode repousar numa pátria livre!

MARTINS D'ALVAREZ

A PERSONAGEM DA SEMANA



NO MOMENTO em que encerramos o preparo dêste número, tôdas as vistas da nação e, de certo modo, dos países estrangeiros com os quais temos relações, se voltam para o Govêrno do Brasil, em face das circunstâncias que caracterizam a nossa situação interna, da qual é um índice expressivo a reforma ministerial. Depois de longa espectativa em que as notícias em tôrno da substituição dos ministros de Estado, ora recrudesciam, ora desapareciam do cartaz, veio afinal a solução do problema, evidentemente retardada pelo acidente que, por alguns dias embaraçou as atividades do Chefe da Nação. É, enfim, um desfecho, porque a situação instável que se estabeleceu não era conveniente, sobretudo para os próprios componentes dos ministérios. Foi esta semana que passou, uma das mais atribuladas que temos tido: os marítimos em greve, a propósito de reivindicações que alegam e, mal é deflagrado êsse movimento, o pessoal do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem ameaça igual atitude. São problemas que reclamam imediata solução, além de tantíssimos outros que o novo ministério sob o comando do Sr. Getúlio Vargas terá que enfrentar. A Câmara dos Deputados acaba de aprovar aumento de vencimentos para os médicos do serviço público em geral. Prossegue, pois, a inflação no seu verdadeiro sentido, e as suas conseqüências, nesta altura, já são, em verdade, imprevisíveis. Que o Govêrno, agora com o novo ministério, possa atender aos anseios da nação, são os votos que lhe fazem todos aquêles em cujos espíritos a esperança não desapareceu.



O SR. CARLOS LACERDA, arrolado entre outras testemunhas para **depor** no processo de responsabilidades entre a organização «Erica» e o Banco do Brasil, compareceu perante a comissão de inquérito organizada pelo poder Legislativo, para investigar a respeito das operações da citada emprêsa. O jornalista se deteve por mais de um dia em detalhes sôbre o momentoso fato, apresentando documentos de acusação, sendo o flagrante acima, um dos aspectos dêsses depoimentos. A opinião pública vai acompanhando com o mais vivo interêsse o desenrolar da ação, que ainda está na sua fase inicial.

A SEMANA EM REVISTA





O ANIVERSÁRIO DA «REVISTA» — Enviamos a todos os nossos leitores e amigos, que, por meio de cartas, telegramas e telefonemas fizeram chegar à REVISTA felicitações por ocasião do seu 53º aniversário, os nossos melhores agradecimentos, extensivos aos nossos confrades da imprensa diária e emissoras, que registraram o fato nos mais cordiais têrmos.

Queremos ainda significar especiais agradecimentos aos srs. R. Magalhães Júnior (à esquerda) e Vasconcelos Costa (à direita), respectivamente, da Câmara de Vereadores do Distrito Federal e da Câmara Federal, pelos seus requerimentos às respectivas casas legislativas, solicitando votos de congratulações com inserção nos Anais, pelo transcurso do 53º aniversário desta REVISTA.

EM SETE DIAS...

1 Jorra em Água Grande, Bahia, o poço petrolífero Ag-7-Ba ao atingir a sonda a profundidade de 1 233 metros. No mesmo campo estão localizados mais cinco poços, todos com regular produção de óleo.

2 Depois da declaração de greve dos marítimos, começam entrar em greve os servidores do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), que pleiteiam abono de emergência e salário-família.

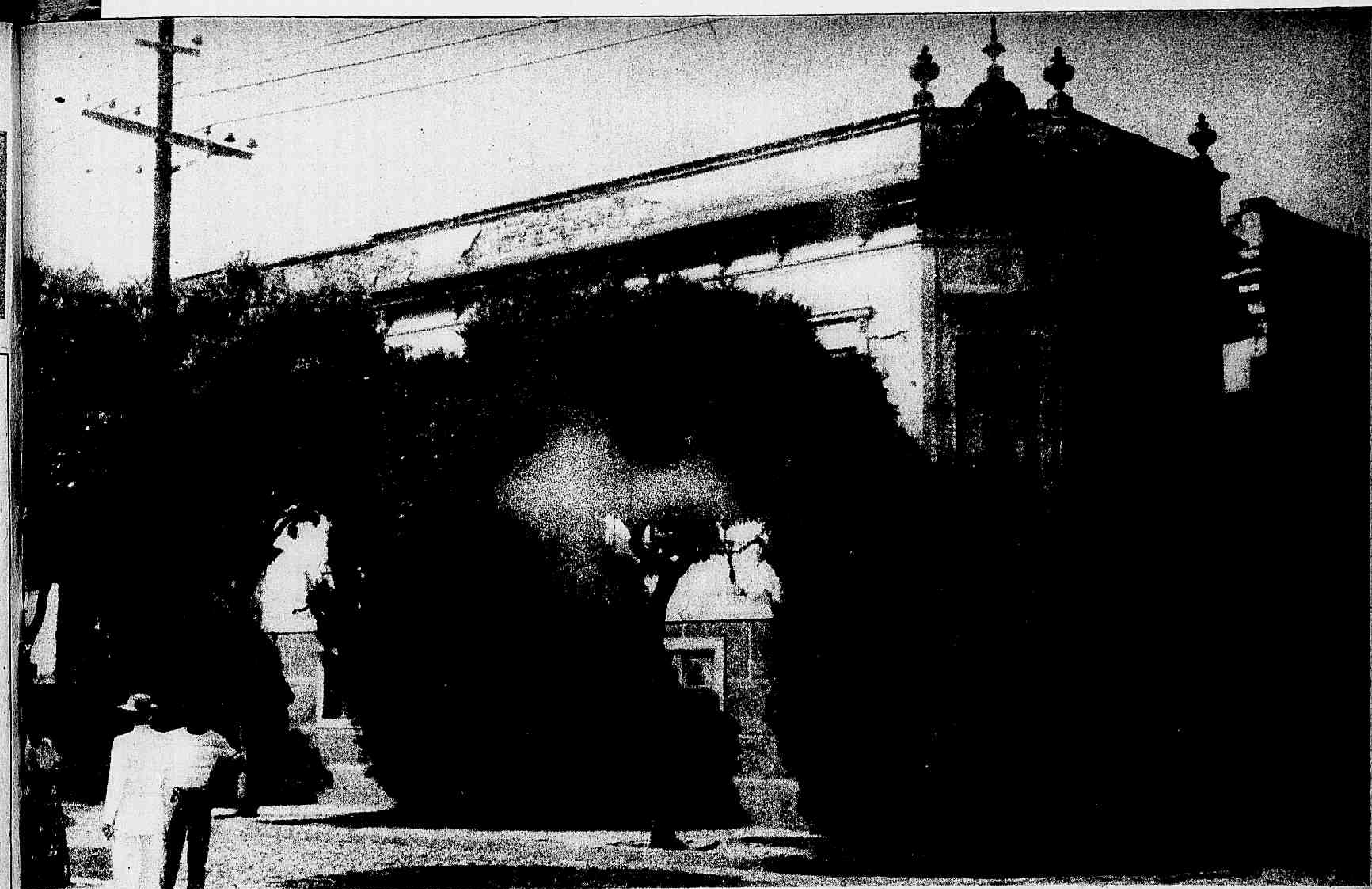
3 Falando a jornais do Rio, o sr. Osvaldo Aranha, novo Ministro da Fazenda, declarou que leva para o govêrno um plano de defesa da moeda brasileira e combate à inflação, dois grandes males atuais.

4 Nota-se, êste ano, em todo o Distrito Federal, sensível declínio no uso e abuso de fogos de estampido, parecendo que está alcançando êxito a campanha de educação do povo contra os velhos hábitos.

5 Encerraram-se as homenagens à Imagem Peregrina de Fátima no Rio, quando a mesma embarcava em avião para Belo Horizonte. No tumulto da despedida, houve ferimentos e vidros quebrados no aeroporto de Santos Dumont.

6 A senhora Hilda Silva Bafa, espôsa do sr. Francisco de Assis Bafa, residentes em Volta Redonda, deu à luz três crianças, a onze de junho. Casados há sete anos, já têm dez filhos. O pai anda abafado.

7 A divergência entre o Ministério da Marinha e o da Educação sôbre a demolição do forte do Buraco, no Recife, acaba de receber despacho do presidente da República, largando a brasa na mão do primeiro. Um buraco...



Casa da antiga Trav. Honorina, 45, em Botafogo, onde morou e faleceu o grande pensador, e que hoje tem o nome de Rua Capistrano de Abreu.

MESTRE CAPISTRANO

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

MUITAS vêzes fui ver Capistrano de Abreu — cujo centenário de nascimento comemoraremos a 23 de outubro dêste ano — na sua casa da Travessa Honorina, 45. Era um porão cheio de livros, a rêde cearense passada em diagonal, pequena mesa ao canto; e nesse ar espêsso, de depósito de biblioteca, a mais estranha das criaturas recebia com uma simplicidade cabocla os seus raros amigos. Cara redonda a que as farripas brancas da barba rala dava um toque patriarcal, de sertanejo velho; fronte descoberta, olhos risonhos, uma constante ironia brincando nos lábios inquietos, céptico, agudo, lento, era — no fim da vida — a imagem do filósofo que se alheara do mundo, para estar perto da verdade. Havia alguma cousa de tapuia no seu perfil, em que achei certos traços amáveis de Sócrates: e um desprêzo impiedoso pela mediocridade. Afamara-se por essa intolerância; porém com a desculpa, de que se media a si próprio pelo mesmo rigor de crítica sumária. Por isto, podendo inundar de literatura, em cinqüenta anos de produção, a curiosidade nacional, publicara tão parcimoniosamente estudos profundos: e repelia com horror a idéia de escrever uma história do Brasil, êle que a sabia como ninguém. Demolia os ídolos da glória, os nomes do dia, os semi-doutos engalanados de falsos prestígios nos folhetins do tempo, com a cutilada de uma frase: e essa pilhéria arrasadora circulava pela cidade, como uma sentença. Era um Voltaire de face nordestina, encobrindo, nesse desdém pelas vaidades fúteis, uma suave organização de homem de bem, a perfeição interior de uma alma ingênua. Cultivou a sátira como uma defesa, uma fórmula selvagem de justiça em que havia uma espécie de canibalismo cariri — dos seus bons índios. Capistrano tinha a natureza contraditória do indo-helênico. A sua fôrça de caráter estava sobretudo nessa fidelidade intransigente à terra, nesse brasileirismo bárbaro misturado a uma perene poesia de origens indiáticas, a que não faltava o sôpro musical das culturas estrangeiras. Um Gonçalves Dias mesclado de Humboldt; temperamento de missionário — com a sua beneditina paciência — empoado da poeira dos arquivos; intérprete eruditíssimo dos mistérios da pátria. Alimentava singulares quezílias. Proferia deliciosos paradoxos. E amava a excentricidade. A isto juntava uma distração boêmia, de sujeito isento das leis sociais, de cidadãos do mundo, anterior às tolices civilizadas, capaz de atravessar uma rua sem ver o tráfego e o povo, dependurado de uma idéia alta como de um fio invisível, acima da trivialidade da existência...

Leis no Brasil? Bastava uma. Com um só artigo. Que pusesse em vigor as leis existentes. Ou outra: que desse vergonha aos homens. Não pertenceu à Academia. Fugia às associações. Confessava: era apenas da sociedade humana; e ainda assim, porque nela o matricularam sem o consultar. Ofendia-se tanto da «consagração», da norma geral, das cousas da moda, que lhes ia ferozmente ao arrepio, com tiradas como esta: demonstraria ser possível escrever uma história do Brasil sem... Tiradentes. Irritava-o o assunto dos bandeirantes. Não porque fôsse contra os paulistas e a favor dos jesuítas, êle, incrédulo incurável: porém porque êra do partido indígena. Aprendeu o caxinauá com dois jovens caxinauás que meteu em casa, ouvindo-os com a atenção pachorrenta com que aquêle filólogo alemão ouvia o papagaio, último remanescente da tribo extinta, pelo qual poderia restaurar-lhe o vocabulário e a gramática. E, à maneira de Nietzche, fazia edições mínimas dos seus livros, certo de que só interessavam a cinco ou seis pessoas, que indicava com respeito: Rio Branco, Calógeras, Rodolfo Garcia (seu parceiro na formidável tarefa de anotar a História, de Varnhagen)... E a propósito de sua passagem pela política, contava, que não fôra Deodoro, porém êle, o proclamador da república. Não tivessem dúvida; e explicava. Em 15 de novembro, pelas dez da manhã, entrara a rua do Ouvidor, com os boatos de revolução espalhados entre os comerciantes, que fechavam, medrosos, as suas casas, e os transeuntes, interrogativos e perplexos. Informaram-no do que ocorrera. Não se enganou no seu prognóstico. O ministério deposto significava a deposição do regime. Não haviam gritado oficialmente a palavra; mas estava na lógica dos fatos. Parou diante do quadro negro suspenso à porta da «Gazeta de Notícias». Tomou inspiradamente de um giz, e, em letras graúdas, resumiu — para o espanto dos cariocas — a notícia fulminante: Está proclamada a república. Retirou-se com a consciência descarregada e o passo tranqüilo, como se aquêle «placard» de jornal fôsse uma página antiga, e coubesse a êle, Suetônio apressado de um império desfeito, concluir de uma penada o texto enfadonho. Sorria, lembrando a façanha; e com uma admirável descrença iluminando a sua montanha de sabedoria, achava que a verdade não está nos grandes acontecimentos, contados em sonora prosa, porém no miúdo pormenor, descoberto pela análise fina. E aquêle homem extraordinário dominava a paisagem brasileira com a sua autoridade de oráculo! A gruta de Delphos foi o porão da Travessa Honorina, 45...

O 17.º ANIVERSÁRIO DO IBGE



O INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística comemorou, a 30 do mês p. findo, a passagem de seu 17.º aniversário de instalação, com um vasto programa, do qual se destacaram a «Páscoa dos Estatísticos e Geógrafos»; a oferta de um quadro a óleo de São José Padroeiro dos estatísticos, pela Prefeitura do Distrito Federal; Sessão Solene no auditório do I.B.G.E., e a inauguração de uma Exposição de Cartografia e Geografia, no edifício Pan-América.

Em cima: flagrante do ato inaugural da Exposição de Geografia e Estatística, promovida pelo Conselho Nacional de Geografia, no momento em que o Desembargador Florência de Abreu, presidente do I.B.G.E., ladeado pelos srs. Cel. De Paranhos Antunes e prof. Maurício Filchtiner, cortava o laço simbólico.

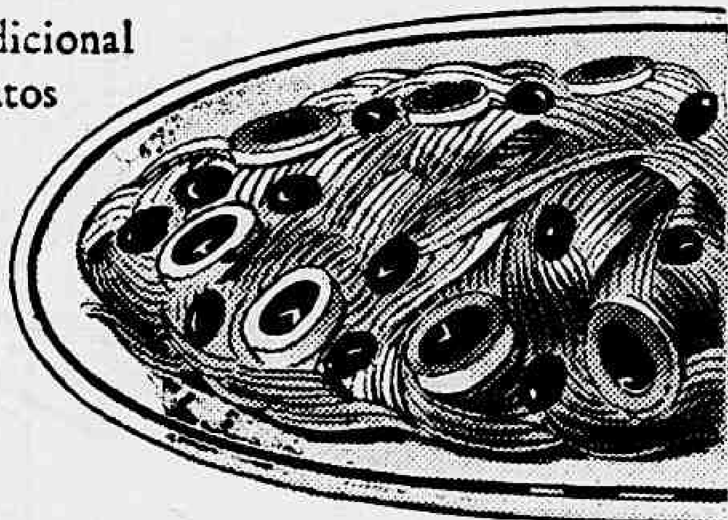
– Macarrão qualquer um faz...

...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.



Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE

a REVISTA há 50 anos

28 de Junho de 1903

CHRONICA

DEPOIS de dez annos de lutas, de incertezas e de pezares, de mistura com muita miseria o povo sente a necessidade de divertir-se, de gozar a vida no que ella tem de agradavel e jocundo. Começam os theatros, os bailes, as corridas, os passeios a ser concorridos. Volta a animação ás ruas e praças. De imensa necropole a capital converte-se, pouco a pouco em centro da vida mental, elegante, opulenta da terra brasileira. Já o foi; quer tornar a vel-o é justa a pretensão: deferil-a e apadrinhal-a é um dever civico. A população respira depois de um longo pesadello que parecia intermino e durante o qual o riso abdicara dos seus direitos, renunciara á sua realeza, depuzera o seu sceptro. Já os comboios electricos perdem o aspecto de wagon transvalianos transportando reconcentrados: os homens perderam esse ar pesado e arrastado de servos da gleba do eito da luta pela vida em busca do pão; caminham altivos, de cabeça levantada, sorvendo com voluptuosidade o sol e a luz, encarando, confiantes, o futuro. As mulheres parecem mais bellas, mais graciosas; o seu pisar é mais leve, o seu riso mais crystalino. São mais ricas as suas toilettes, mais frequentes as suas excursões á rua das intrigas, das elegancias dos boatos, das mil inutilidades que constituem o viver mundano.

Confiante no governo, a população desinteressou-se por completo das vastas e mysteriosas combinações da politica. Quer folgar, folgar, folgar. Deem-lhe avenidas, jardins, bem estar, conforto, civilisação, progresso, que o povo pouco se preocupa com o como e o porque das cousas. É o que Zola chamou «la joie de vivre» depois de dez annos de «requiem» para o coração e a bolsa.

Bem certo é que nenhum povo existe de tão facil governo desde que nos altos cargos a moralidade, a boa fé e o amor patrio elejam domicilio. Nisto mostramos mais uma vez a nossa ascendencia lusitana. Portugal e o Brasil só são infelizes quando os governos o querem. — JACQUES BOHOMME.

Na patria da arte

descobriu-se agora um novo thesouro. Um sargento d'uma arma hellenica pediu a um pintor grego para lhe examinar um quadro que possuia. E este, ante a tela despediu um grito d'admiração.

— Mas é uma verdadeira preciosidade, um authentico Van-Dick.

O quadro representa Christo na Cruz, e fôra comprado pelo avô do militar em meados do seculo XVIII.

LINGUA INTERNACIONAL

HA cerca de dois seculos que o problema de se encontrar uma lingua internacional, tem ocupado a attenção dos philologos. Mais de 150 propostas se conhecem. E todas podem ser classificadas em tres grupos:

Adopção de linguas vivas — O inglez o francez e o allemão, sendo as mais falladas, são tambem as mais preferidas. Alguem já lembrou uma solução intermediaria os francezes aprenderiam oficialmente o inglez e os inglezes o francez. Os outros povos escolheriam entre as duas qual quizessem... e toda a gente do planeta se comprehenderia.

Adopção de uma lingua artificial. — Entre as organisadas a que andou mais na berra foi a do fallecido Volapuk. A moda agora é o **Esperanto**, cujo pae é um sabio russo Zamenhof. Alguns linguistas entendem que é este o melhor methodo de linguagem universal até agora imaginado, outros, porém preparam-lhe varias modificações.

ADOPÇAO DE UMA LINGUA MORTA — O sanscripto, o hebraico, o grego o o latim, são legitimos candidatos a tão brilhante ressurreição. O aspecto rebarbativo do alphabeto das tres primeiras, e outras e mais poderosas razões que seria fastidioso enumerar, afasta-as logo. Resta o latim, que conta denodados partidarios e entre elle Charles André, que publicou em Paris um livro volumoso, propondo esta solução como cousa urgente.

N'esse ponto discordamos. Nós continuamos a escrever em portuguez enquanto os nossos leitores não aprenderam o latim... universal.

Grande Prêmio

Conto de VICENTE C. DE CARVALHO

Ilustração de JERONYMO RIBEIRO

DESDE a véspera da véspera a agitação era grande no majestoso edifício. «Rabos de peixe» roncavam lá fora. Ia realizar-se naquele dia o Grande Prêmio. Acotovelavam-se pobres e ricos, pretos e brancos. Mesclavam-se as côres, predominando as principais, notadamente o vermelho. Puros-sangues corriam nas pistas, impuros, também. Desfile de modas: chapèuzinhos de jóquei, casacos de peles, adereços custosos, sapatos dourados, homens e cavalos... Passavam belas naturais e belezas fictícias, de «Rímel», bombons de carne...

Corridas de cavalos, «Sweepstake», evocação de «Ascot». Rendas e brocados, tafetás e «faille». «nylon» e «godé», perfumes, sutilezas...

Refeitório, alta sociedade: ministros, militares, diplomatas, homens de negócios; binóculos, distâncias reduzidas... Políticos, grãfinos, anéis de grau, cartolas e umbelas, charutos e «mata-ratos». A «arraia miúda» separada... «white Horse» e Coca-cola, Vossa Excelência e você. «Sweepstake», pistas de grama e de areia; retas, curvas e damas... «Poules» e programas, esperanças e nervos, discussões e palpites.



Venâncio apanhava papéis...

Bandeira vermelha: «Foi dada a partida!» Expectativa... Sorte e azar, impaciência; empolgava a tentação da fortuna. Fortuna, dinheiro!... Inflava o bôjo do hipódromo, havia de tudo: homens e mulheres, honestos e desonestos, casacas e blusões, crianças, ladrões e policiais... Viam-se arrogantes e humildes, em pé e sentados, luvas e patas, coletividade; cachimbos e piteiras...

Resfolegavam os quadrúpedes, aproximavam-se do «disco». Gestos e gritos da multidão apostadora.

Venâncio continuava apanhando papéis...

— Vamos, Indiano!... Eta, «burrinho» valente!

— Avante, Flecha D'Or! Dá-lhe, Carmelo! Eia! maestro, é «barbada»!!!

Ondeava o bloco humano encapelado. Mas Indiano «mancara» e trazia a «chave da raia»...

Dançavam os números, o «favorito» decepcionara, «infernando» a «acumulada»...

Largas somas tragavam as portas estreitas da bilheteria. Grande Prêmio.

Um «coruja» garantia que Rifeno iria ganhar à-toa e que o «placê» era certo. Vulcano tinha estado «indócil», não formaria a «dupla». Homens e cavalos... Um «páreo» foi decidido pelo «ôlho mecânico». Rateios e apostas. Cavalos... Nobres viajantes de aviões... Animais aristocráticos que usam gêlo, carne e leite, que tomam banhos medicamentosos e cujos ambientes existenciais são recintos de parades e pisos acolchoados, macios...

Vencedores e vencidos, rebenques e ancas, baios e tordilhos; bridões de prata, camisas de sêda, fotógrafos e cinegrafistas, música. Agigantava-se a jogatina, que a cautela não refregava e a ambição nutria. «Handicap».

Venâncio dos Santos ainda apanhava papéis, era um quase náufrago, naquele mar de atitudes e vozes; ia concluir sua tarefa. Viera, recentemente do interior e, graças à influência de um conterrâneo, desempenhava as funções de servente do Clube de Corridas, onde apanhava papéis, ganhando o pão.

Último «páreo». A fogueira do entusiasmo extinguiu-se, como braseiro exposto à chuva; em pouco, o hipódromo estaria deserto, as apostas haviam sido jogadas... Tremeluziam as primeiras estrêlas.

O servente separava, para vendê-los no dia seguinte, jornais e revistas. Uma coisa brilhou a seus pés cansados; abaixou-se, doeram-lhe os rins de cinqüenta e quatro anos... Riquíssima pulseira de platina e diamantes resplandeceu em suas grosseiras mãos, o relógio trabalhava ainda! Talvez pudesse vendê-lo... Suas filhas não tinham sapatos para ir à escola, a mulher andava enférma e desdentada... Não! Não podia ficar com a belíssima jóia. Devia entregá-la à dona, não era sua. Refrega íntima; honradez e miséria, confusão. Êle nada ambicionava, também era rico: tinha o sol e a lua; tinha a consciência tranqüila, possuía liberdade. E' verdade que, às vêzes, tinha, também, falta de pão!... Mesmo assim, a vida da capital era como a do paraíso. Bastava ter dinheiro, mesmo pouco, para viver vida razoável. Agora, alimentava sua família uma vez por dia. No lugar ingrato donde viera, comia uma vez por semana, quando comia...

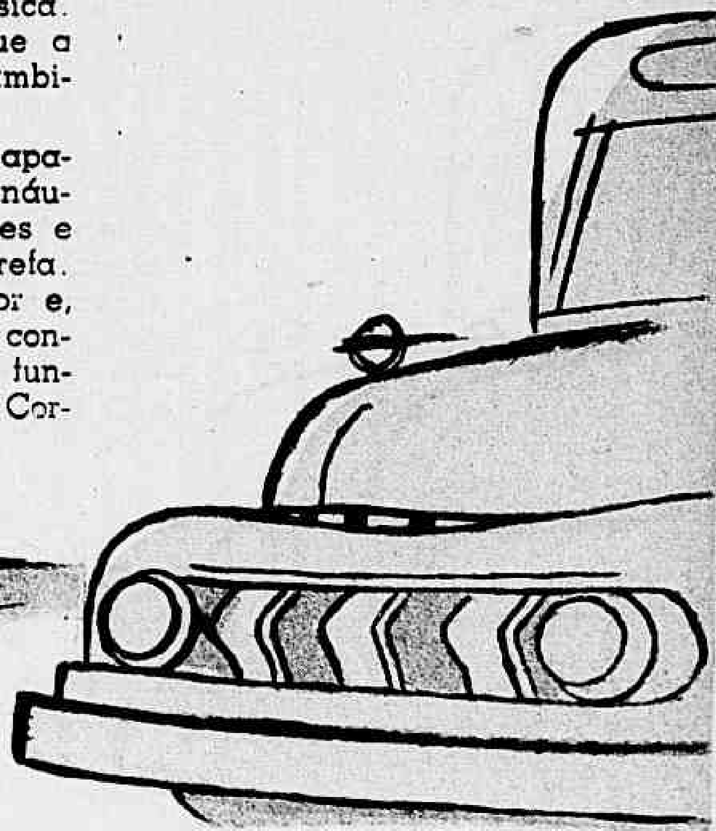
A sêca enxotara-o de sua terra natal, onde deixara a velha mãe, para buscá-la mais tarde. A ocasião não se apresentara ainda, o dinheiro não dava; cada carta recebida era uma queixa, doloroso lamento...

Quando chegou ficou deslumbrado com o cenário, com os costumes, tudo o maravilhara. Belos jardins... Que gente sã, que povo alegre, que vida farta, quantas escolas! Os citadinos gozavam tôdas as comodidades da existência. Assim, era bom viver.

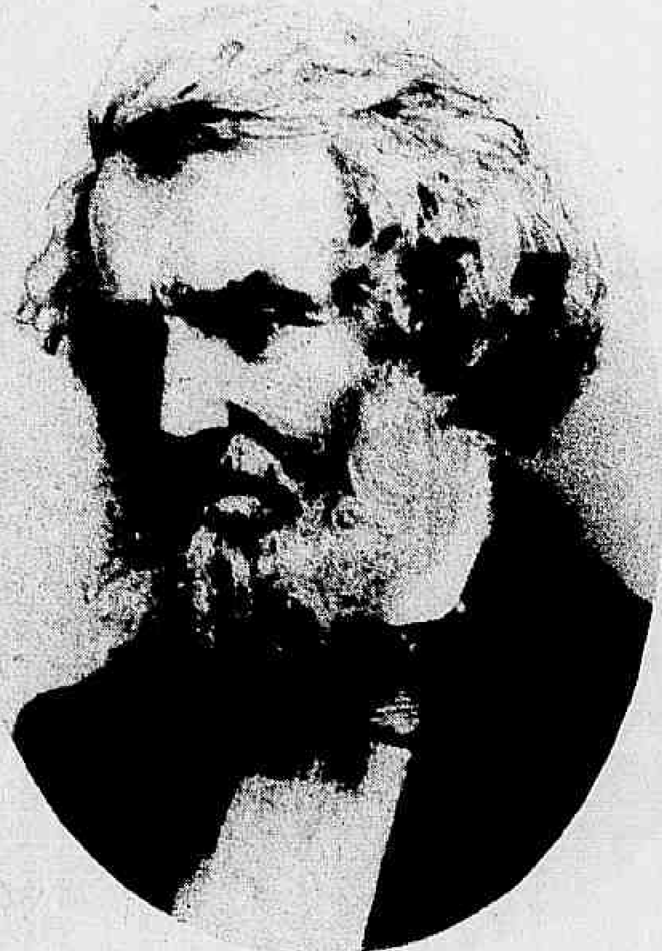
A viagem feita num desmantelado «pau de arara» fôra custeado pelo bom compadre Jesuíno, que possuía «as pratas». Viajara dias e noites, com a família, dormindo em pé, maleitados e famintos; uma filhinha foi enterrada à beira da estrada; a «amarela» devorou-a no caminho... Muitos adultos não resistiram: derrubava velhos e jovens, que ela não escolhe, febrão danado.

Nos primeiros dias, depois da chegada, Venâncio vivia como em sonho. Na metrópole havia tanto pão! A água em abundância, de sobejo, corria à-toa, livre, pelas cascatas, pelas sarjetas... E ninguém ligava! Viajava-se de avião!

(Cont. na pág. 40)



VENCIDO, AFINAL, O
EVEREST



Sir George Everest, que mediu a montanha.

HISTÓRIA DA MONTANHA INTRANSPONÍVEL — AS TENTATIVAS — A ÚLTIMA EXPEDIÇÃO — HOMENAGEM À RAIHA DA INGLATERRA — SERÁ O EVEREST O PONTO MAIS ALTO DO HIMALAIA? — OS HERÓIS DA VITÓRIA

reportagem de RENÉ MALHERBE

Fotos KEYSTONE e B.N.S.

DESDE a conquista do Pólo Norte por Peary e do Pólo Sul por Amundsen, em 1909 e 1911, respectivamente, restou a todos os homens de fibra e de coragem a tarefa mais árdua de quantas existiam no setor das explorações de regiões desconhecidas. O Monte Everest, pico culminante da Cordilheira do Himalaia e ainda a mais alta montanha do mundo, com seus 8 888 metros, se elevava, ameaçador, desafiando todos aquêles que ousassem escalá-lo.

E, assim, durante mais de trinta anos, algumas dezenas de exploradores das mais diversas nacionalidades procuraram atingir o somé do Everest, que era considerado por muitos como inacessível.

Naquelas altíssimas paragens, situadas na subestratosfera não condensada, a mais de 36° Centígrados abaixo de zero e com terríveis ventos que sopram a mais de 150 milhas por hora, a vida é pràticamente impossível, e o organismo humano não é capaz de resistir por muito tempo a esses condições climatéricas.

O famoso monte, que está situado na fronteira entre o Nepal e o Tibet, só teve a sua altura determinada cem anos atrás pois, anteriormente, aquêles dois países não permitiam a entrada de expedições estrangeiras nos seus territórios.

Mais tarde, com os estudos que se fizeram em tôrno da Cordilheira do Himalaia, a altura do Everest (que foi designado em princípio como o Pico n. XV) foi calculada em 8 888 metros. O mais alto monte do mundo recebeu então a denominação que até hoje conserva, em homenagem a Sir George Everest, chefe da comissão de estudos que fêz o mapa da região da Cordilheira, em 1841.

Sòmente na última década do século os homens começaram a pensar no Everest. Chegaram os membros do Clube Alpino a cogitar, por diversas vêzes, de um reconhecimento no mais alto pico do mundo. Isto não pôde ser feito em virtude das constantes negativas do govêrno da India. Sòmente em 1919, o Dalai Lama do Tibet deu consentimento para que se fizessem explorações no Everest

Uma vista panorâmica da seção do Himalaia em que está situado o pico Everest.



Vista da rota denominada «Western Approach», seguido por expedições posteriores à guerra, vendo-se o pico Everest à esquerda.

Assim, em 1920, aprestou-se a primeira expedição, cuja função era a de efetuar reconhecimentos, traçando as rotas a serem seguidas nas explorações posteriores. A mesma era formada apenas por quatro homens: dois escoceses, Harold Raeburn e Dr. Kellas, e dois inglêses, George Leigh Mallory e G. H. Bullock. O Dr. Kellas morreu de um colapso cardíaco, durante a primeira parte da expedição. Raeburn, por sua vez, adoeceu e foi obrigado a voltar. Mallory e Bullock prosseguiram, e escalaram parte do monte, chegando a uma altitude de 5 550 metros.

Em setembro de 1921, Mallory e Bullock, em companhia de dois outros montanhistas, Morselead e Wheeler, fizeram um novo reconhecimento das rotas a serem utilizadas para alcançar o somé do monte, levando consigo 14 carregadores «Sherpas».

Antes que essa expedição deixasse o Tibet, o Comitê do Everest, reunido em Londres, resolveu que a primeira tentativa de escada do pico seria realizada em 1922, sob a direção do General C. G. Bruce. Julgava o Comitê que o corpo humano seria capaz de resistir à penosa ascensão, pois o Duke de Abruzzi conseguira chegar à prodigiosa altitude de 7 380 metros, no monte que tinha e denominação de K2, na região do Kashemira. No entanto, os fisiologistas de nomeada pensavam que nenhum homem poderia subir mais e continuar vivendo. As células do corpo são alimentadas de oxigênio, o qual é transportado pelos glóbulos vermelhos do sangue. A grandes altitudes, onde a pressão atmosférica é baixa, o oxigênio vai sendo dissolvido, ate um ponto em que o organismo humano não mais resiste e sucumbe. Se um homem fôsse lançado de pára-quedas sôbre o cume do Everest sem estar provido de um aparelho de oxigênio, morreria ràpidamente. Se a pessoa sobe gradativamente, demorando vários dias para alcançar 4 500 metros, e outros dias mais na ascensão até 6 000 metros, sofre um processo de aclimatação, isto é, o seu corpo se adapta às condições ambientes, fabricando maior quantidade de glóbulos vermelhos para suprir as deficiências no transporte do oxigênio. Quando um homem vive no nível do mar, o número normal de glóbulos vermelhos no seu corpo é de 5 000 000; quando está completamente aclimatado às grandes altitudes, êsse número cresce para 9 000 000 ou mais.

Em 1921 no entanto, isto ainda não estava definitivamente estabelecido. Os fisiologistas prediziam que o processo de aclimatação cessaria a uma altitude de 6 000 metros, e a questão continuou a existir. Com as expedições posteriores ao Himalaia, ficou provando que o corpo humano possui grande resistência, podendo adaptar-se às grandes altitudes, pelo menos num período de tempo relativamente curto.

★

Nos anos que se seguiram, muitos foram os montanhistas que tomaram parte nas tentativas de escalar o poderoso Everest, tornando-se famosos em todo o mundo. George Leigh Mallory, componente das duas primeiras expedições, retornou ao ataque em 1924. Nesta última tentativa, de conseqüência fatal, teve como companheiro A. C. Irvine. Os dois foram vistos pela última vez subindo, através do nevoeiro, a uma altitude aproximada de 8 720 metros, e não mais retornaram. Dois dias antes, ou seja, em 6 de junho de 1924, o coronel E. F. Norton chegou a 8 650 metros, sòzinho, pois teve que deixar atrás o seu companheiro, Dr. T. H. Somerwell, atacado do «mal de montanha». Norton também foi obrigado a desistir, em virtude dos terríveis efeitos paralisantes dêsse mal.



Êste é o herói da conquista do Everest, Edward Hillary.



Norkey, o guia de Darjeeling, que também chegou ao cume.



Eric Shipton, um dos heróis da escalada ao famoso pico.



O assalto ao Everest teve a presença do Coronel J Hunt.



Já nas proximidades das faldas da imensa cordilheira do Himalaia, a expedição que fazia a escalada descansa no pouso de Bhatgaon.



Desde as experiências dos alpinistas suíços, verificadas no ano de 1952, uma das grandes preocupações nessas subidas é o oxigênio.

Ainda no mesmo ano, houve uma terceira expedição, que foi obrigada a desistir em meio à escalada, quando uma avalanche matou sete dos carregadores.

Em 1933, enfrentando o mau tempo reinante, Wyn Harris (hoje governador de Gambia) e Lawrence Leger alcançaram uma altitude de 8 460 metros, achando uma picareta de alpinista, que se supõe pertencer a Mallory. Dois dias depois, Frank Smythe e Eric Shipton fizeram nova tentativa, que resultou infrutífera.

Em 1936, a expedição organizada por Rutledge conseguiu apenas os mesmos resultados que as anteriores, em virtude do mau tempo.

★

Até 1951, a rota preferida era a da Índia, através dos desfiladeiros do Himalaia, até o Planalto Tibetano, e daí, rumo à encosta norte do Everest, pela geleira E. Rongbuk. Intrigado pela conformação do flanco sul do monte Eric Shipton chefiou uma expedição de reconhecimento, em 1951, esperançoso de que a bacia Ocidental constituísse a chave do sucesso para a dificílima escalada. E, de fato, essa expedição serviu de trampolim para o feito de Hillary, pois mostrou que o maior obstáculo no grande vale eram as massas de gêlo quebradiço da geleira Lhotse, sendo o vale fechado por enormes picos, com mais de seis mil metros.

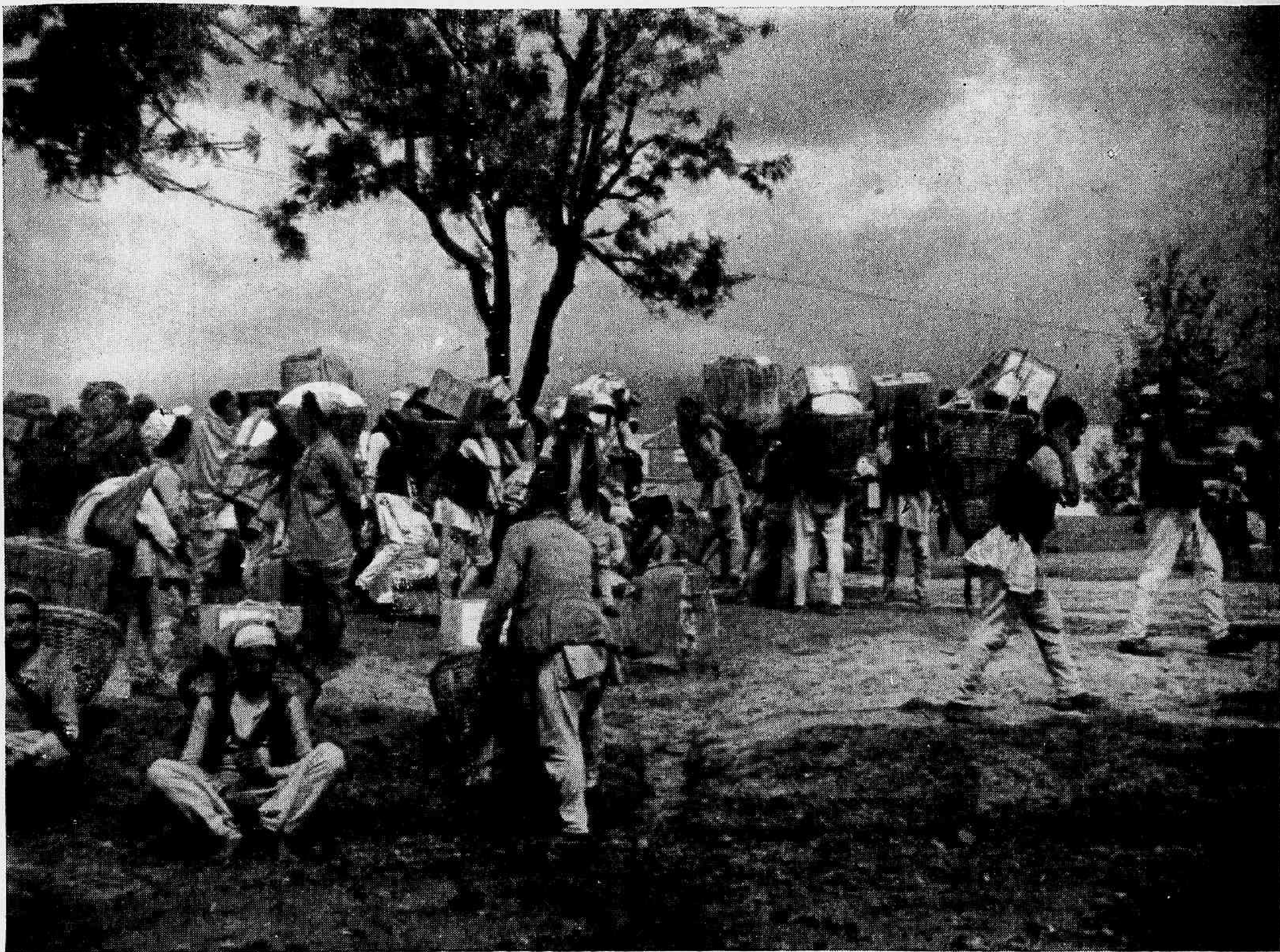
Em 1952, René Lambert, guia alpino, e o «sherpa» Tensing, natural do Nepal, escalaram a Garganta Sul, atingindo cêrca de 8 710 me-



O neo-zelandês Ed. Hillary, de 34 anos e apicultor em sua terra, entre o guia, que também chegou ao pico, e um outro elemento do grupo.



Grupo de alpinistas na expedição ao Everest (1922) quando, pela primeira vez, foram usados inaladores de oxigênio, acima de 25 mil pés.



Alguns dos numerosos carregadores da expedição à cordilheira do Himalaia, ao deixarem o acampamento de Bhatgaon, após o descanso.

tros, marca pouco inferior à obtida por Mallory e Irvine.

Finalmente, em maio de 1953, fêz-se uma nova tentativa, poucos dias antes da Coroação da Rainha Elizabeth II, numa homenagem à nova soberana da Inglaterra. Sob a chefia do coronel Hunt, a expedição pôs-se em marcha e, a partir de um ponto escolhido para acampamento, Edmund Hillary e Tensing Norkay iniciaram a escalada, que foi feita com sucesso, tendo sido hasteados os pavilhões britânico e nepalense no cume do terrível Everest, que acabava de ser vencido.

Esta foi a quarta tentativa de Hillary, um



Componentes da expedição de 1924, conduzida pelo Brigadeiro G. C. Bruce, fotografados numa das bases da escalada. Ainda desta vez não foi vencida a íngreme montanha.



Alpinistas britânicos da expedição de 1953, ainda no navio, antes de deixarem a Inglaterra em demanda de Katmandu, Nepal, para a grande aventura de conquista da montanha.



Sherpas pesando suas bagagens numa balança armada em vigas de bambu, no acampamento de Bhatgaon. Ao fundo, o maciço do Himalaia.

VENCIDO, AFINAL, O EVEREST

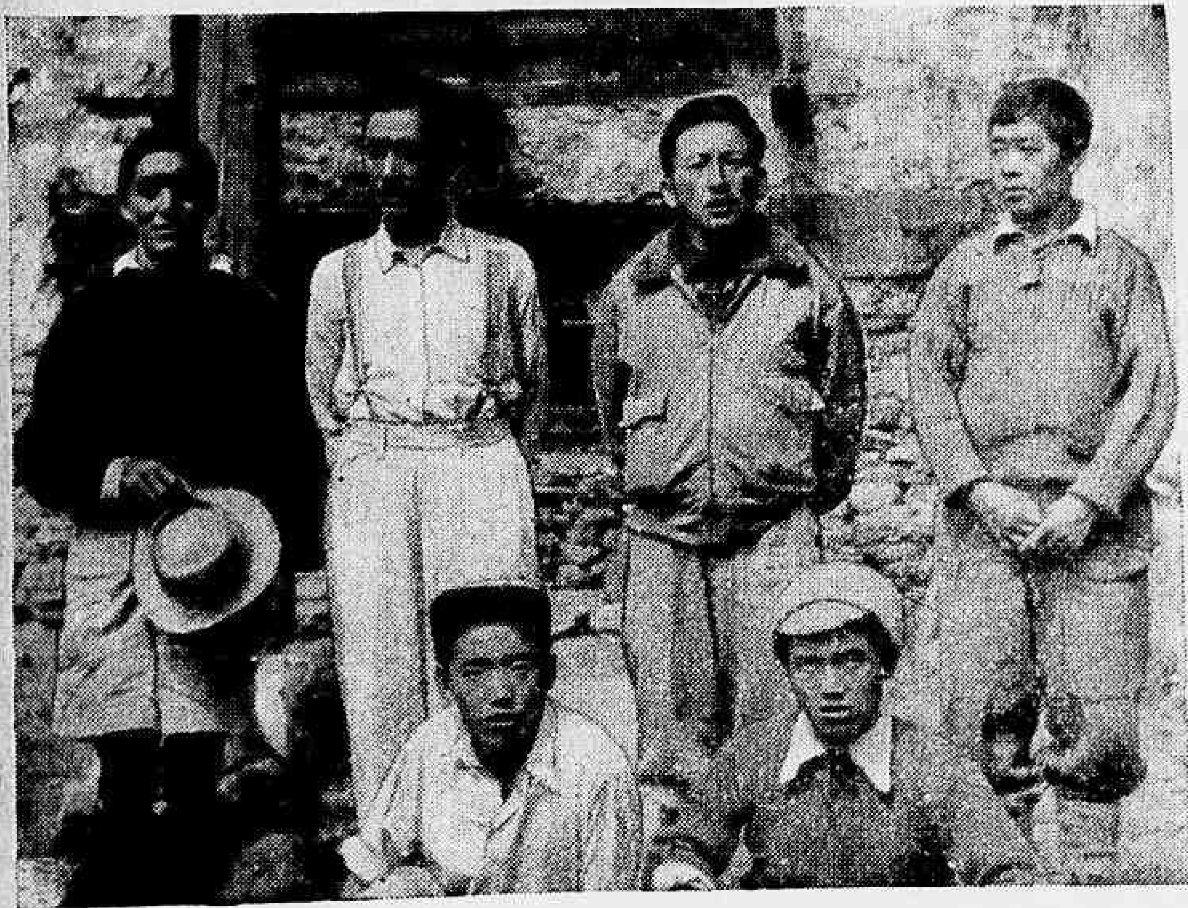


No quartel-general do acampamento de Bhatgaon, carregadores nativos da expedição e alguns sherpas (guias) contam o salário do dia.

apicultor neo-zelandês, que começou a escalar montanhas em sua terra natal. Tensing, apelidado «o tigre dos tigres», tentava a penosa escalada pela sétima vez, e estava empenhado em seu propósito há vinte anos. Conta atualmente 39 anos de idade, ao passo que seu companheiro tem 33 anos.

Quando esta reportagem estiver sendo lida, a expedição já deverá ter regressado a Katmandu, e informes mais completos a respeito da sensacional façanha deverão ser divulgados. Os preparativos da expedição foram realizados com o mais meticuloso cuidado, e a escalada se efetuou por etapas, tendo o último acampamento na encosta sul da montanha sido estabelecido a 22 de maio; e o pico foi alcançado sete dias depois.

Segundo alguns geógrafos, o Everest não é o ponto mais alto do Himalaia. Afirmam que o Gaurisankar é o verdadeiro pico culminante da cordilheira, o qual não foi ainda escalado. De qualquer forma, porém, a conquista do Everest não deixa de se constituir na maior façanha do montanhismo, em todos os tempos; mesmo que fique provada a afirmação dêsses geógrafos, o notável feito não ficará em nada diminuído, pois o Everest é reputado a montanha de mais difícil acesso, em tôda a Cordilheira do Himalaia.



Auxiliares da expedição inglêsa anterior à atual, e que, com muita resistência e também grande bravura, atingiram elevada altitude.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● ILUSTRE DESCONHECIDO:

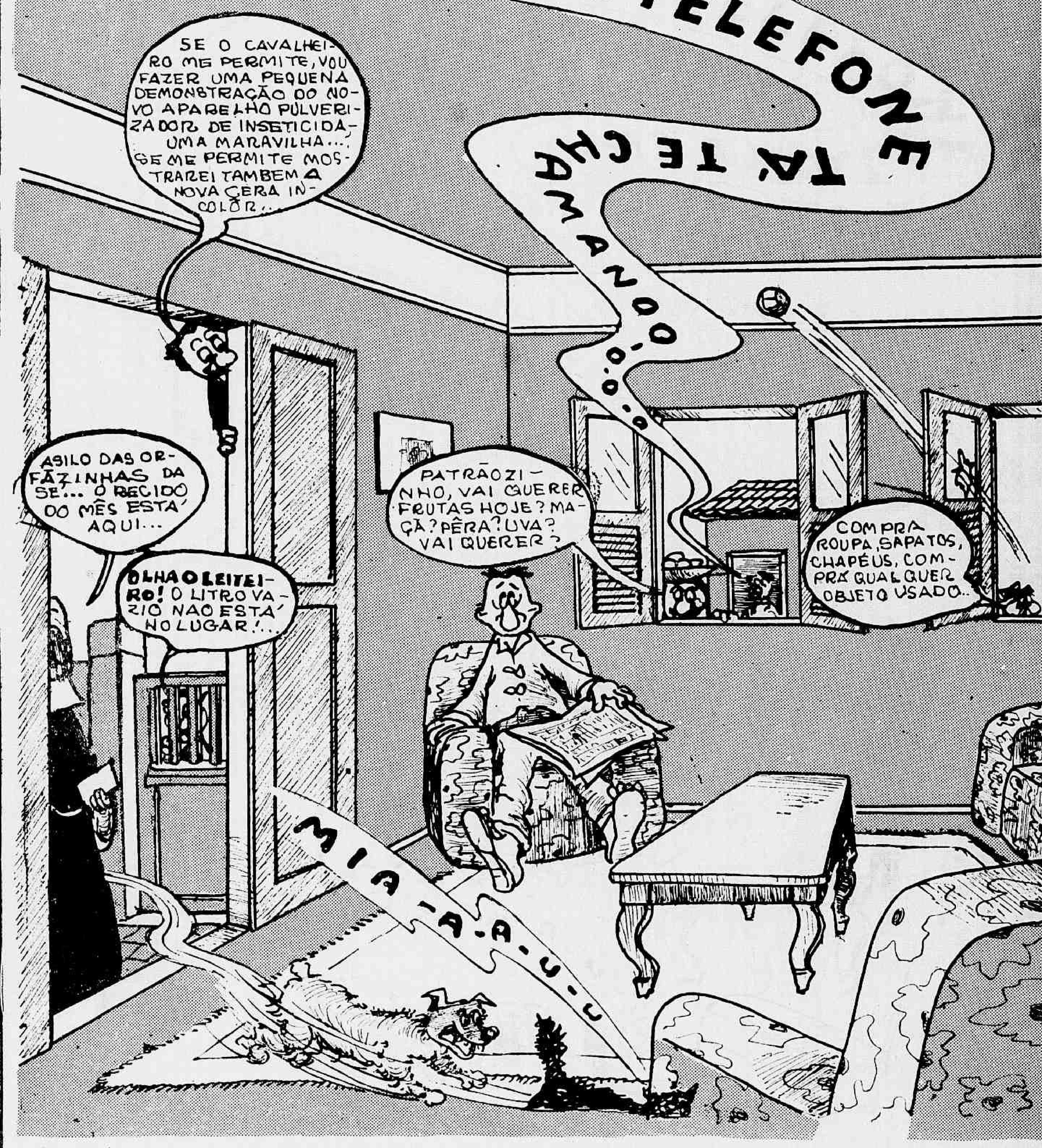
SONHO: — Eu me achava num lugar de ligeiro declive, coberto de vegetação rasteira, arbustos retorcidos e bananeiras. Passeava por ali num vaivém contínuo, às vêzes agachando-me para não esbarrar nos arbustos, cruzando com pessoas desconhecidas. De súbito, vi-me transportado para um lugar onde todos choravam e todos me eram estranhos. Lá estava numa espécie de caixão, ou, melhor, quase que numa tábua, o cadáver de uma moça amortalhada de azul claro. Interpus-me entre o caixão e os presentes e, dominado por uma idéia fixa, afirmei obstinadamente que a moça estava viva. Dois homens agarraram-me pelo braço; tentei resistir, quando vi que a moça se levantava lentamente, realmente viva. Passei novamente pelo local dos arbustos e fiquei como louco porque a moça havia desaparecido e eu a procurava inùtilmente. Após alguns dias ela reapareceu e veiu agradecer-me; pude vê-la perfeitamente e até hoje não consigo esquecer-lhe o rosto, tal a impressão que me causou. Disse ser prima de uma moça que eu conheço, e que não lhe permitira vir antes de passados quinze dias. Fêz questão de dar-me um beijo no rosto. Quando me acordei, minha irmã contou-me que havia sonhado que eu tinha morrido. Meu entêrro fôra concorridíssimo; ela e minha mãe choraram muito; mas, à tarde, eu voltava, vestido de branco, com as mãos enfaixadas, dizendo que havia cavado o chão para sair da sepultura. Quando eu cheguei, ela estava lendo a notícia de minha morte no jornal. Meus amigos encontraram-me na Avenida e fugiram de mim.

INTERPRETAÇÃO: — Interpretando seu sonho, vou aproveitar os vários símbolos que nêle aparecem. E' possível que haja em sua vida qualquer situação que lhe pareça instável, podendo a cada momento dar-se um baque (declive) perdendo você a oportunidade de melhorar (arbustos contorcidos, ação de agachar-se). Sua alma vive um momento de inquietação e você não encontra apoio nas coisas que o rodeiam (vaivém contínuo). E' comum ver-se em sonhos pessoas, lugares e objetos desconhecidos, o que fortalece a teoria de que o espírito, enquanto dormimos, se afasta do corpo e percorre regiões de outros planos, extra-terrenos, ou mesmo terrenos, porém em longínquas paragens desconhecidas (local e pessoas que não conhecia). Os ataúdes, em todos os tempos, sempre representaram a morte; porém, em metafísica — vou valer-me dessa ciência para analisar pedaços do seu sonho — êles se relacionam com a morte do eu inferior e a natural sublimação e ascenção do eu superior, transformando-se as más tendências em sentimentos altruísticos e elevados (caixão, moça amortalhada). Todo ser humano é completo em seu Ego — essência Divina — e também no organismo fisiológico, isto é, tôdas as criaturas possuem em si elementos naturais de ambos os sexos: positivo para o sexo forte, negativo para as débeis filhas de Eva; podemos, pois, dizer, que os dois sexos existem em estado embrioxário, tanto no homem, como na mulher. Por isso, êles se completam. As mulheres, atribuem-se sentimentos mais delicados, mais sutis. Pelo seu sonho, vejo que você deve possuir uma alma sentimental, vibrátil, um coração bem formado (moça amortalhada, mas viva), porém, nem sempre é bem compreendido e, às vêzes, é mal julgado. Procura, então, sufocar suas emoções (obstinação, idéia fixa) e tenta transformar o seu íntimo, tornando-o invulnerável ao mundo exterior, ao sofrimento e às dores alheias, mas sempre em vão (moça que se levanta) pois continua a inquietar-se por tudo o que vive. Nesse estado, tem sentimentos díspares de uma dupla personalidade (volta ao lugar primitivo, moça que desaparece). Então, ora escorraça o mal e deixa o bem expandir-se, ora se revolta e procura ser ríspido (sua quase loucura). Para finalizar, encontro uma transferência onírica na pessoa da moça desconhecida, que era prima de sua amiguinha. Você e sua irmã são dois magníficos **psiquistas** que, se bem aproveitados, poderiam fazer cousas fabulosas e esclarecer muitos mistérios do além-túmulo. Assegurando maior firmeza, fortalecendo a teoria da fuga do espírito durante o sono e as viagens que êste pode empreender, está aí o sonho de sua irmã, mostrando que vocês percorreram juntos os mesmos caminhos, diferindo, apenas, as sensações externas de percepção e recção nas interpretações do sensório. Você vê uma moça amortalhada, porém viva (parte feminina de sua alma) e sua irmã o vê morto, mas com as mãos enfaixadas por as ter ferido para se livrar da sepultura (esforços que você faz para alijar de sua alma todo o mal). Que perfeita similitude entre os dois sonhos!

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

DELÍCIAS CARIOCAS
6 — Casa de vila

CRIAÇÃO DE DARCY



UM AUTOR:

MURILO RUBIÃO



O contista dêsse excelente «O Ex-Mágico», um dos escritores mais dotados de nossa nova ficção e que, entretanto, pelas conhecidas deficiências editoriais de nosso país, ainda não caiu na grande corrente de leitores, terá em breve um novo livro em circulação, lançado pelas Edições Hipocampo e intitulado «Os Dragões». Lamentamos apenas o fato da Hipocampo destinar as obras ali tiradas a um público muito reduzido, aos leitores-assinantes. Felizmente, outra notícia se junta a essa: «Os Dragões», bem como «O Ex-Mágico», estão interessando a outros editôres que, pròvàvelmente, lançarão segundas edições dêsses livros, assim colocando o contista mineiro, tão originalmente kafkiano, em contato com o grande público que precisa ter, sendo totalmente injusto que, mesmo em meios literários dos mais interessados em nossos valores, Murilo Rubião ainda continue ignorado. «O Ex-Mágico» é, sem dúvida, um dos três ou quatro livros de contos de real importância que apareceram nos últimos dez anos, tanto pelo valor de sua fantasia, por sua forma, como pelo lirismo de suas histórias curtas, verdadeiros padrões de conto moderno.

FIXADO EM BELO HORIZONTE, produzindo sem estardalhaços, retirado em sua província, com êsse pudor de atitudes que marca os valores autênticos, Murilo Rubião não pertence a nenhuma das cooperativas de elogios trocados que florescem em nosso tão organizado mundo literário, êsse mundinho que acaba às vêzes supurando em escândalos como êsse do concurso do IV Centenário de São Paulo...

Agora que Murilo Rubião novamente voltou à direção da Rádio Inconfidência, para restaurá-la nas suas finalidades culturais, encontrará por certo vagares mais longos para trabalhar também a sua obra de ficcionista, tão afirmativamente iniciada.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● **JURISPRUDÊNCIA DO REPOUSO REMUNERADO** — Uma obra de grande interêsse, esta que nos dá B. Calheiros Bonfim, sôbre a jurisprudência do Repouso Remunerado que traz, em apêndice, as leis e decretos reguladores do assunto, assim esclarecendo completamente a controversa matéria de direito. Em cuidada edição da C.E.B., trata-se de obra de grande utilidade, tanto para empregados como para empregadores e particularmente para advogados.

● **CIDADE** — Não fôsse o fato de estar já aqui há muito tempo, à espera de um registro, falaríamos mais longamente sôbre êste novo livro de poemas de Geraldo Vidigal, poeta paulista que marca por uma autêntica vocação lírica, na nova geração. Trata-se de uma excelente coletânea de poemas modernos, em que se associam os ritmos novos e a velha emoção. Dominando perfeitamente seu meio expressivo, Geraldo Vidigal escreve seus poemas com sensibilidade e comove pela simplicidade cotidiana de seus versos e de seus assuntos. Dir-se-ia que o problema social lhe interessa de muito próximo, mas também se dirá que o calor humano de seus poemas salvam sua poesia do dirigismo e da política. Livraria Martins Editôra.

● **THE DAY OF THE TRIFFIDS** — Por gentileza do Conselho Britânico, recebemos êste romance de John Wyndham, que retoma a ficção fantástica com grande segurança e nas melhores tradições do gênero. O nome de Wells, lembrado pelos críticos, a propósito dêste romance, é realmente oportuno. As fantasias wellesianas encontram sua réplica neste excelente romance, aliás o primeiro do autor de tantos contos e novelas, publicados sob outros nomes. Edição Michael Joseph, Londres.

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS...

REALMENTE de estarrecer, êsse escândalo dos concursos literários do IV Centenário de São Paulo. Guilherme de Figueiredo renunciou-o, em carta dirigida ao sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, propondo-se pedir a anulação do concurso de romance e, conseqüentemente, a do concurso de teatro: a primeira, porque é concorrente e teve conhecimento de que Marques Rebelo, membro do juri, ao saber que um dos romances era de sua autoria, resolveu cabalar contra êle: a segunda porque Nelson Rodrigues, um dos concorrentes, revalou a êle. Figueiredo, membro do juri do concurso de teatro, que concorria com tal peça...

★

RIBEIRO COUTO, agora entre nós, vai ser homenageado por seus muitos amigos com um almôço que se realizará no dia 24 do corrente, na A.B.I. e para o qual, como fàcilmente se imagina, as adesões são numerosíssimas. Peregrino Júnior, um dos promotores da homenagem, estêve até à última hora indeciso quanto ao local do almôço, continuando ainda apreensivo, por não ter escolhido o Maracanã, onde melhor se acomodaria a enorme torcida do Couto...

★

E, POR FALAR EM ALMÔÇO, quem recebeu um, muito justo e presidido pelo governador Lucas Garcez, foi José de Barros Martins, um dos editôres que mais têm feito pela valorização da obra gráfica e pelo lançamento de valores novos, em nosso mercado livreiro, através da prestigiosa Livraria Martins Editôra. Foi motivo para essa homenagem a passagem do décimo terceiro aniversário das atividades comerciais e editoriais de José de Baros Martins.

Fradique

UM LIVRO

"RELÓGIO DE SOL"

PAULO BOMFIM, poeta consagrado desde sua estréia, com «Antônio Triste», tendo confirmado os prognósticos da crítica, com os poemas de «Transfiguração», publicou, no comêço do ano, êste «Relógio de Sol», abundante em substância poética.

O volume que enfeixa os novos poemas do poeta de São Paulo, se divide em três partes, tôdas elas, entretanto, guardando a unidade da referência ao tempo. Sendo o tempo uma constante da poesia moderna, tão sofrida de efemeridade, não poderia êste poder faltar a êsse compromisso de sua geração, compromisso que provirá, ao mesmo tempo, de um profundo sentimento materialista e de uma exarcebada ânsia mística. O poeta moderno não sente em têrmos de eternidade. Essa carência de espiritualismo, naquele mundo mesmo que dela mais necessita, como seja o mundo da poesia, conduz a êsses desesperos clamorosos ou surdos, que estamos constatando em tôda a poesia atual. Daí a tendência geral da poesia moderna para a contingência do tempo, sua amargura diante do efêmero, uma vez que o dado essencial em que se apoia é a certeza da transitoriedade de tudo. A noção de tempo que se manifesta diversamente nos diversos poetas, às vêzes assume as proporções de uma fixação, como é o caso dêste «Relógio de Sol», onde ela começa no titulo, seguindo por tôdas as páginas com a insistência do «leit motiv».

Na primeira parte do livro, encontramos os fragmentos de «O Alquimista». Sim, os poemas desta parte, podendo parecer simples prosa poética, simples frases de poesia — ou com poesia — a nós nos pareceram fragmentos de poemas, quintessências, essencialidade de poemas que se reduziram a essas breves indicações, decorrentes, também elas, da fixação temporal do poeta. São notações rápidas, súmulas líricas, onde a imagem apenas fere o conceito, na tortura de uma forma límpida que tende à síntese mais perfeita, sem perda da densidade poética, de uma economia estrutural que marca o interêsse memorizador, tudo no sentido de vencer o efêmero, até pelo próprio lineamento dos poemas.

A segunda parte do livro se intitula simplesmente «Cantigas». É onde encontramos maior pureza lírica, mas onde a forma não se descuida, igualmente, de seu elemento econômico. A própria estrutura em «Cantigas», alia à simplicidade léxica e configuradora dos versos e das estrofes, essa condição que constitui maneira de ser do poeta. Ferindo temas amorosos, em geral, Paulo Bomfim não procura têrmos novos para seus cantares de amor, renovando os temas, entretanto, por uma imagética aliciante, de funda e fina capacidade emocional. O livro se termina por um hino solar, cantando uma «Manhã de sol», num poema mais longo, mais claro, onde entretanto sentimos, às claridades amanhecentes, o refrão da inquietude sôbre o perecimento de tôda beleza, na ronda do tempo implacável, de onde os comoventes acentos desta suposta ode em que predominam as côres e os tons elegíacos.

«Relógio de Sol» é om belo livro, marcado pelo signo da hora que passa, carregada de drama, um livro que soma muitos valores e, ainda, o da consciência do momento, nêle se inserindo um lirismo comunicativo e simples.

PRÊMIO "EUVALDO LODI"

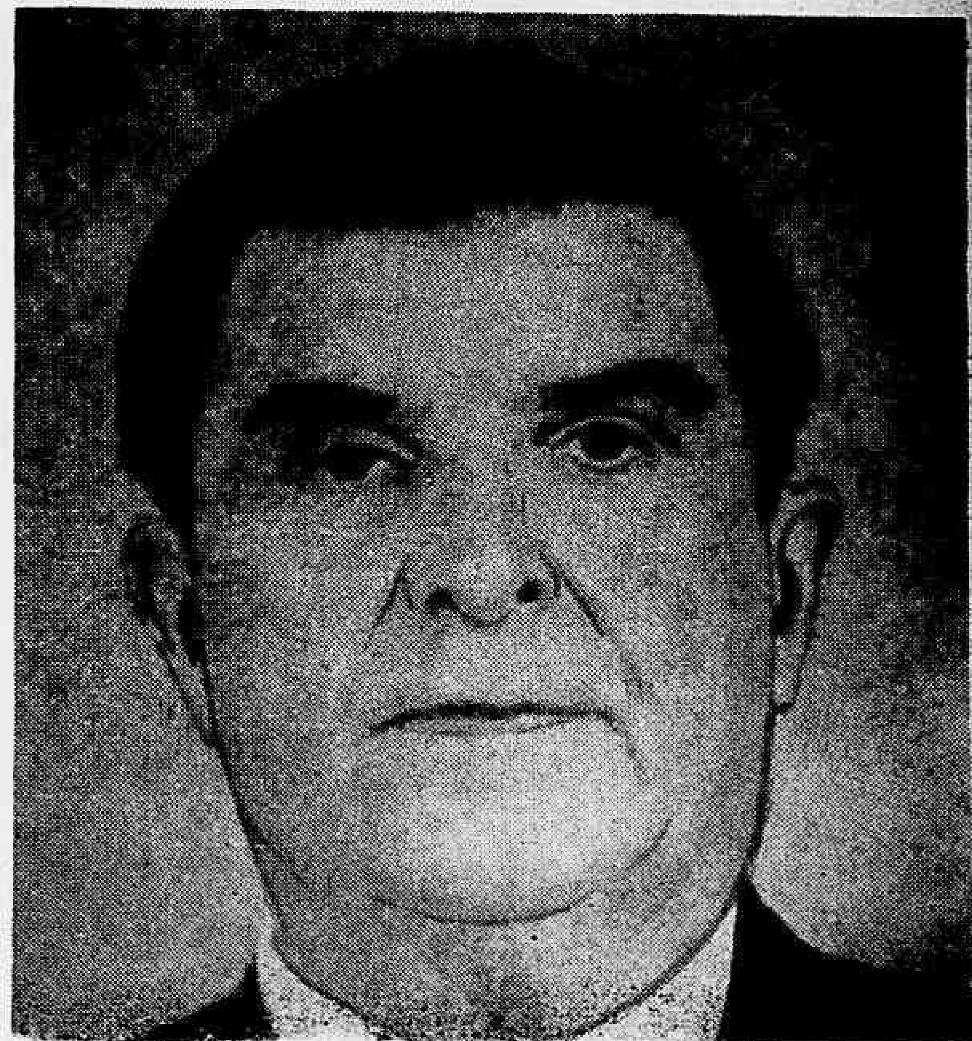
O sr. Euvaldo Lodi instituiu um prêmio anual de literatura, a ser concedido aos estreantes das letras em Minas Gerais, láurea que será distribuída pelo «Diário de Minas», da capital mineira. O valor do prêmio é de vinte mil cruzeiros, destinado ao melhor livro de autor inédito ou estreante do ano, em qualquer gênero literário, estando habilitados a concorrer apenas os autores residentes em Minas, nascidos no Estado ou nêle domiciliados há mais de três anos. Os maiores de 30 anos só excepcionalmente poderão receber o prêmio, a juízo da comissão julgadora. Os prazos de inscrição ao Prêmio Euvaldo Lodi, vão de outubro a dezembro de cada ano, tôda correspondência devendo ser enviada ao Suplemento Literário do «Diário de Minas».



A afilhada de Jorge Turco, que está desaparecida. O gorro foi de Abdulah. A revista tem o retrato de uma ex-rainha do Egito. Jorge Chediac, o aventureiro que encontrou a morte nas mãos de uma quadrilha de ladrões. Esta foi a sua última fotografia.

O PRÍNCIPE LADRÃO...

TINHA MILHÕES E VIVIA MISERÀVELMENTE — A HISTÓRIA DE "JORGE TURCO" — DELY, COM 17 ANOS, A MULHER FATAL... — A QUADRLHA QUE ASSASSINOU O AGIOTA — A ÚLTIMA VONTADE: QUERO SER ENTERRADO NO LÍBANO.

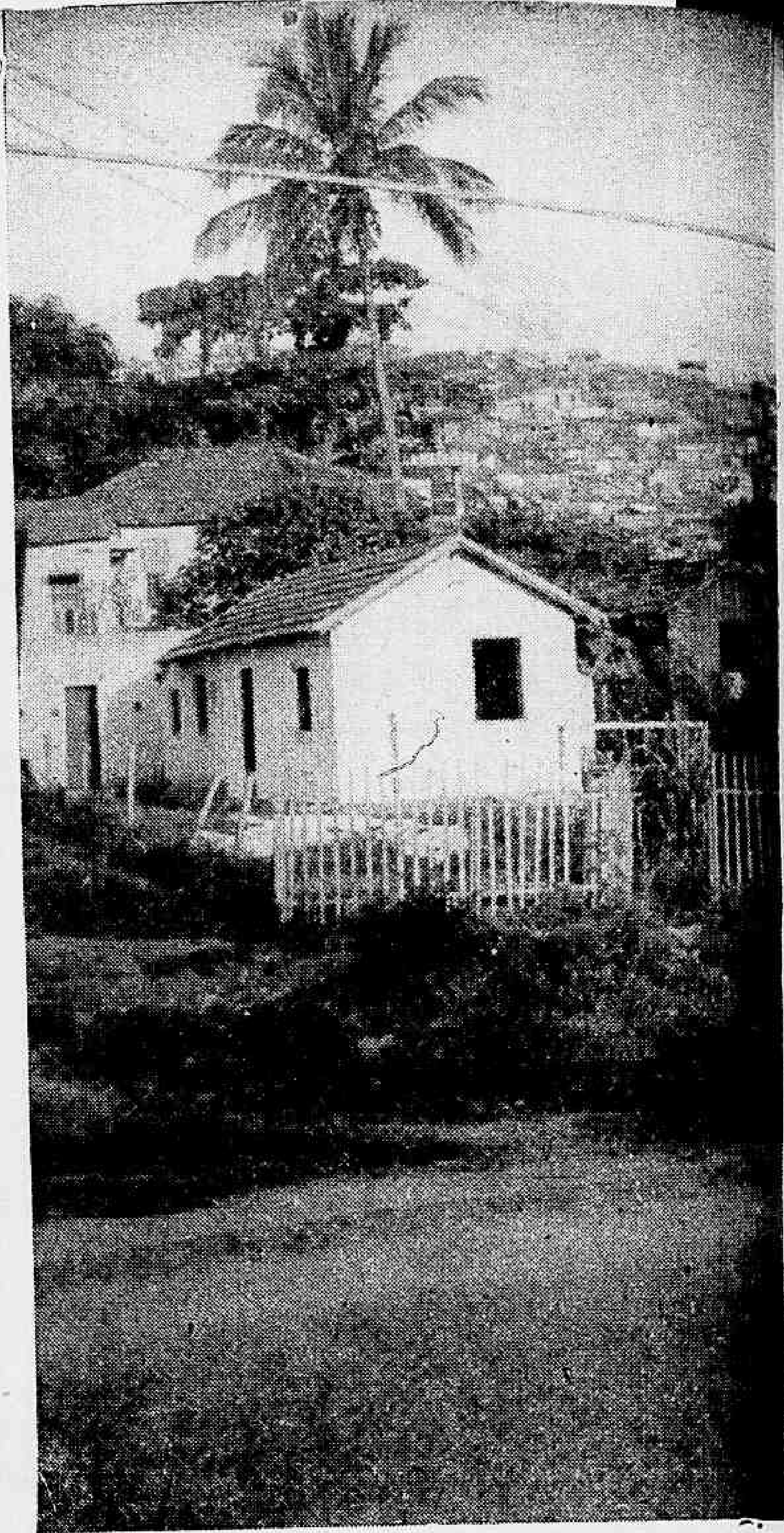


Texto de MÁRIO MOREL

Fotos de ADIR VIEIRA



Neste sórdido barraco morou o «Príncipe» do Rei Abdulah, com várias entradas na polícia.



O morro que era de propriedade do intrujão, sua espôsa e cinco lindas filhas. E' possível



Uma comadre do «Príncipe» mostra o pano encontrado na bôca de Jorge Turco. Aparecem ainda na mesma fotografia o Inspetor Archer e o repórter da REVISTA DA SEMANA

O «Príncipe Árabe», por obra e graça de Sua Majestade, o rei Abdullah, Senhor de Grande Parte do Oriente-Médio e Rei da Transjordânia, foi encontrado morto no seu infecto cubículo, num pedaço de morro de um subúrbio carioca.

Tinha 76 anos de idade, seu nome de batismo era Jorge Chediac, porém, era conhecido por «Jorge Turco» e tinha várias profissões. Era intrujão, agiota e sempre viveu às voltas com a Justiça, com várias passagens pela Penitenciária. Foi diretor de um jornal sírio, «El Tasahull», o qual servia para tôda a sorte de chantagens entre os seus patrícios, os libaneses. Morava numa pocilga à estrada do Areal, onde certa manhã foi encontrado sem vida, manietado e amordaçado. Eis aí a figura do Príncipe Charlatão, que deixou cinco filhas, lindas moças.

Como todo o «Príncipe» que se preza, «Jorge Turco» tinha várias mulheres. Uma delas, Dely, jovem de 17 anos, aluna do Colégio Pedro II, era sua última aventura. Aqui começa uma história suja e que envolve personagens que constituem a escória da sociedade, à frente um certo Ney Quintela, que entre outros títulos falsos usa o de Capitão do Exército e funcionário da Comissão de Contrôle dos Acordos de Washington, e a sua espôsa Lina, por sinal uma encantadora mulher. O casal arquitetou o latrocínio e, com a ajuda de outro facínora, matou o «Príncipe».

A VIDA DO «PRÍNCIPE»

O «Príncipe» Jorge Turco não morava num palácio e sim nas faldas de um morro, num quarto que era tudo, menos dormitório. Andava de tamancos e usava uma bengala enfeitada com ouro. Deitava ao anoitecer e acordava às 2.30 da madrugada para tomar um banho de chuveiro frio. Aí comia coalhada e tomava leite. Ao amanhecer orava para Alá. Tinha um gorro surrado que fazia crer aos incautos ser de «Príncipe».

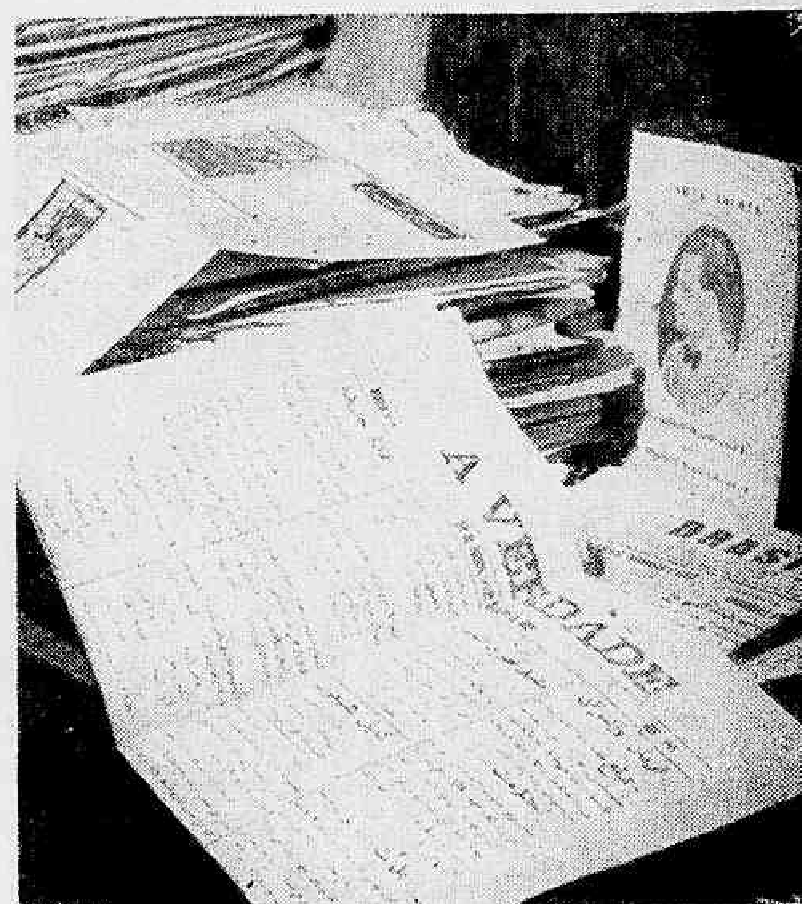
Possuía uma citação especial de Mussolini, em recompensa por uma série de artigos que escrevera em favor da campanha italiana na Abissínia. Lia em árabe, inglês e francês.



As casas serão divididas entre os herdeiros, haver briga por ocasião da divisão da herança.



Jorge Chediac quando chegou ao Brasil para fazer a América. Tinha fartos bigodes, usava camisa de peito duro, e gravata de laço.



O charlatão foi tudo: «Príncipe», agiota, intrujão e até jornalista. Foi diretor de um semanário libanês que teve vida efêmera.

A sua existência era a mais miserável possível e lembra a vida dos grandes criminosos nos subterrâneos de Paris. O seu único amigo fiel era um cachorro prêto que vigiava a casa. Tinha uma afilhada, a menina Jurema, que preparava a comida e arrumava o cubículo, uma espécie de belchior, com bicicletas velhas, colchões furados, móveis quebrados, montões de jornais, duas roupas surradas, um par de chinelos e grande quantidade de fotografias e recortes de jornais de mulheres formosas. Sempre as mulheres! Eis todo o mobiliário do «Príncipe» de Abdullah, o rei inventado pelos inglêses depois da primeira grande guerra.

Usurário e indivíduo de péssimos antecedentes, tinha, entretanto, duas personalidades. De algumas pessoas cobrava juros extorsivos e perdia dinheiro com certos amigos. De uma feita furtou o próprio advogado Alfredo Tranjan. O causídico deu um parecer e cobrou dez mil cruzeiros. O espertalhão correu uma lista entre os libaneses para pagar os honorários do advogado e ganhou 30 mil cruzeiros. A sua fortuna é calculada em 10 milhões de cruzeiros e as jóias e dinheiro guardados no cofre do miserável quarto desapareceram.

Com várias entradas na Casa de Detenção e freguês assíduo do distrito policial local, o «Príncipe» árabe era lesado e também lesava os ingênuos. O seu fraco, certamente levado pela idade, era jovens de menos de 18 anos. Perdeu muito dinheiro com mulheres e uma delas, apenas com 17 anos, aluna do «Colégio Pedro II», instrumento da quadrilha que matou Jorge Turco, escrevia estas cartas amorosas: «Meu querido Príncipe Encantado e noivo. Salve a Sua Alteza. Seremos felizes por obra de Alá. Teremos a proteção dos Céus e breve entraremos na Pretoria. Meu Principezinho muito querido. Agora tenho a certeza de que o amor é cego.»

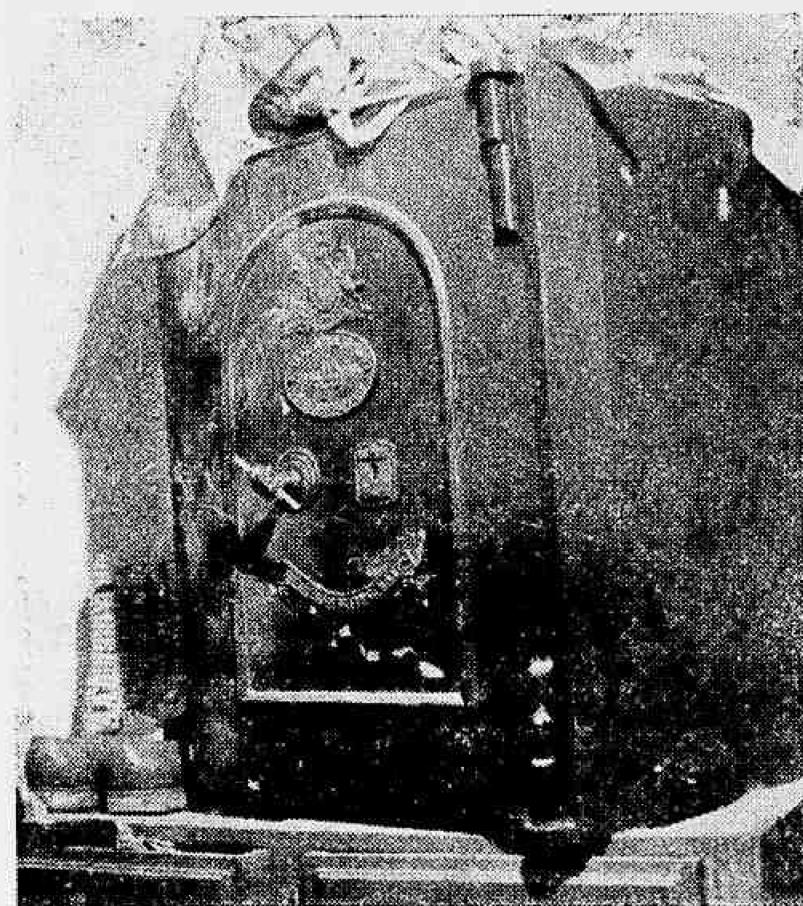
Estas palavrinhas bonitas, escritas em papel de linho e perfumado, custaram dez mil cruzeiros ao otário. Mas o plano era outro. A (Cont. na pág. 40)



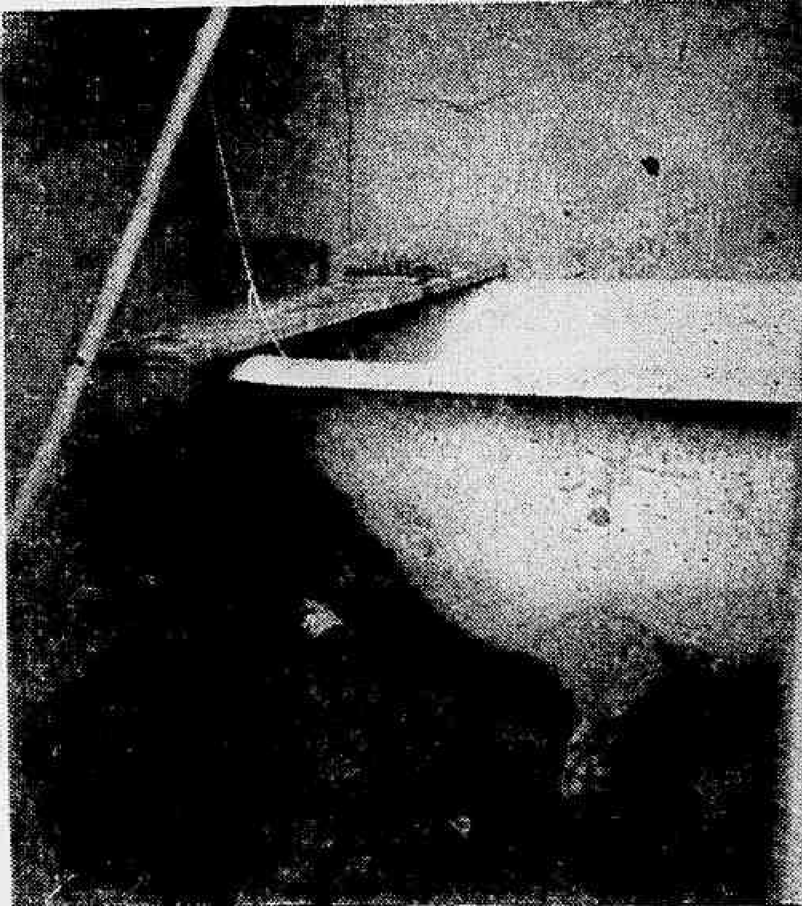
A cama do «Príncipe» era apoiada em blocos de tijolos. Os lençóis e os travesseiros, sujos como um pedaço do Cais do Pôrto.



A única peça condigna da casa do intrujão: — a saleta que servia de escritório, cômodo que foi revistado pelos três assassinos.



O cofre que encerrava milhões de promissórias e de jóias, tudo furtado pela quadrilha chefiada pelo conhecido escroque Ney Quintela.



A banheira do «Príncipe», suja e quebrada. O agiota tomava banho diàriamente às três horas da madrugada. É de fabricação inglêsa.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

CLEÓPATRA

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

A fim de poderem viver juntos e não romperem a cadeia amorosa que os unia, não recuaram diante da humilhação de implorar piedade a Otávio. Porém, pediram com demasiada presunção para que pudessem ser atendidos, a um homem que nenhum interêsse tinha em perdoá-los.

Otávio respondeu que faria grandes concessões a Cleópatra, se ela mandasse matar Antônio ou o expulsasse. Foi um ir e vir de mensageiros em confabulações prolongadas, que enciumavam e irritavam Antônio, até torná-lo brutal. Cleópatra, cansada, enervada, quase incapaz de lutar, procurava acalmá-lo, dêle cuidando o melhor que podia e aproveitando tôdas as ocasiões para provar-lhe sua fidelidade. Fidelidade — porque já então a paixão se consumira e aos ardores amorosos sucedera uma recíproca e íntima piedade. Suportavam-se mùtuamente, sem confessá-lo. Não sabendo mais amar nem odiar, estavam ligados por um grande e infeliz destino.

Com que fim e com que esperança resistir a Otávio? Com que ajuda contar, já que todos os abandonavam e em tôrno de ambos se abria um melancólico vazio?

Apertava-se um cêrco invisível em volta dos dois infelizes, fazendo desmoronar suas últimas ilusões.

★

Cleópatra fizera construir para si e para seus herdeiros um luxuoso sepulcro, perto do templo de Ísis. Nêle haviam trabalhado os mais famosos artífices da Grécia e do Egito. Fêz para lá transportar tudo que havia de mais belo e de maior valor no palácio: ouro, prata, esmeraldas, pérolas, peças de ébano; também uma grande quantidade de lenha e uma provisão de tochas e estopa tomaram o caminho do refúgio. Otávio, que tinha espiões, pensando que ela quisesse destruir tão grandes tesouros, propôs-se tratá-la com certa benevolência; não com o intuito de favorecê-la, mas de não fazê-la suspeitar de seus planos e de seu avanço cada dia para mais perto de Alexandria.

Suas vanguardas já tinham chegado ao hipódromo da cidade. Antônio, como se os últimos vestígios da energia que nêle se extinguia houvessem imprevistamente alimentado a sua coragem, de que dera tantas provas, mandou desafiar Otávio para uma luta pessoal entre os dois. A resposta de seu adversario foi, porém, irônica e amarga.

— Diga a Antônio que êle dispõe de muitas estradas para levá-lo à morte. Tôdas elas são mais suaves do que aquela que poderia seguir combatendo contra mim.

Depois, como se quisesse pôr fim ao aventuroso empreendimento, decidiu cercar a cidade por terra e por mar. Antônio se preparou para a defesa extrema. Primeiro, porem, quis encerrar a animosa espera com um banquete, oferecido a seus amigos mais caros.

— Bebam, bebam comigo — disse-lhes, levantando a taça — amanhã terão, talvez, um outro chefe, enquanto que eu estarei a caminho de me tornar esqueleto e pó.

Pela meia-noite, a cidade, em geral adormecida, velava ansiosa e perturbada, na previsão do que estava para acontecer. Pelas ruas ecoaram gritos festivos, como os de um batalhão que se preparasse para as bacanais. Partindo do centro da cidade, aquêles cantos dirigiam-se para a porta principal, diante da qual estava acampado maior número de inimigos, como se os aclamantes quisessem saudar a sua chegada com essa cerimônia noturna. O povo se juntou aos cantos e aos gritos festivos sem compreender muito o que acontecia, apenas pelo instinto que tem a multidão de aderir a qualquer coisa.

Quando raiou o dia, Antônio subiu a uma colina, de onde podia seguir as manobras de sua esquadra e de seu exército. Constatou que os navios que tinham saído do pôrto para baterem-se com os de Otávio, chegando a pouca distância do inimigo saudava-o com augúrios amáveis, que eram respondidos da mesma maneira pelos adversários. A esta primeira deserção seguiu-se a da cavalaria. Tendo ficado com um reduzido número de infantes, mandou que fôssem fechadas as portas da cidade, e começou a gritar que fôra traído pela própria Cleópatra, por quem estava disposto a derramar seu próprio sangue até a última gôta. Ela, mesmo sabendo-se inocente dessas acusações, com mêdo de seu desespêro, trancou-se no sepulcro, mandando fechar as pesadas portas levadiças. Depois, mandou dizer a Antônio que tinha morrido.

> CAPÍTULO IV
>
> **(conclusão)**
>
> RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:
>
> Cleópatra, a fascinante rainha do Egito, conseguiu seduzir César e depois Antônio. Afastou êste último de sua espôsa e de seus deveres como cônsul do Império Romano. Provocou a luta entre Antônio e Otávio (outro dos três cônsules que governavam Roma) e, na batalha de Acio, a sorte das armas se decidiu contra Antônio, que fugiu, através das naves de Cleópatra, também fugitiva da luta.

★

Antônio acreditou.

O fio tênue que ainda o prendia à vida se rompeu. Aquela que o puxava com suas pequeninas mãos firmes, distendera-o de mais, e, agora, as duas pontas arrebentadas caíam inúteis.

Retirando-se a um de seus aposentos chamou o mais fiel de seus servos e disse-lhe:

— Ecate, lembra-te que entre eu e tu existe um velho compromisso. Chegou a hora de cumprí-lo. Toma a minha mais afiada espada e transpassa-me o coração.

O criado olhou o patrão apavorado. Leu, porém, nos seus olhos, a inexorabilidade da ordem. Curvou a cabeça. Deu alguns passos incertos em volta do quarto. Aproximando-se de uma panóplia com armas magníficas escolheu a que mais adaptada lhe pareceu à trágica circunstância. Quando, porém, experimentou-lhe o fio com a ponta dos dedos, olhou fixamente para o patrão por um momento e transpassou o seu próprio peito, caindo-lhe aos pés. O coração de Antônio se abriu de uma piedade infinita pelo servo fidelíssimo. Mediu com o pensamento todo o desespêro dêsse instante. Não vendo outra saída senão uma morte digna de sua antiga fama, empunhou a arma que o morto ainda apertava entre as mãos e com ela transpassou o ventre.

Caiu, mas não morreu. Sem fôrças para um outro golpe, implorou aos que o tinham vindo acudir, no delírio do sofrimento, que acabassem com êle. O espetáculo que oferecia era, porém, tão triste e comovente que muitos deixaram o aposento e outros não tiveram coragem de obedecer-lhe.

Passaram-se bem duas horas antes da chegada do enviado de Cleópatra, Diómede, com ordem de transportar Antônio ao sepulcro. Viagem dolorosa e dilacerante, esta, do palácio ao novo asilo, sôbre uma maca improvisada. Sabendo que Cleópatra vivia, voltou ao ferido a alegria de viver. Incitava os carregadores a que andassem ligeiro. Cleópatra esperava, prescrutando de uma janela. Quando, finalmente, avistou os carregadores, deu um grito doloroso. Não podendo abrir as portas, que eram muito pesadas, nem mesmo com a ajuda das duas aias fiéis, ordenou que o ferido fôsse amarrado a duas cordas e o fêz suspender pela janela. Antônio, sustentado pelos braços cansados das duas mulheres, mordendo os lábios para não gemer, levantava as mãos ao alto, para sua adorada, como a implorar-lhe uma última prova de amor.

«Quando teve consigo a Antônio deitou-o. Depois rasgou as vestes diante dêle, batendo no peito e lacerando-se. Procurando estancar o sangue do ferido chamava-o seu senhor, seu marido, seu imperador.»

A piedade de que estava possuída fazia-a até se esquecer da própria desventura. Antônio, também, com o coração cheio de ternura infinita, esquecia-se das dores lancinantes de sua ferida.

Pediu um gole de vinho; ou porque tinha sêde, ou porque esperava, assim, apressar sua agonia. Depois que bebeu, pediu a Cleópatra que se pusesse a salvo, se ainda fôsse possível fazê-lo sem vergonha; que não chorasse por sua causa, pois fôra êle a razão de suas desventuras; que se recordasse apenas dos dias alegres, dos dias de felicidade, do amor com que se haviam querido, do poder que haviam tido entre as mãos, dos dias que haviam vivido profunda e divinamente.

E expirou.

★

Procúleo, enviado de Otávio, dirigiu-se ao sepulcro da rainha com o encargo de persuadí-la a entregar-se ao vencedor, confiando em sua clemência. Bem sabia Cleópatra que era uma mentira a promessa de clemência. Por detrás da mesma escondia-se o desejo de se apropriar das riquezas acumuladas no mausoléu, a vaidade de uma captura de tanta importância, e a satisfação de levar atrás de seu carro triunfal a rainha do Egito. Muitas foram as entrevistas de Procúleo com a rainha, mas tôdas elas se realizaram estando êle na soleira da entrada e ela na janela.

(Cont. na pág. 38)



NOS MARAVILHOSOS DOMÍNIOS DO PACHÁ DE MARRAKECH



Numa manhã de sol africano, cantoras árabes e bérberes emprestam inolvidável poesia ao ambiente já misterioso do magnífico palácio do Pachá de Marrakech, ao som de dolentes guitarras, dançam lânguidamente.



«Chikhates» da Arábia escaldante, trazem na tez bronzeada o calor da terra natal. Seus trajes impressionam pela fulgurância das côres berrantes e pela delicadeza dos tecidos, mais ricos do que os que são usados pelas moças bérberes.

O ESPLENDOR DA VIDA MOURISCA

QUE VEM A SER UMA "CHIKHATE" DO PACHÁ? — — A BELEZA DE LEILA, A FAVORITA — MOUROS E ÁRABES GOSTAM DE CÔRES EM PROFUSÃO — A DANÇA DAS "CHIKHATES" É APENAS UM MOVIMENTO LANGUIDO — DEPOIS DAS FESTAS, SUAS ROUPAS PARECEM FANTASMAS — A MÚSICA E O CANTO RECORDAM HISTÓRIAS DE AMOR NO DESERTO. — ENSAIOS DE MAIS DE UMA HORA BEM PUXADA.

NOS MARAVILHOSOS DOMÍNIOS DO PACHÁ DE MARRAKECH



No interior de uma alcova do palácio do Pachá de Marrakech, várias «chikhates», estão-se preparando com o máximo cuidado para uma festa oriental. «Chikhate» é o nome pelo qual, em Marrocos, são conhecidas as profissionais de canto e dança.

Reportagem de PAUL ALMASY

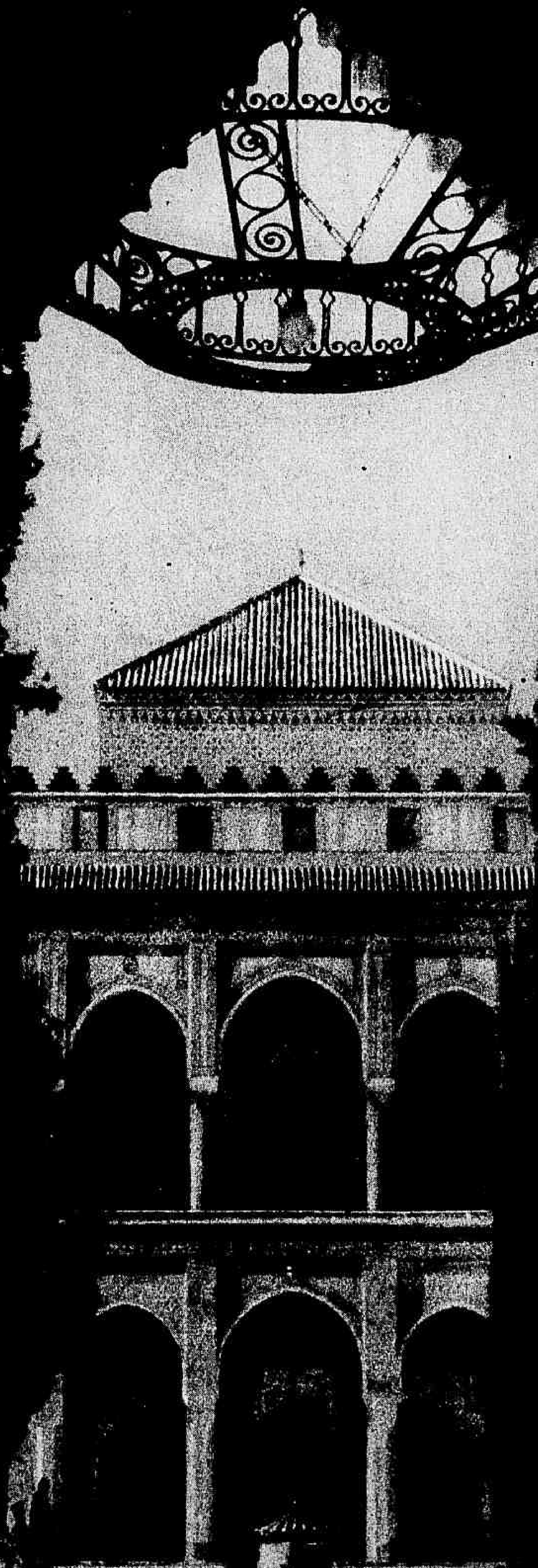
O pachá de Marrakech é, afora o Sultão de Marrocos, a mais importante personagem da vida política e social d- país. O pachá é um «grand seigneur», possuindo cultura das mais aprimoradas, famoso pelas recepções brilhantíssimas em seus domínios suntuosos, festas que são famosas em todo o mundo. Em seu palácio, que é uma obra-prima de arquitetura mourisca, as festas que oferece a altas personagens, reúnem, harmoniosamente, as maravilhas do oriente aos protocolos ocidentais. A acolhida de que fui alvo quando me vi recebido por êle para uma entrevista em seu gabinete de trabalho, verdadeiro santuário da vida espiritual muçulmana, ficará indelèvelmente gravada em minhas recordações, como acontecimento ímpar para a sensibilidade jornalística de minha profissão. Mas não é do homem político, nem tão pouco do brilhante palestrador, que eu quero falar aqui. Desejo evocar, em algumas palavras, aquelas figuras cheias de graça e encanto, de pitoresco e «charme», que tanto me impressionaram, lideradas pela formosa Leila, que, com todo o seu cortejo de



Em um dos pavilhões do palácio, entre o perfume de flores de vários matizes, elas ensaiam seus cânticos e seus passos cadenciados.

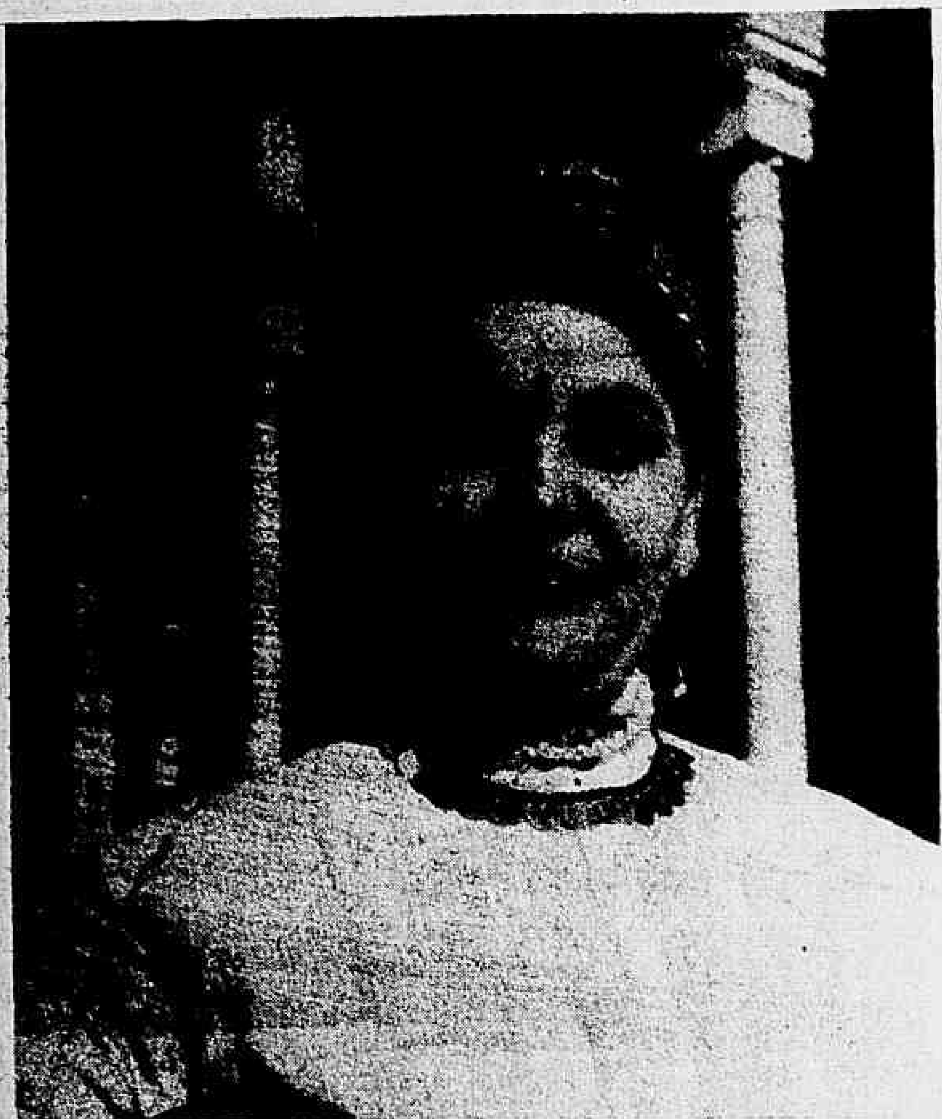


Ninguém seria capaz de reconhecer nesses «fantasmas», aquelas formosas e cativantes «chikhates» do palácio do Pachá de Marrakech.



Vista panorâmica do suntuoso palácio do Pachá de Marrakech, obra prima de arquitetura mourisca

NOS MARAVILHOSOS DOMÍNIOS DO PACHÁ DE MARRAKECH



Aicha, cantora bérbere, com sua tatuagem nativa.



Leila, a bela dançarina árabe do Pachá de Marrakech.



Uma das mais belas «chikhas» sorri e





...hikhate» sorri enigmàticamente.



Cada grupo de «chikhate» é acompanhado por um músico, espécie de «regente de orquestra» e que dirige os números.

outras «chikhates» do pachá, enchem de alegria e fascinação oriental, misteriosa e divida, os jardins edênicos do admirável Senhor de Marrakech.

Quando terminei minha entrevista com o pachá, deu-me êle o privilégio de percorrer tôdas as dependências do seu palácio, os jardins e os soberbos pavilhões, que servem de «décor» às recepções. De súbito foi minha atenção atraída para uma galeria de onde se evolava uma música celestial, acompanhando cantos de grande espiritualidade, a evocar romances de amor no deserto, marcados pela nostalgia dos corações que sofrem. E vi então um grupo de jovens bérberes em suntuosos vestidos de sêda multicor, dirigidas por um homem, que, com uma guitarra indígena ao peito, dirigia o número encantador. Noutro aposento vi outro grupo de mulheres com seus trajes não menos pitorescos, mas de colorações distintas. Estavam terminando seus preparativos e seus instrumentos de música ainda estavam sôbre o tapête. Tudo aquilo se referia a um ensaio geral das «chikhates» do pachá para uma recepção próxima. «Chikhate» é o nome que se dá em Marrocos às cantoras e dançarinas profissionais, sem as quais não pode haver festas, e cuja arte é acompanhamento indispensável aos banquetes oferecidos pelo pachá e personagens de categoria. O primeiro grupo era de mulheres bérberes, e o segundo, de árabes. O colorido de suas roupagens era tão diferente como a música de cada grupo, assim como quanto aos movimentos de corpo com que elas acompanhavam os cantos. A dança das «chikhates» nada tem que ver com o «ballet» oriental das bailarinas egípcias. A expressão «dança» serve apenas para designar os ligeiros movimentos ritmados do corpo, que executam sem mover os pés. Já o estilo das «danseuses» árabes é mais vivo e mais voluptuoso do que o das dançarinas árabes. Depois, lá se vão em seus «djellabahs» cinzentos.

Antes de seus números de música, dança e canto, elas ensaiam atentamente, a fim de deixarem boa impressão

MOYSÉS DUEK micro-novelisou

VIVENDO EM PECADO



Lady Olívia e Sir John amavam-se com sincera ternura.

QUE agradável surprêsa para a Condêssa Olívia Tamarowska: sua filha acaba de chegar à Inglaterra, de volta do Canadá, onde passara vários anos estudando. O telegrama dizia que a pequena já estava a caminho de Londres. Oh, meu Deus! quanta confusão êsse fato estabeleciq na frágil cabecinha da Condêssa! Ia ser esplêndido voltar a ver a filha, porém teria, não só ela quanto Sir John Fletcher, de enfrentar uma difícil situação: como iriam explicar a Ekaterina que se consideravam casados, como tal vivendo, embora não o fôssem?

— O melhor — aconselhou Sir John — é você explicar-lhe tudo. Você sempre me disse que a menina é intedigentíssima, que tem grandes conhecimentos humanísticos, etc., donde poder-se prever que seremos bem sucedidos nessa explicação.

— Impossível, John! Não posso esclarecê-la disso! É tão pequena!

— Pequena qual nada! Ela já está por lá há uns sete anos... Com que idade você a mandou para o Canadá?

— Com 10.

— Então! É uma moça! E você chamando-a de criança!

— Como é que eu vou saber? Hoje em dia as crianças crescem tanto! Meu Deus, eu com uma filha com dezessete anos!

— Então não vai apresentá-la como filha?

— Só se fôr ainda uma garôta...

— Se parecer moça você dirá que é sua irmã...

— Não! — protestou a Condêssa. — Mãe!

Mas o problema era séria. Tinham de decidir o que iriam falar. Precisam esclarecer logo tudo. Resolveram ensaiar. Sir John fê-se de Ekaterina, enquanto a Condêssa procurava a maneira mais aconselhável de explicar sua situação à filha. Sim, contaria tudo. Viúva, sem recursos. Afinal, encontrara um cavalheiro (Sir John) que passou a amá-la, finíssimo e separado da espôsa a quem não amava. Contaria isso muito claramente e a filha só teria de concordar.

E quando estavam nesse ensaio, eis que surge a pequena Ekaterina. De pronto freiou as expansões de emotividade da Condêssa polonesa e mostrou-se de um modernismo e com tais atitudes independentes que, se não chocaram a Condêssa, fizeram com que ficasse desapontada. Não era asim que imaginava a filha: queria-a mais terna e mais sociável. Sociável, sim, porque de pronto mostrou-se pouco polida com Sir John Fletcher. Pois se êle era nada menos que o Ministro da Produção Bélica de Sua Majestade — o homem a quem a juventude do clube a que ela pertencia execrava como responsável pela guerra que estava sendo esperada e, a par disso, um homem terrìvelmente reacionário. Ekaterina vinha com idéias radicalmente esquerdistas, dizendo-se lider de uma facção socialista a que ela mesmo deu o nome de Não-Interproletarismo. Ninguém estaria mais deslocado junto à Condêssa Olívia e a Sir John do que a jovem Ekaterina Tamarowska — cada qual representando o artificialismo do «grand-monde» como requinte da sociedade capitalista, o conservadorismo em seu caráter puramente britânico e a classe emancipada, fruto da educação livre, da leitura de filósofos modernos, tudo isso mesclado com a vida na América.

Mas o entusiasmo da Condêssa Olívia não decrescia o entusiasmo de mãe pela volta da filha. A tensidade da situação culminou quando a jovem percebeu, afinal, qual era o papel de Sir John naquela casa, ou melhor: a posição da Condêssa em casa de Sir John.

— Mamãe, que coragem! Que vergonha! Acabo de encontrar em seu guarda-roupa 36 vestidos! 4 casacos de pele!

— Oh, filhinha! Você queria então que sua mãe morresse de frio?

Engraçadíssima comédia em 3 atos de
TERENCE RATTINGAN
Tradução e adaptação de
R. MAGALHAES JÚNIOR
Distribuição dos personagens pela ordem de entrada em cena:

OLIVIA	DULCINA
POLLY (Criada)	THEREZINA TAPAJÓS
Mr. DELL	ED. CASTRO
JOHN	ODILON AZEVEDO
EKATERINA	SÔNIA MORAIS REIS
DIANA	SUZANA NEGRI
CECIL BROMFIELD	JORGE DINIZ

AÇAO: Reidência de Olívia em Londres — Atualidade

Direção adtística de DULCINA

Execrava Sir John bem como por vêzes repelia a mãe por sua conduta.

— Você não gosta de mim, minha filha?

— Existem resíduos biológicos de que os parentes não escapam.

A Condêssa estava tristíssima. Estava perfeitamente definida a incompatibilidade entre a filha e o amante. Amava aos dois. Que faria?

Ora, que pode fazer, na aflição, uma mulher incapaz de outra coisa que não seja bem vestir-se e bem viver na sociedade? Chorar. Mas não diante de sua filha, de espírito tão pragmático. Prontamente oferece-lhe uma solução:

— Quando quiser chorar, mamãe, multiplique mentalmente dois números com três casds; assim: 395 por 479. Dá um ótimo resultado. A tensão mental fecha os canais lacrimogêneos.

A jovem Ekaterina não queria sujeitar-se a viver na dependência de Sir John. Queria trabalhar. Daí a idéia luminosa aflorou na mente da Condêssa:

— Ekaterina, tenho uma surprêsa para você. Um emprêgo. Cinco libras por semana!

— Oh, mamãe! E onde é?

— No Ministério de John.

Oh, nunca! Jamais! Porém aos poucos seu orgulho foi cedendo terreno. Aceitaria, sim. O que precisava era ganhar o seu próprio dinheiro.

Entretanto, suspeitaram que Ekaterina pensava que Sir John matou o marido da Condêssa, de ciúme. Sim, devia ser isso! E a jovem seria uma espécie de Hamlet de saias. Essa hipótese fortaleceu-se quando, para surprêsa de ambos, convidou-os a assistirem a um espetáculo de teatro na noite seguinte.

— Aposto que é «Hamlet» — arriscou Sir John.

— Não — disse Ekaterina — é «Assassinato em Família».

Estavam aborrecidíssimos com a moça. Sir John foi deitar-se, exasperado.

— Você pensa, Ekaterina, que Sir John seja uma Lucrécia Bórgia de jaquetão traspassado?

A jovem também era infeliz. Tudo faria para sua mãe afastar-se dêsse homem.

— Mamãe, se Sir John voltar às pazes com a verdadeira espôsa você promete esquecê-lo?

— Que tolinha! Êle me ama!

— Promete, mamãe! Peço que prometa.

— Vá lá! Prometo.

E, enquanto a Condessa foi aprontar-se para o jantar que ia oferecer, eis que surge nada menos que Lady Diana Fletcher.

— Senhora, tenho um assunto tão importante para tratar-lhe! É sôbre Sir John.

— Meu marido?

— Sim. Perdôe, mas precisei falar com a senhora. Procurei seu nome no livro de telefones e... Confesse, Lady Diana, a senhora ama seu marido?

— Eu não, minha pequena.

O golpe era grande demais para Ekaterina. Essa ela não esperava.

— E se êle voltasse para a senhora?

— Eu não quereria. Acho até que nunca nos gostamos.

Nesse meio tempo, a Condêssa aparece e a jovem faz as apresentações. O contato foi cordialíssimo. Perfeitas damas, um autêntico índice de civilidade. Mas, claro estava, Lady Diana já não se importava com o marido e nem desejava reavê-lo.

Ekaterina fracassou.

— Sou tão infeliz, mamãe!

— Isso não é razão para que você queira que os outros sejam infelizes também. Se você tem varíola não vai tossir no nariz dos outros.

— Mamãe, você está vivendo em pecado. Eu não posso viver com Sir John. Escolha: ou com êle ou comigo.

Sim, a situação era extrema. E foi o que ela teve de anunciar ao amante. Com lágrimas. E beijos. Ainda em pleno florescimento do amor.

Ekaterina venceu. A Condêssa renunciou ao homem a quem amava para dar alegria à filha. E mais: passou a ser membro da Associação Não-Interproletarista. E, na sala do apartamento de Sir John, que elas ocupavam até achar umas acomodações modestas, onde havia um espelho veneziano, pendurou o retrato de Karl Marx. Nenhum dos vistosos e confortáveis móveis ficou. Todos foram retirados, bastando para ela e a filha umas quatro cadeirinhas e a mesa. A criadagem foi dispensada. Ela própria esforçava-se por cozinhar. O resultado dêsses esforços era intragável. A própria Condessa exprimia-se assim:

— O fantástico é que eu própria consigo comer o que eu cozinho.

A Condêssa Olívia Tamarowska não tinha uma queixa. Esforçava-se por integrar-se em sua nova condição. Aprendera o vocabulário socialista (embora não atingisse bem seus conceitos) e taxava de reacionários a todos seus velhos amigos de boa posição social.

Mas a fatalidade quis que a jovem Ekaterina se apaixonasse, e pelo «reacionário» Sir Wilson Caldwell, da mais alta linhagem. O rapaz apaixonava Ekaterina que alimentava esperanças de ver seu amor correspondido.

Nesa noite, a Condêssa folheava o «Vogue» que ainda mandava os números em cumprimento à assinatura anual. E não é que lá encontrou o flagrante fotográfico de Sir John com Lady Diana? E rindo-se. «Rindo», explicava a legenta, «por uma boa piada, no Ciro». O ciúme trabalhava no coração da pobre Condêssa. Amava-o. Amava-o sem esperança de esquecê-lo. Mas guardava o segrêdo de sua afeição.

Sòzinha, pôs-se na máquina de escrever, para praticar um pouco. Porém a frase que seu coração ditou foi esta: «Eu, Condêssa Tamarowska, declara que Lady Diana é uma velha muito feia!».

(Cont. na pág. 36)



Ante os olhares beatíficos de Lady Olívia e Sir John, Ekaterina ouve o convite que lhe é dirigido por Sir Wilson para jantar no Savoy.



A empregada que foi dispensada surpreendeu-se com a maneira nada prática que Lady Olívia empregava para descascar a cebola.

AVÍCIA voltou a vista para as estátuas, como se não pudesse explicar as sutilezas de seu temperamento.

— Então, o «tal», era aquêle característico tipo local de barba negra com quem você estava a passear, num domingo? E tem êle o mesmo sobrenome que tenho. E você não notou êsse particular numa ilha onde só há meia dúzia de nomes de família!

— Sim; era Isaac. E foi aquela a mesma tarde em que brigamos. Êle me repreendera outra vez e eu lhe repliquei. No dia seguinte êle se foi.

— Bem. Como já disse, devo considerar o que melhor possa fazer por você em tal situação. O primeiro, no meu entender, será fazer que seu marido regresse à ilha.

Ela fêz um gesto com os ombros e respondeu.

— Não o quero.

— Então, por que se casou?

— Vi-me obrigada depois de comprometer-nos, segundo os costumes da ilha.

— Você não deveria ter pensado em tal coisa. E' ridículo e arcaico nos tempos atuais.

— Ah! Êle tem lá suas idéias rançosas, e não pensa da mesma maneira. E foi-se embora.

— Ah! Estou quase certo de que entre vocês dois não houve mais do que ligeira rusga. Com a volta de ambos à terra natal, a razão também retornará... Diga-me: é sua a casita da ilha?

— Sim, é minha. Grammer Stockwool cuida dela por mim.

— Bem. Agora terá você que retornar diretamente à ilha, minha linda senhora, e esperar ali a volta de seu marido, para a reconciliação.

— Não quero ir, nem quero que êle volte — gemeu Avícia. — Desejo ficar aqui, ou em outra qualquer parte, menos onde êle possa apresentar-se.

— Você mudará de opinião. Agora, sobe, seja boa moça, e dentro de uma hora esteja pronta, esperando-me no vestíbulo.

— Não quero.

— Pois estou-lhe dizendo que faça isso.

Avícia compreendeu que lhe era impossível desobedecer. Precisamente no momento designado, foi Pierston encontrá-la no saguão. Levava êle apenas uma valise e um guarda-chuva. Ela, uma caixa e outras frioleiras.

Mandou Pierston que o porteiro fôsse buscar um côche, para que Avícia o tomasse com sua bagagem, enquanto êle saía à rua e ficava a uma certa distância. Momentos depois, chegava o veículo com Avícia dentro, ao local em que estava o escultor. Então êle também subiu e se sentou ao lado da atônita jovem, seguindo ambos até à estação da estrada de ferro.

Acomodando-se frente a frente em um compartimento vazio, começaram a tediosa jornada ferroviária. Considerando-a agora, mais intimamente, à luz de sua revelação, estranhou êle não ter adivinhado o seu segrêdo. Sempre que êle a olhava, os olhos da moça denotavam rebeldia, até que, por fim, desatou em pranto.

— Não quero tornar a viver com êle — exclamava, com soluços entrecortados.

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

Pierston estava quase tão angustiado quanto ela, e lhe disse amargamente:

— Por que você se colocou e me colocou também em semelhante situação? Agora é inútil deplorá-lo. Eu não o deploro, porque me proporciona meios de sair da encruzilhada. Mas, se você não se houvesse casado com êle, também não se teria casado comigo.

— Engana-se... Eu teria querido casar-me com o senhor...

— Como? ! Teria casado comigo? Não faz muito, você me disse o contrário!

— Porque agora estou gostando mais do senhor. Estou mesmo gostando muito! Cada vez mais!

Pierston suspirou, pois, emotivamente não era lá muito mais velho do que ela. Aquêle obstáculo em seus anelos, que o convertia na mais infeliz criatura de Deus, era sua permanente desdita. Cruzou-lhe no cérebro uma proposta que foi incontinenti rechaçada, por desleal, especialmente em se tratando de uma inexperiente conterrânea, que, por suas origens e tradições, era quase uma parenta.

Pouco mais ocorreu entre os dois naquele nefasto e inolvidável dia. Afrodite, Astarote, Freyja, ou quem quer que tenha sido a deusa do amor de sua ilha, castigava-o rigorosamente, como costumava castigar os seus adoradores, quando da volubilidade passavam à constância no amor. Quando teria fim aquela condenação contra seu coração não envelhecido, embora seu corpo apresentasse estigmas da velhice? Talvez com a morte.

Depois de deixar Avícia em sua casa, o primeiro que fêz foi ir à capela, onde, segundo ela lhe dissera, havia-se celebrado o matrimônio, a fim de certificar-se do fato. Talvez que ainda alimentasse a esperança de que ela fôsse livre, embora na limitada condição que semelhante liberdade se manifestasse. Mas ali estavam distintamente escritas as palavras sacramentais: «Isaac Pierston e Ana Avícia Caro, filho e filha de Fulano e Sicrano, casados em tal dia, firmado pelas partes contraentes, o ministro oficiante e as testemunhas.»

Capítulo XXII

Uma tarde, nos princípios do inverno, em que o vento era sêco e borrascoso, passeava solitàriamente um homem pela escura viela que dividia os terrenos do castelo de Sylvania da casita de Avícia, e conduzia às ruínas do castelo de Red-King. A casinha era o centro de suas idas e vindas, que chegavam pelo lado do ocidente às portas de Sylvania, e pelo oriente, às ruínas. As outras vivendas por ali espalhadas, tôdas elas como que talhadas em plena rocha, estavam às escuras; mas, na janela alta da morada de Avícia brilhava uma luz.

O mar gemia, e mais do que gemidos, entre as pedras, abaixo das ruínas, a intervalos regulares, ressonava a agonia de sua vida. Iam êsses rumores acompanhados de um gemido paralelo e periódico no interior do aposento, como se os lamentos do mar fôssem irmãos dos soluços de uma alma conturbada e em sofrimento.

Pierston, pois era êle o homem que perambulava pela estreita rua, olhava para a janela da casinha e, em seguida, para o farol flutuante, como se dividisse suas inquietações, entre as fadigas do mar e a aflição da mulher que estava ali dentro. Não tardou em ouvir-se na casa de Avícia, um débil chôro de criança. Desviou-se Pierston de seu tranqüilo passeio e, dirigindo-se novamente para o ocidente, se deteve por largo tempo em um recanto da estreita rua. Então, as luzes de uma carruagem e o trote de um cavalo interromperam o sossêgo da aldeia adormecida. Pierston retrocedeu até à porta da casa de Avícia para aguardar a chegada do veículo.

Era um pequeno carro puxado por um cavalo, do qual, ao parar, saltou um homem com chapéu de abas largas, sob o qual se via a negra barba recortada em forma triangular, segundo típico costume da ilha.

— E' você o marido de Avícia? — Perguntou vivamente o escultor.

O homem respondeu que sim, com o acento próprio da região, ajuntando:

— Acabo de chegar na lancha-correio. Não pude estar aqui antes. Contratei para trabalhar em Peter-Port, e já acabei minha tarefa.

— Bem — disse Pierston. Sua vinda significa que você quer reconciliar-se com ela?

— Ah! Isto não sei. Mas, de minha parte, sim — respondeu o homem. — Porém, para mim, tanto faz uma coisa como outra.

— Se você se reconciliar completamente, um bom emprêgo o espera em sua antiga profissão aqui na ilha.

— Então, aceito de todo coração — disse o homem.

Sua voz era enérgica, e, embora um tanto indeciso, mostrou-se, em conjunto favoràvelmente disposto a normalizar a situação.

O condutor do carro recebeu a importância da corrida e Isaac e Pierston entraram na casa. Indubitàvelmente eram ambos frutos de um mesmo tronco naquela ilha de duplos matrimônios, se bem que não tivessem prova dessa hereditariedade. Nada havia no andar térreo, em cujo centro se via uma mesa quadrada, tendo ao meio uma certa quantidade de lã e uma lâmpada, denotando pelo arranjo generalizado, que aquela habitação se havia escrupulosamente preparado para interessante acontecimento.

A mulher que vivia em casa de Avícia desceu para o térreo, naquele momento, e, às perguntas dos recém-chegados respondeu que a coisa marchava favoràvelmente, mas que ninguém poderia subir, por enquanto. Depois de oferecer-lhes assento e comida, retirou-se ela, e os dois se sentaram à luz da lâmpada. Um era aquêle que mais a amava, mas que nenhum direito tinha sôbre a mulher que, lá em cima, sofria; o outro era o homem que tinha sôbre ela todo o direito, mas que não a amava. Trocando frívola e fragmentária conversação, ouviam as pisadas que vinham do andar superior; Pierston com ansiosa atenção, e Isaac esperando tranqüilamente a ação da natureza.

Logo que ouviram novamente os débeis vagidos e o médico da localidade desceu e entrou na sala em que estavam, Pierston indagou interessado:

— Como está ela?

Enquanto Pierston fazia esta pergunta, o marido de Avícia fixava o parteiro com ares taciturnos, esperando a resposta que serviria para êle e o escultor.

— Vai bem, muito bem — respondeu amàvelmente o facultativo, em tom que denotava haver pronunciado a mesma frase em outros lugares. Como não tinha carro à porta, sentou-se junto aos dois, palestrando uns instantes. Logo que se foi, desceu novamente a senhora Stockwool e disse que Avícia já estava informada da presença, ali, de seu marido.

O trabalhador das pedreiras se mostrou mais inclinado a permanecer ali a tomar sua cerveja, a subir para ver sua espôsa; mas Pierston instou com êle, para que fôsse lá em cima ver sua mulher. Ao ficar sòzinho, Pierston apoiou os cotovelos sôbre a mesa e cobriu o rosto com as mãos.

Isaac não se demorou lá muito tempo. Desceu com ares de dono da casa, o que não demonstrara antes, e convidou o escultor a subir, pois a paciente havia mostrado desejos de vê-lo. Pierston marchou pela velha e tortuosa escada, ficando o marido no aposento de baixo.

(Cont. no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR **Ilustração de RAMON**



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

O escultor Jocelyn Pierston, de 40 anos de idade, apaixona-se por Avícia, de vinte primaveras, filha de Avícia Caro, sua ex-noiva, e que se casara com um primo depois que Pierston desfizera o noivado. Pierston, para proteger a segunda Avícia, moça sem cultura e vivendo de lavagem de roupa em sua aldeia natal, terra também do escultor, levou-a para Londres, a fim de que ela adquirisse mais aperfeiçoamento intelectual e o ajudasse no asseio da casa e do «atelier». Mas, no íntimo, o que Pierston desejava era casar-se com ela. A jovem, porém, se mostrava esquiva, até que confessou tudo o seu protetor: era casada e seu espôso a deixara.

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

DESDE TELEVISÃO A UTILIDTDES DOMÉSTICAS. MAIS DE DUAS CENTENAS DE EXCELENTES PRÊMIOS. VIAJE PELO BRASIL, COLANDO AS FIGURINHAS ABAIXO NO "ALBUM-REVISTA DA SEMANA" CONHEÇA NOSSO PAÍS E SE CANDIDATE AOS PRÊMIOS.



As figurinhas coloridas que deverão ser recortadas da REVISTA DA SEMANA e coladas no ALBUM, começaram a ser publicadas na REVISTA nº 12, de 21 de março de 1953, com os seguintes números: 156, 38, 76, 51, 102, 140, 57, 156, 7, 120, 15 e 39.

Daí por diante, foram publicadas as seguintes, até ao número presente:

Nº 13, de 28-3-1953: 32, 70, 142, 90, 72, 141, 123, 1, 86, 112, 25 e 114.
Nº 14, de 4-4-1953: 53, 92, 11, 127, 87, 34, 96, 20, 8, 144, 88 e 58.
Nº 15, de 14-4-1953: 29, 146, 26, 17, 3, 54, 94, 81, 134, 98, 4 e 22.
Nº 16, de 18-4-1953: 46, 68, 73, 19, 62, 37, 40, 64, 10, 153, 63 e 27.
Nº 17, de 25-4-1953: 2, 139, 44, 69, 115, 35, 75, 12, 85, 18, 42 e 131.
Nº 18, de 2-5-1953: 28, 154, 74, 60, 136, 82, 5, 100, 6, 113, 65 e 138.
Nº 19, de 9-5-1953: 16, 84, 83, 33, 103, 21, 23, 47, 13, 108, 121 e 36.
Nº 20, de 16-5-1953: 119, 67, 107, 97, 31, 55, 56, 111, 135, 99, 61 e 66.
Nº 21, de 23-5-1953: 79, 95, 59, 126, 49, 149, 78, 14, 104, 52, 30 e 152.
Nº 22, de 30-5-1953: 124, 43, 101, 122, 91, 9, 80, 106, 130, 132, 110 e 151.
Nº 23, de 6-6-1953: 41, 117, 128, 116, 89 e 137.
Nº 24, de 13-6-1953: 148, 24, 48, 77, 133 e 129.
Nº 25, de 20-6-1953: 50, 105, 93, 145, 71 e 118.

Quando não forem encontradas em jornaleiros, podem pedi-las à Companhia Editôra Americana, mediante selos do Correio ou Vale Postal. — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. —— Rua Visconde de Inhaúma, nº 134 —— Rio de Janeiro.

125



109



45

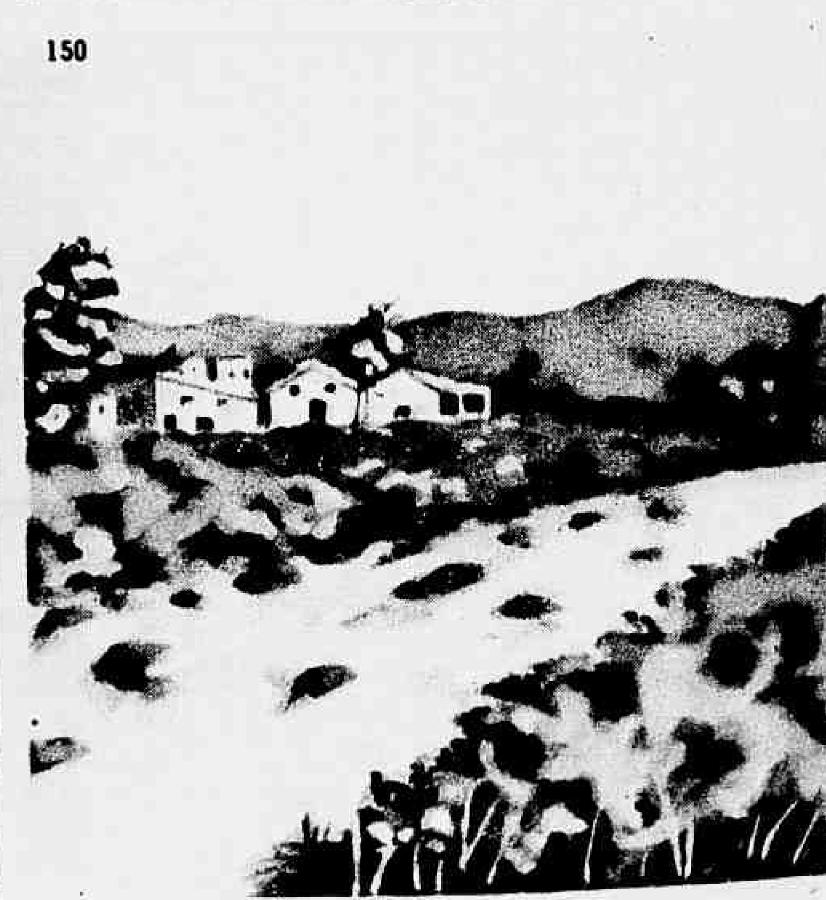


143





150







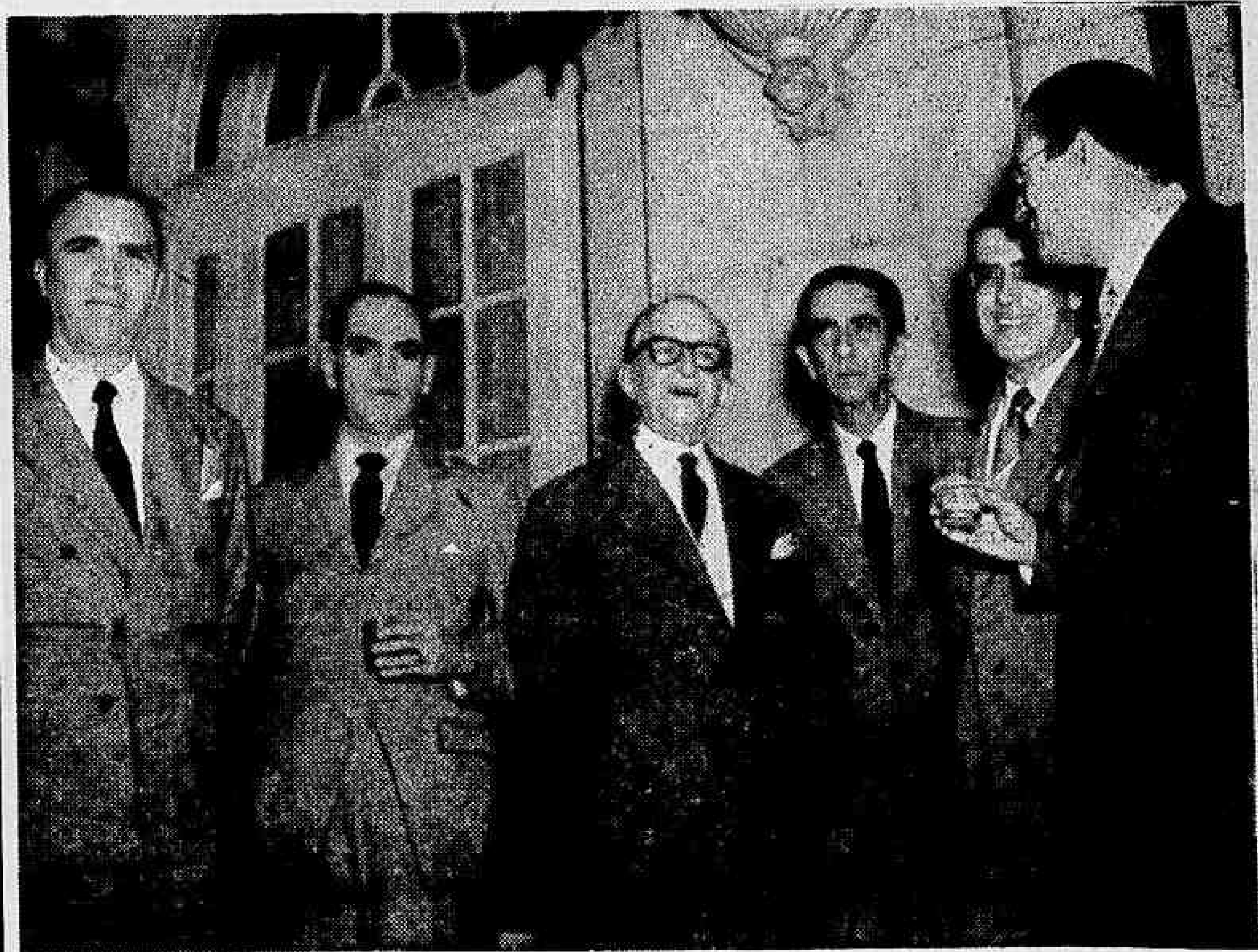
No «Grande Prêmio Cruzeiro do Sul». Em cima: — o presidente e diretores do Jockey confraternizam-se com os criadores: à direita: — as senhoras do presidente e diretores do Jockey Club Brasileiro emprestaram o brilho de sua presença à grande festa turfística da Gávea.

O NOSSO meio turfístico viveu um dia festivo, com a homenagem prestada pelo Jockey Club Brasileiro aos criadores nacionais dos puro-sangue. O Grande Prêmio Cruzeiro do Sul, realizado naquele dia, 31 do mês p. passado, foi uma das partes do grande programa daquelas homenagens. Antes da grande prova turfística realizou-se no Salão das Rosas um almôço oferecido pelo Jockey Club aos criadores ao qual estiveram presentes pessoas de destaque da nossa sociedade. Nessa ocasião usou da palavra o dr. Mario de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, que, em expressiva oração, saudou os criadores nacionais. Em seguida, interpretando o sentimento dos homenageados, falou o dr. A. J. Peixoto de Castro Júnior, que expressou o reconhecimento dos criadores nacionais pelo quanto vem realizando em seu proveito, a administração da nossa grande sociedade turfística. A tarde transcorreu excelente programa no Hipódromo da Gávea, tendo comparecido um público numeroso. A prova principal, o **Grande Prêmio Cruzeiro do Sul**, foi vencida por Quiproquó. O feito, grandemente aplaudido pelos turfistas, deu ensejo a que, no Salão das Rosas, quando ao casal Peixoto de Castro foi oferecida uma taça de champagne, fôssem trocadas saudações entre o presidente do Jockey e aquêle criador e proprietário do «Stud Mondesir».

GRANDE PRÊMIO CRUZEIRO DO SUL



Vemos aqui mais dois flagrantes tomados na elegante tarde turfística. O embaixador Osvaldo Aranha cumprimenta o Dr. Peixoto de Castro Jr. Vêem, ainda, a sra. Assunta Seabra e o casal Mário Ribeiro.



O Dr. Mário Ribeiro, presidente do Jockey Club, tendo à direita os Drs. Fernando de Andrade Ramos e Nelson Monte; e, à esquerda, os Drs. Pereira Braga, Moreira da Fonseca e Adayr Eiras de Araújo.

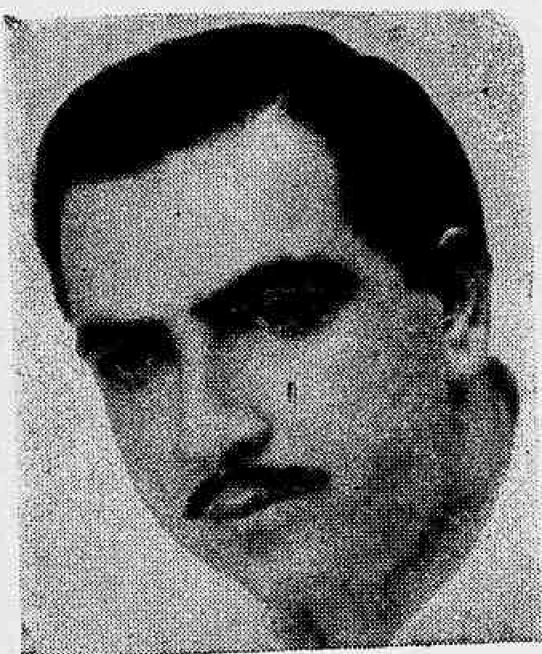
DE RÁDIO

GUARACY

ARI BARROSO NO MÉXICO

NÃO vamos perder tempo aqui falando da carreira artística de Ari Barroso, porque ela é sobejamente sabida do público brasileiro, que o conhece através de suas atuações ao microfone da Rádio Tupi e da Televisão Tupi, bem como de suas composições musicais muito do agrado da crítica e dos ouvintes do Brasil inteiro. Estas considerações vêm a propósito de sua recente viagem aos Estados Unidos, México, Venezuela, e outros países, onde está difundindo um pouco da música brasileira, que precisa projetar-se e conquistar o seu lugar merecido, no panorama musical internacional.

Agora mesmo, acabamos de receber um telegrama do México, onde nos declaram que Ari Barroso acaba de estrear com grande sucesso no Teatro Lírico na revista intitulada «Terceira Dimensão», muito em voga no cinema, encabeçando um conjunto de artistas brasileiros integrado por Araci Costa, da Rádio Tupi, Dora Lopes, da Rádio Nacional, o barítono Edson Lopes, da Rádio Clube do Brasil, e Walter Machado. Esta revista foi montada pelo bailarino do Teatro Colon de Buenos Aires, Julien de Meriche, figurando na mesma a estrêla cinematográfica argentina Amanda Ledesma, o cantor espanhol Juan Legido, o cômico mexicano Clavillazo, e mais de 100 artistas, que constituem a atração dessa revista estreada com muito êxito.



Dandréa Netto, cujo contrato que tem com a Rádio Tamoio terminará daqui há três meses.

..O autor de «Aquarela do Brasil» faz, assim, a sua primeira apresentação em palcos mexicanos, esperando-se um completo sucesso em sua missão, que é a de divulgar a nossa música no estrangeiro, pois talento e espírito de brasilidade, que caracterizam tôdas as suas obras musicais, não lhe faltam, e com sua personalidade marcante saberá mostrar com muita dignidade tudo que nós temos realmente de valioso no gênero. Nos Estados Unidos já é bastante conhecido, pois estêve anteriormente lá, quando compôs as músicas para o filme da Republic Pictures «Brasil», que tinha Tito Guizar no principal papel, e também por ter sido sua famosa composição «Aquarela do Brasil» apresentada no desenho de longa metragem de Walt Disney do mesmo título.

Existe no «cast» de rádio-teatro da Tamoio uma figura imprescindível, que se vem destacando pela maneira sempre correta na interpretação dos tipos que lhe são confiados, tornando-se obrigatória a sua presença nas audições daquela emissora. Trata-se do ator Dandréa Netto, que além de exercer estas funções, nas horas vagas se ocupa da pintura, tendo exposto seus quadros em diversas exposições. Na televisão tem aparecido com destaque, enquanto no cinema brasileiro já fêz parte de alguns filmes: «Somos Dois», «Anjo do Lodo», «Hóspede De Uma Noite», «Pecadora Imaculada», «Barnabé Tu És Meu», «Destino» e «Dois Destinos», que ainda não foi estreado. Seu contrato com a Tamoio terminará daqui a três meses.

● Foi designado para o cargo de diretor do Departamento de rádio-teatro da Rádio Clube, encontrando-se já em grandes atividades, Brandão Reis, que antes ocupava as funções de narrador, locutor, produtor e assistente daquele departamento.

RETORNARAM à Rádio Mayrink Veiga, Urbano Lóes e Luiz Gonzaga, que se encontram atuando nas audições preparatórias para a inauguração do novo auditório que esta emissora fará realizar dentro de muito pouco tempo.

A RADIO MINISTÉRIO da Educação está apresentando todos os domingos às 8 horas da manhã o programa «Terra Brasileira», que é organizado pelo Serviço de Informação Agrícola e dedicado aos lavradores e criadores do Brasil.

● «Autores Famosos» é um programa que apresenta as mais belas páginas dos mais famosos compositores e é ouvido no horário das 21,45 pela Rádio Ministério da Educação.

«RADIO-SEQÜÊNCIA G-3» é o programa que a Rádio Tupi apresenta diàriamente às 11,30 animado por Aerton Perlingeiro e que agora apresenta as mais belas vedetas dos palcos internacionais, constituindo em outro grande êxito daquela audição.

«FRANÇA ETERNA», que corresponde à série «Ao Redor do Mundo», é o programa que a Rádio Ministério da Educação se orgulha de apresentar tôdas às quintas-feiras às 21,15.

ACABA de assinar contrato com a Rádio Nacional o produtor Herrera Filho, que fêz grande sucesso no rádio com as novelas policiais como «O Sombra». Agora êle voltará com «Radar — O Filho do Sombra», que **marcará também a volta do Saint-Clair Lopes ao gênero, interpretando o papel principal.**

VIVENDO EM PECADO

(Cont. da pág 31)

Por trás dela, Sir John, que entrara pé-ante-pé, leu o papel.

— Você me ama, Olivia.

A Condêssa pulou da cadeira:

— John! Você aqui!

— Olivia, acredite, eu não tenho nada com Diana!

— Nem mesmo quando estão rindo de uma boa piada, no Ciro?

— Ora, Olivia, foi a única vez que a encontrei. Assim mesmo para tratar de negócios, ou melhor: para pagar-lhe uma dívida de jôgo. Vamos, querida, vamos nos divertir. Venha jantar comigo. Você gosta de mim. E eu sou louco por você!

— Oh, John! Não me fale assim...

Por outro lado, a Condêssa faria sua primeira palestra, nessa noite, na Associação, sôbre «Trabalho e Saúde».

— Que tolice! Mas, se quiser, eu a deixo antes.

Foi a custo que a Condêssa anuiu.

Mas, quando sòzinho na sala, enquanto a Condêssa trocava de roupa, eis que surge Ekaterina.

— O senhor aqui!

Sir John é um homem de tato. Sabe do pequeno drama de amor de Ekaterina. Surpreende-a com sua argúcia e com a possibilidade que êle acenava para ela de resolver, ou, ao menos, de felicitar-lhe a boa solução de seu namôro com Sir Wilson Caldwell.

Ekaterina vai transigindo em sua atitude com Sir John, que é o Chefe de Sir Wilson Caldwel. Ekaterina sabia que naquele instante seu namorado estava jantando no Savoy com Mily, sua mais perigosa rival. E Ekaterina precisava desbancá-la, elevando-se a si própria ante os olhos do rapaz. E Sir John sabe disso. Por isso sugere-lhe:

— Ekaterina, que tal se você for comigo ao Savoy e passar diante do nariz de Mily de braço com um Ministro de Sua Majestade?

Ekaterina sentia arrepios só de pensar nas ferruadas que daria em sua rival. Sim, aceitava de muito bom grado. E a moça ainda fêz questão de ensaiar como fariam. E Sir John, dessa vez, não pôde deixar de lembrar-se do outro ensaio de que participou há pouco tempo atrás.

Quando a Condêssa entrou na sala, já pronta para sair, surpreendeu-se vendo a filha e o antigo amante na mais cordial e alegre das atitudes.

A explicação da transformação surpreende-a ainda mais.

Eis que toca o telefone. É para Ekaterina. Nada menos que um convite por parte de Sir Wilson, para jantar no Savoy. A moça está transportada. Felicidade demais. Oh, nada como o bom sucesso para pôr-nos de bem com a vida!

E, entre risos e transbordamentos de alegria, os três saíram para a noite que se lhes anunciava dadivosa de generosos acontecimentos.

AS GRANDES AMOROSAS...

(Cont. da pág. 22)

As confabulações se concluiram com a proposta de Cleópatra de ser reconhecido a seu filho o direito ao reino e com a exortação de mensageiro de que confiasse na magnitude de Otávio.

Talvez uma entrevista apenas tivesse bastado para provar a impossibilidade de um acôrdo de parte a parte. As frequentes visitas, porém, tinham por fim dar a Procúleo a noção exata da topografia dos arredores, para a preparação da catástrofe, que não tardou muito. De fato, dois dias depois, em vez de Procúleo apareceu Galdo para falar com a rainha. Enquanto entretinha-a, prometendo-lhe, da parte de Otávio, condições mais favoráveis, Procúleo, por meio de uma escada, conseguia penetrar no abrigo de mármore. A fiel Cármio, percebendo a invasão, deu um grito de espanto que fêz voltar-se Cleópatra. Brilhou a lâmina de um punhalzinho que ela tinha sempre consigo, mas o mensageiro não lhe deu tempo de se matar. Segurou-lhe o pulso e manteve-o firme.

— Não te faça violência, Cleópatra — disse o homem — e não tire a Otávio a ocasião de dar-te uma prova de sua bondade. Não faça com que, ao contrário, pareça ser êle o culpado de tua morte.

Tirou-lhe o punhal. Assegurou-se de que não havia venenos em tôrno e entregou-a à guarda de um liberto de Otávio, de nome Epafródito, com ordem de impedir-lhe qualquer ação insana, mas de tratá-la respeitosamente e com as maiores atenções. Apenas foi-lhe negada qualquer comunicação com o que, até então, fôra o seu mundo exterior, para que não soubesse da sorte que reservara a seus filhos o "generoso" vencedor. Inocente Cesariano, inocentes os outros três, suas almas vagaram em tôrno à mãe, depois de suas mortes, como para invocar-lhe a sua companhia no Além. Muitas concessões, porém, tinham lhe sido feitas, menos a de morrer, ainda que houvesse tentando extenuar-se pelo jejum, pretextando febre, depois do sepultamento de Antônio e das honras fúnebres solenes que lhe foram tributadas por vontade de Otávio. Êste dera a Cleópatra a permissão de ordenar as cerimônias do sepultamento, a fim de parecer clemente diante de seus oficiais e do povo de Alexandria, e para tornar mais penosa a tristeza da rainha prisioneira.

Aquêle que um dia deveria usurpar ao mundo e à história o atributo de Augusto, em cada ato seu punha apenas dois fins recônditos, diversos e contrastantes: tirar tôdas as vantagens para si e para sua fama.

Quando a rainha febricitante recusou obstinadamente todo alimento, sem ceder nem mesmo às preces de Olimpo, seu amigo dedicado e seu médico, Otávio, para reduzi-la a uma atitude mais sensata, ameaçou feri-la em seus filhos, se não se deixasse curar. Ela cedeu e viveu por amor dêles, ignorando que já estivessem mortos.

Seus dias, porém, eram tristes e desesperados.

Visto que, manifestamente, não podia se matar, fingiu apegar-se à vida e querer, mesmo, recuperar seus bens perdidos. Para êsse fim pôs em ação sua habilidade de mulher, opondo-se a Otávio, que fazia o mesmo jôgo tentando iludí-la com uma certa be-

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N . ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

nevolência. Foi-lhe dada permissão para deixar seu triste refúgio. Passando do sepulcro para o palácio, era mais do que nunca vigiada na relativa liberdade que lhe fora concedida. Cansada e deprimida, porém, ela não levantava muitas suspeitas. Passava o tempo em seus próprios aposentos, atendida pelas duas servas fiéis, deitada sôbre o leito, inerte, aparentemente dócil e tranqüila.

Sôbre o leito foi como a encontrou Otávio, quando a ela se dirigiu para uma conversa sutil e encadeada de mentiras. Coberta apenas com uma camisa transparente, os cabelos em desordem sôbre os ombros, os seios pálidos caídos sôbre o peito, devido às comoções dos momentos de aguda crise, Cleópatra levantou-se desconsoladamente e com dificuldade, e quedou-se muda e triste. Otávio nela procurou, em vão, a rainha fascinante que, com seus encantos, havia dominado dois grandes generais. Apenas, quando ela levantou os olhos, e o rosto emaciado se iluminou com o brilho de suas pupilas, compreendeu o poder daquela mulher e porque dois grandes romanos se haviam ajoelhado diante dela. Agora, ao contrário, era ela quem esperava, de joelhos, diante dêle, a sua condenação. Êle quis que Cleópatra se levantasse e fôsse outra vez para o leito. Ela obedeceu e começou uma conversa calma, falando-lhe primeiro de seu passado, para justificar seus atos, e depois do futuro, como se ainda estivesse em suas mãos construí-lo, e como se nela tivesse renascido a vontade de poder e grandeza. Otávio, enganado, quis por sua vez engana-la. Jogou com a mentira, como ela havia jogado com a astúcia, fazendo-a acalentar esperanças de dias menos tristes.

Separaram-se os dois, cada um mais seguro do outro e ambos decididos a realizar seus desígnios ocultos.

★

O último e fugaz triunfo de sua beleza já murcha foi o que obteve sôbre Cornélio Dolabela, jovem e nobre oficial de Otávio. Encarregado da guarda de Cleópatra, tomou-se por ela de um sentimento de viva admiração, que escondia outros mais ardorosos. Como, porém, as paixões juvenis, mesmo quando se trata de homens muito prudentes, não podem se manter ocultas, Cleópatra se deu conta do poder que tinha sôbre êle e disso se valeu. Dolabela entretinha-se com ela, com prazer, e, respondendo às suas perguntas, não lhe ocultava os planos de Otávio a seu respeito. Para mostrar-se benfazejo e para que seu coração tivesse algum alívio, havia, no limite das possibilidades, diminuído a vigilância. Permitia que alguns súditos fiéis lhe oferecessem pessoalmente flores e frutas, que abundavam na terra egípcia.

Não é necessário descrever como Cleópatra acendia no coração e na alma de Cornélio tão grande paixão. Sua qualidade de rainha, sua vida aventurosa, suas próprias relações com os dois grandes generais, eram para o jovem incentivos apaixonantes. A tudo isso se juntava o tratamento que ela lhe dava. Cleópatra, agora, cuidava de sua pessoa, fazia-se bela, enfeitava-se com cosméticos e perfumava-se, comprazia-se com comidas delicadas e refeições bem servidas, vestia seus trajes mais finos, com a astúcia das mulheres que, mostrando esconder, oferecem ao olhar de quem as observa as prendas de seu corpo.

Dolabela, ainda mesmo sabendo que uma indiscrição poderia causar-lhe a morte, disse-lhe, uma noite, que Otávio se preparava para partir para a Síria e havia decidido que ela o seguiria. Tinha apenas três dias diante de si. Permaneceu calma, ao ouvir a notícia que desmantelava suas ilusões, se ainda tinha algumas. Nem um lampejo do olhar, nem um estremecimento do rosto, revelaram sua comoção interior. No dia seguinte, pediu licença a Otávio para se dirigir ao túmulo de Antônio, para um último adeus. Foi-lhe concedido.

Foi aquela a hora cobiçada de suas núpcias com o morto. Sôbre o sepulcro pôde jurar completa fidelidade a Antônio e prometer-lhe unir-se a êle, finalmente. Pela primeira vez, depois de tantas e transtornantes vicissitudes, sentiu o coração mais calmo e o espírito mais seguro. Talvez porque já estivessem, um e outro, libertados de todo laço terreno.

★

Saía do banho tépido, aspergida de essências, quando Cármio e Iro anunciaram-lhe que um homem do campo viera oferecer-lhe um cesto de frutas. Era de manhãzinha, muito cedo; o ar estava fresco e o vento acariciava docemente a pele. Cleópatra sorria, como se diante dela se tivesse aberto uma porta misteriosa. O homem se ajoelhou, e apresentou o cestinho cheio de peras saborosas, de pêssegos rosados, de figos que gotejavam doces pérolas douradas. Ficou satisfeito quando a rainha tomou-o diretamente com suas mãos, sem permitir que nenhuma das servas o tocasse. Depois, êle se inclinou mais uma vez e saiu. A Cármio e Iro pareceu que os lábios dêle tremiam e que sua expressão fôsse profundamente angustiada.

Ela foi até seu quarto, calma, quase serena. Apoiou o cêsto sôbre uma mesinha de ébano e marfim, com pés de prata, e esperou alguns minutos indecisa. Um grande espelho refletia sua imagem. Sentiu-se feliz por ser ainda bela. Sorriu a alguém que não podia vê-la.

Sob a veste transparente apareciam os dois seios, com sua rósea protuberância, como um botão em flor ainda não aberto. Ai! não eram mais aquêles que, há muito tempo, quando ainda adolescente, oferecera à admiração de César. Agora, ainda que fôsse muito jovem, êles se apoiavam sôbre seu peito, como se o cansaço os tornasse mais pesados e a falta de beijos e carícias os tivessem feito murchar. Quantos beijos e quantas carícias! Diante de sua memória desfilavam em rápida carreira as mais doces, as mais suaves, as mais quentes noites de amor. O seu trono de ouro, os seus triclínios de púrpura, suas trirremes enfeitadas, seus coches velozes, seus exércitos em desfile, suas esquadras no pôrto, a grande subida para os cumes do poder, o triunfo de sua fascinante personalidade! Cavalgada sem freios, corrida no tempo e no espaço!

Ah! os pequeninos seios murchos eram a testemunha melancólica de que tudo estava acabado, menos a entrada na imensa e misteriosa liberdade da morte.

Aproximou-se do cestinho. Tirou a primeira camada de frutos macios e maduros. Eis que apareceu, entre uns e outros, a cabeça de uma víbora, com os olhos brilhantes e a língua pendida. Rapidamente, retirada de seu refúgio oculto, a víbora se desembaraçava dos figos dourados. Com tôda firmeza Cleópatra se inclinou sôbre o cêsto, pôs o seio esquerdo ao alcance da picada mortal do réptil e se deixou morder, transpassar a própria pele pelos dentes agudos. A dor insistente da mordida deu-lhe uma estranha sensação de agressividade violenta, mas sua vontade soube vencer a repulsa.

(Cont. na pag. 40)

RESPOSTAS DA PÁG. 39

Puxe pelo cérebro

1 — Vinte mil (20 quilos).
2 — O «meson».
3 — Nos Estados Unidos.
4 — Minas Gerais.
5 — Na troposfera.
6 — 402 quilômetros.
7 — Hsi-mo-chin.
8 — 17 320 000.
9 — Uma anomalia da visão (confusão do verde e vermelho).
10 — Esculápio.
11 — 25 anos.
12 — 52 centímetros.
13 — A dos insetos.
14 — E' inócuo.
15 — Campinas (S. Paulo).

Quem disse isso?

1 — Pasteur.
2 — Theophile Gauthier.
3 — Pitágoras.
4 — Cícero.
5 — Cláudio de Sousa.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

O GÊNIO DO CINEMA

FOI, precisamente, em 1923, que Charles Caplin — o gênio do cinema — depois de prolongados estudos e de muita meditação, realizou a sua primeira produção, que batizou com o título de «A Mulher de Paris» ou «A Opinião Pública» (A Woman Of Paris), escolhido após vários meses, em vista de ser o argumento muito irreverente e bastante realista para a época, motivando, desta maneira, a precaução na escolha do nome. Charles Chaplin tinha se incumbido do argumento, cenerazação e direção, entregando a assistência desta a Eddie Sutherland e a fotografia a Jack Wilson e ao veterano Roland Totheroh, que colaborou com êle até a sua penúltima produção que foi «Monsieur Verdoux». Neste seu primeiro filme, Charles Chaplin entregava o principal papel a um ator francês desconhecido que se encontrava nos Estados Unidos e que mais tarde iria tornar-se uma das glórias do cinema americano, sendo também considerado o ator mais bem vestido da terra de Tio Sam — Adolphe Menjou.

● Em 1925 fêz a sua segunda produção intitulada «Em busca do Ouro» (The Gold Rush), que teve uma reprise em 1942, com música de fundo feita pelo próprio Chaplin, que assim revelava outra faceta do seu talento. Novamente o argumento, cenarização e direção era de Charles Chaplin, enquanto os assistentes de direção desta vez eram Charles Reisner e Henry D'Abbadie D'Arrast, e a fotografia de Jack Wilson e Roland Totheroh, realizando em 1928 a sua terceira película rotulada «O Circo» (The Circus), mais uma vez com argumento, cenarização e direção de sua autoria, e a fotografia de Roland Totheroh e Jack Wilson. «Luzes da Cidade» (City Lights), que há pouco tempo teve uma reprise no mundo inteiro com extraordinário sucesso, e novamente com um fundo musical de sua autoria, foi o seu quarto filme realizado em 1931, com argumento, cenarização e direção de Charles Chaplin e a fotografia de Roland Totheroh e Jack Wilson. Como os nossos leitores devem ter percebido, houve um intervalo de apenas dois anos entre a primeira e segunda produções, o que já não se verificou entre a segunda, terceira e quarta, que é de três anos. O mesmo não acontece em «Tempos Modernos», seu quinto celulóide, que foi filmado em 1836, havendo um espaço de cinco anos. Nesta película fazia o papel central a estrêla Paulete Goddard, sua terceira espôsa, sendo desta vez a fotografia de Roland Totheroh e Ira Morgan, que foi o fotógrafo de «Dellinger», da Monogran Pictures. Como o filme foi realizado na fase do cinema sonoro, Chaplin apenas apresentou um fundo musical de sua autoria, incumbindo da direção musical a Alfred Newman, conservando o restante mudo. Ocupou-se novamente do argumento, cenarização e direção.



Charles Chaplin, que nos apresentará a sua mais recente produção: «Luzes da Ribalta».

● Quatro anos depois resolveu aderir ao cinema falado, produzindo sua sexta película «O Grande Ditador» (The Graet Dictator), um filme anti-nazista, onde estêve a seu cargo o argumento cenarização, direção, diálogos e música, entregando a fotografia a Roland Totheroh. Em «Monsieur Verdoux», seu sétimo trabalho para o cinema, Charles Chaplin comprou o argumento dêsse outro gênio do cinema — Orson Welles, com a condição de que o mesmo seria apresentado com o seu nome. Com a exibição de «Monsieur Verdoux», a crítica americana, que sabia do fato, não gostou, obrigando Chaplin a colocar o nome de Orson Welles. O intérprete de Carlitos entregou a fotografia novamente aos criados de Roland Totheroh, sendo a cenarização, diálogos e música de sua autoria. Agora Charles Chaplin acaba de apresentar sua última obra cinematográfica intitulada «Luzes da Ribalta» (Fimelight), que teve a sua «première» mundial na Inglaterra. «Luzes da Ribalta» que a United Artists está distribuindo no mundo inteiro, tem nos principais papéis Charles Chaplin Claire Bloom seu filho Sidney Chaplin, Nigel Bruce, Norman lloyd, Buster Keaton, Marjorie Bennett Charles Chaplin, Jr. e Wheeler Dryden, figurando na parte de «ballet» os bailarinos André Eglevsky e Melissa Hayden. Seu argumento, cenarização, direção, música e coreografia é de Charles Chaplin, tendo entregue, depois de muitos anos, a fotografia a outro «cameraman» do cinema norte-americano — Karl Struss, talvez aderindo à forma, que até hoje tem evitado em seus filmes, justificando, portanto, a insistência na escolha dos fotógrafos Roland Totheroh e Jack Wilson, que se conformavam em apresentar uma fotografia bem enquadrada e iluminada, mas sem qualquer virtuosismo e sem a plasticidade que a mesma exige para melhor expressar a atmosfera e o ânimo das personagens.

«Luzes da Ribalta» está obtendo da crítica mundial os comentários mais elogiosos, apontando a interpretação de Charles Chaplin como uma das mais impressionantes do cinema, pelo magnífico conteúdo humano que colocou na composição da sua personagem, que é a figura de um palhaço de circo.

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 27 de junho e 3 de julho de 1953.

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21-9/20-10) — Haverá uma acentuada predisposição para soluções litigiosas nos negócios em conta de participação. Evite, pois, qualquer sociedade, nas suas transações, nos próximos sete dias.

TOURO (21-10/20-11) — O ambiente formado pelos astros será muito melhor, no seu caso. Haverá favorabilidades generalizadas, possibilitando-lhe uma atuação proveitosa em todos os ramos de atividade. Tire partido dessa situação.

GÊMEOS (21-11/22-12) — O mar continuará bonançoso, proporcionando ao barco que lhe conduz o destino, uma navegação livre de dificuldades. A semana lhe favorecerá, principalmente, os apoios de que tiver necessidade. Poderá solicitá-los.

CÂNCER (23-12/20-1) — Não inicie viagem por mar ou pelo ar, no próximo periodo. Haverá perigo de acidentes, principalmente nos dias 29 de junho e 2 de julho entrante. Quanto aos negócios, tudo correrá a contento.

LEÃO (21-1/20-2) — Os astros continuarão em atitude hostil, no seu caso. O novo periodo não se recomendará para o lançamento de qualquer iniciativa de natureza comercial ou industrial. Aguarde melhor oportunidade.

VIRGEM (21-2/22-3) — A nova semana lhe sairá diferente. Os astros lhe oferecerão um clima salutar ao reajustamento dos negócios profissionais e domésticos. Todos os seus interêsses estarão devidamente resguardados.

LIBRA (23-3/20-4) — A semana possibilitará o andamento rápido dos negócios, dos papéis em curso nas repartições e dos processos em via de conclusão. Aproveite a oportunidade para a liquidação dos casos em que estiver sendo parte.

ESCORPIÃO (21 4/20-5) — Ainda será instável a situação dos negócios e fracas as possibilidades para conseguir o interêsse de terceiros nas suas iniciativas. Haverá favorabilidade, não obstante, na vida privada, pelo clima de confiança a ser estabelecido.

SAGITÁRIO (21-5/23-6) — Haverá um estado de constante agitação na vida profissional e doméstica, consequência do nervosismo de que vai ser prêsa nos próximos sete dias. Previna-se em tempo para evitar um mal maior.

CAPRICÓRNIO (24-6/22-7) — As favorabilidades da semana anterior, continuarão. Haverá chance no mundo dos negócios, notadamente no setor financeiro. Os empréstimos serão conseguidos com tôda facilidade.

AQUÁRIO (23-7/21-8) — Sua posição será muito fraca, no seu meio. Os apelos que fizer não serão ouvidos. Não solicite favores, para evitar uma desilusão certa. Seu poder vibratório estará sensìvelmente diminuido, resultando inoperantes, as suas sugestões.

PEIXES (22-8/20-9) — Tudo o que fizer com a necessária reflexão dará o resultado previsto. O novo periodo reclamará calma, método nas ações, prudência nas atitudes e circunspecção no trato cotidiano.

OS NOMES DA SEMANA

Junho	27	— Aristides	— Aurélia
"	28	— Lauriano	— Elba
"	29	— Sertório	— Emiliana
"	30	— Estêvão	— Ester
Julho	1	— Ranulfo	— Dijanira
"	2	— Ermiro	— Edésia
"	3	— Hermes	— Hortênsia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich.

Junho	27	5º21'31"	(Signo do Câncer)
"	28	6º28'32"	(" " ")
"	29	7º25'44"	(" " ")
"	30	8º22'55"	(" " ")
Julho	1	9º20'07"	(" " ")
"	2	10º17'19"	(" " ")
"	3	11º14'31"	(" " ")

JANELA SOB

● No Jardim Zoológico de Sidnei, Austrália, uma chimpanzé, que de há muito vinha tentando eliminar o marido, acabou por estrangulá-lo com uma corda. O administrador do Zoo declarou consternado: «Foi o mais horrível assassínio premeditado aqui cometido». Até nisso macaco parece com gente...

● Na Alemanha (Cuxhaven) o Tribunal Civil acaba de decidir curiosa questão. Uma criança incomodava certo oficial em seu apartamento, e o militar pediu a expulsão da família e do bebê. Mas os juízes decidiram o seguinte: o garotinho de 6 meses terá o chôro racionado: nada além de quinze minutos!

● O magarefe Bursi, de Capri, Itália, ao iniciar o esfolamento de um bezerro, levou do «cadáver» tremendo coice no rosto, produzindo fraturas ósseas e concussão cerebral. Bursi foi internado em más condições. Os médicos explicaram: «Raro fenômeno de contração post-mortem». Para a vitima, não foi.

● Foi eleita em Turim, «Miss Quintal», uma senhorita que pesa nada menos de cento e quarenta quilos. A eleição se efetuou durante um banquete oferecido às concorrentes, inscrevendo-se mais 31 jovens com mais de cem quilos.

CADÁVERES EM CONTRABANDO

Parece até conto de Hoffmann, leitor; mas não é. O fato já foi divulgado pela imprensa diária e merece ser apurado pelas autoridades. Estão transportando cadáveres de tuberculosos de Petrópolis para o Rio, sem as necessárias guias da polícia da cidade das hortênsias. Os proprietários de sanatórios contratam «necrófilos» para o transporte macabro, e, perto das barreiras, os corpos são sentados no assento trazeiro dos carros, como se fôssem gente viva. Para ainda mais dissimular o crime, os contrabandistas colocam cigarro na bôca do morto como se estivesse a fumar. Os guardas passam uma vista, contam os passageiros e dão entrada livre no Distrito Federal...

A vitoriosa se chama Speranza Bertucelli, e não quer emagrecer. Que esperança!

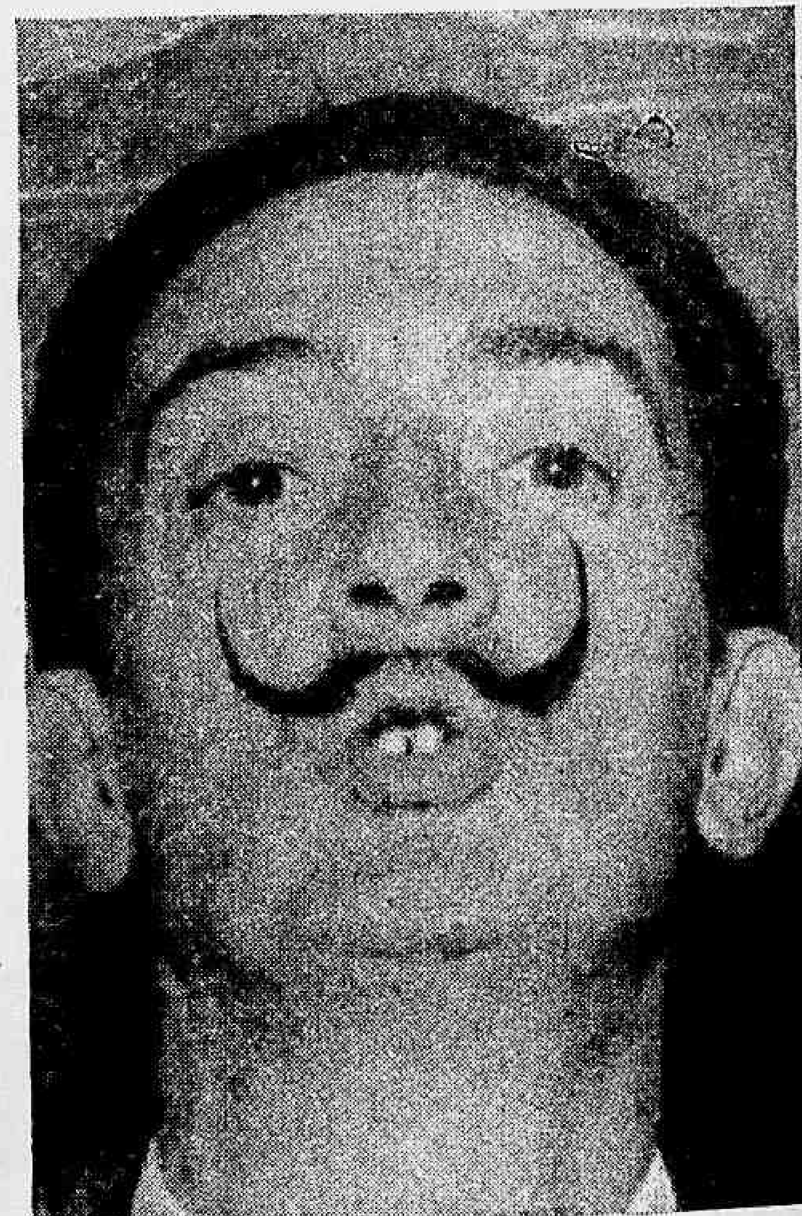
● Segundo notícias de Buenos Aires, dar-se-á um encontro entre Vargas e Perón, na capital argentina, a 9 de julho, data em que o povo irmão comemora sua Independência. Os meios políticos vêem o caso com simpatia, especialmente agora, quando foi firmado o acôrdo comercial entre Argentina e Brasil.

● Dizem notícias de Londres, que o embaixador russo, Jacob Malik, ao visitar o primeiro ministro Churchill, entregou-lhe um convite de Malenkov, a fim de que o estadista britânico visite Moscou. Afirmam que Churchill aceitou, em princípio, mas precisa antes consultar com os líderes ocidentais.

● A oito de junho de 1953, foi assinado um acôrdo preliminar entre o comando militar da ONU e o do Exército sino-coreano, como base inicial para o armistício. O mundo inteiro respirou aliviado diante das possibilidade de paz. Entretanto, o presidente da Coréia do Sul, Singman Rhee, não concordou.



QUEM SERÁ? — Todos dirão que é a famosa estrêla Rita Hayworth, mas não é. Trata-se da americana Mary Castle, de vinte e duas primaveras. Perfeita sósia de Rita, tem ela cabeleira igual, tanto pelo estilo, como pela côr; olhos iguais, da mesma coloração verde-griz; bôca igual, riso igual, e, para cúmulo das semelhanças, a mesma estatura da célebre «Gilda». Está em Londres, onde tem despertado curiosidade. Miss Castle é texana e foi à Inglaterra justamente para interpretar, num filme britânico, papel de uma artista de cabaré, a cantar suas canções no próprio estilo de Rita.



ÊSTES BIGODES estão segurados por 15 milhões de francos. Por que, leitor curioso? Pelo fato de ter o milionário Artur Lopes jurado cortá-los da face do seu dono, o pintor surrealista Salvador Dali, cuja expressão estranha vemos aqui. O pintor acha que sem êsses bigodes perde o sexto sentido, graça divina a quem deve todo o seu êxito nas telas do estilo. E os bigodes a Guilherme II, o famoso Kayser, têm que ser assim mantidos pelo alarmado Salvador Dali, do contrário estará êle irremediàvelmente perdido, sem mais inspiração criadora. É um novo Sansão... surrealista.

RE O MUNDO



NÃO SABEMOS se há coisa igual neste mundo. O casal Brooks, de Pittsfield, Estados Unidos, estava com doze filhos, todos do sexo feminino. Madame, que desejava muito possuir um filho varão, a fim de quebrar aquela escala de tanto «sexo fraco» (pois sim...), foi mais uma vez visitada pela cegonha. E veio mais uma menina. Chama-se Lorena Avis e está nos braços da mamãe. Os Brooks se amarraram há dezessete anos, e, num dos partos nasceram duas gêmeas. A mamãe continua a esperar um garotinho, mas o papai acha que assim é melhor, pois as meninas dão menos preocupação. Pelo menos enquanto são garotinhas...

● O juiz federal dos Estados Unidos, Irving Kaufman, rejeitou o último apêlo feito por Julius e Ethel Rosenberg, para a realização de um novo processo, em virtude das novas provas de que os depoimentos de importantes testemunhas tinha sido falsos. Parece, pois, que o casal será mesmo eletrocutado.

● A Agência de Turismo de Moscou, «Intourist», acaba de restabelecer contactos com a Inglaterra e a Dinamarca, a fim de reiniciar serviços de turismo entre aquêles países. Informa-se que, além dêsses dois países, muitos outros da Europa Ocidental serão incluídos nos novos planos de intercâmbio russo.

● O govêrno peruano protestou junto ao do Equador, em virtude da violação do território do seu país por aviões militares equatorianos, a 6 de junho dêste ano. As notícias divulgadas pela imprensa são intranqüilizadoras, dizendo-se que ambos os países estão mobilizando tropas e treinando a mocidade para a guerra.

● Chegando a Nova Iorque o ex-embaixador dos Estados Unidos, no Brasil, Mr. Herschel V. Johnson, deu entrevista à imprensa, dizendo que, apesar da campanha comunista, govêrno e povo brasileiros são amigos dos norte-americanos. O ex-embaixador teve que retirar sua bagagem do navio, em virtude da greve dos estivadores.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Mede-se a grandeza das ações humanas, pela inspiração que as faz nascer.

2 — Quando Deus não quer assinar o próprio nome, serve-se, talvez, daquilo a que chamamos Acaso.

3 — Não devemos admirar nada com excessos.

4 — Não há felicidade nenhuma se a alma não fôr sã.

5 — Amigos?... Quando muitos te batem à porta com êste pseudônimo, espera os pedidos.

(Cont. na pág. 37)

COICE E INDENIZAÇÃO

O juiz Clóvis Rodrigues, da 3ª Vara da Fazenda, acaba de julgar uma ação que a viúva de Saturnino de Oliveira moveu contra a União, em virtude de um coice que um cavalo da Polícia Militar desta capital lhe vibrou, sem nenhuma culpa do pobre pai de família. Isso foi em 25 de dezembro de 1949. As indenizações foram assim arbitradas: Cr$ ... 3.000,00 para luto e funeral; 360,00 mensais para a viúva até 1971; 90,00 por mês para cada filho até à maioridade, para os homens, e até ao casamento, para as filhas. Tudo isso a contar do dia do falecimento de Saturnino, que foi a 31 de dezembro do ano de 1949. A Justiça falou. Resta agora que a verba não desampare a família enlutada.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE DESTES

1 *Quantas gramas de ouro havia na bomba atômica de Hiroshima:*
— Quinhentas?
— Duas mil?
— Vinte mil?

2 *O jovem cientista brasileiro, César Lattes, descobriu:*
— O "meson"?
— Os raios cósmicos?
— A lâmpada atômica de magnésio?

3 *Em que país correu o primeiro bonde puxado a cavalos:*
— Nos Estados Unidos?
— Na Inglaterra?
— Na Suécia?

4 *Em que Estado do Brasil foi inaugurada a primeira rêde destinada a bondes elétricos:*
— São Paulo?
— Minas Gerais?
— Pernambuco?

5 *Em que parte da atmosfera vivemos todos nós:*
— Na estratosfera?
— Nas camadas hidrogenadas?
— Na troposfera?

6 *Qual a maior altura em quilômetros, já atingida por um engenho feito pelo homem:*
— 112?
— 289,5?
— 402?

7 *Qual dêstes lagos apresenta a originalidade de ter águas negras como o ébano:*
— O Titicaca?
— O de Genesaré?
— O Hsi-mo-chin?

8 *No terceiro recenseamento do Brasil, em 1900, quantos habitantes possuía o país:*
— 17 320 000?
— Mais de vinte e dois milhões?
— Exatamente 31 875 983?

9 *O daltonismo consiste em:*
— Uma anomalia da visão?
— Perturbação na pronúncia?
— Impossibilidade de ver ao longe?

10 *Qual era o deus da medicina na Grécia:*
— Hipócrates?
— Esculápio?
— Asclepíades?

11 *O homem cresce até aos:*
— 45 anos?
— 25 anos?
— 38 anos?

12 *Qual a estatura do famoso anão de Felipe IV, de quem Velasquez deixou belo retrato:*
— 1 metro?
— 52 centímetros?
— 1 metro e 20?

13 *Qual destas espécies a que possui maior número neste mundo:*
— A dos insetos?
— A dos mamíferos?
— A das aves?

14 *O veneno de cobra, se ingerido pela pessoa humana:*
— Mata?
— E' inócuo?
— Tira os sentidos?

15 *Carlos Gomes era de:*
— Campinas?
— Campos?
— Santos?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Cont. na pág. 37)

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.° 60

	Conceito								
A	Compreendem, julgam	35	2	10	95	89	148	105	24
B	Consagrei; tributei	21	45	158	8	53	75	103	139
C	Estado de úmido	54	64	13	40	140	152	109	■
D	Capa mourisca; alquicel	1	129	101	47	147	26	15	■
E	Penhasco; rocha escarpada (pl.)	12	3	74	17	55	44	162	136
F	Deusa; divindade	46	33	159	81	6	112	57	■
G	Façamos a operação	11	36	60	115	84	72	160	4
H	Dano; efeito de prejudicar	59	67	111	125	130	97	108	25
I	Enchem com preparado culinário	76	23	98	7	119	49	149	110
J	Tornas breve	14	117	61	113	48	80	141	5
K	Devotada; serviçal	50	135	85	77	16	20	150	30
L	Cansado; anelante	128	138	86	144	51	69	32	151
M	Aquilo que se contém em alguma coisa	123	94	29	62	88	102	56	153
N	Que têm grandes ossos	28	9	161	107	70	116	100	■
O	Ladridos	118	143	96	41	83	39	155	■
P	Livrei-me; escapuli	22	58	146	126	66	154	37	■
Q	Receavas	156	71	120	27	145	52	■	■
R	Vaiados	82	93	124	114	137	106	133	142
S	Luzidias; de pele lustrosa	31	65	90	19	121	43	■	■
T	Catafalcos	68	34	79	91	127	■	■	■
U	Limpas; higiênicas	63	38	104	18	73	134	99	122
V	Resultado de um problema	92	42	87	157	131	132	78	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

D 1	■	A 2	E 3	G 4	J 5	F 6	■	I 7	B 8	N 9	A 10	G 11	E 12
C 13	J 14	■	D 15	■	K 16	E 17	U 18	S 19	K 20	■	B 21	P 22	■
I 23	A 24	H 25	D 26	Q 27	N 28	M 29	K 30	S 31	L 32	F 33	T 34	■	A 35
G 36	P 37	U 38	O 39	C 40	O 41	V 42	S 43	■ ,	E 44	B 45	■	F 46	D 47
J 48	I 49	K 50	L 51	Q 52	■	B 53	C 54	E 55	■	M 56	F 57	P 58	H 59
G 60	J 61	M 62	U 63	C 64	■	S 65	■	P 66	H 67	T 68	L 69	N 70	Q 71
G 72	■	U 73	■	E 74	B 75	I 76	K 77	V 78	T 79	J 80	F 81	R 82	O 83
G 84	■ ,	K 85	L 86	■	V 87	M 88	A 89	S 90	T 91	V 92	■	R 93	M 94
A 95	O 96	H 97	I 98	U 99	N 100	■	D 101	M 102	B 103	■	U 104	A 105	R 106
N 107	H 108	C 109	I 110	■	H 111	■	F 112	J 113	■	R 114	G 115	N 116	J 117
O 118	I 119	Q 120	S 121	U 122	■	M 123	R 124	H 125	P 126	■	T 127	L 128	D 129
H 130	V 131	V 132	R 133	■	U 134	K 135	E 136	R 137	L 138	B 139	C 140	■	J 141
■	R 142	O 143	L 144	Q 145	P 146	D 147	A 148	I 149	K 150	L 151	■	C 152	M 153
■	P 154	O 155	Q 156	V 157	B 158	F 159	G 160	N 161	E 162	■	Blaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N. 59 — MANOEL DE MACEDO. O RIO DO QUARTO. "Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore majestosa que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço."

GRANDE PRÊMIO

(Cont. da pág. 11)

Terra abençoada, favorita do Senhor. Terra onde os homens perdiam, e raramente ganhavam, centenas, em patas de cavalos, em que se achavam relógios de ouro, com pedrinhas faiscantes!...

Quatro coisas o impressoinaram: rádio, telefone, ar refrigerado e televisão. Aquilo era bruxaria...

Dêsse modo, Venâncio dos Santos começou a viver na cidade das maravilhas, cujo solo era molhado todo mês e o povo reclamava por chover seguidamente, impedindo-o de ir à praia tomar banhos de sol... Donde provinha a aluvião de veículos?

Como era diferente a sorte de seus irmãos do Nordeste... Seria o mesmo Deus o autor das duas obras? Lembrava-se, pesaroso, da última sêca:

Lá iam êles... Rotos, magérrimos, famélicos, legião fantasmagórica de infelizes. Ah! Nordeste ingrato... Lá iam... Homens e mulheres, crianças e velhos, maltrapilhos, seminus... Crescia a poeira. Impressionava a aridez da várzea, a nudez da natureza abatia.

Carrinhos e carretas, fantasmas... Retiravam-se da gleba calcinada, requeimada pela soalheira inclemente. Sêca, sêca, palavra fatal, que assombrava. Iam êles, aonde? Não importava, queriam pão, queriam água... Olhavam para trás, o crematório esbraseado crepitava e corria-os, com o imperativo inexorável do sol pestífero e cruel. Desenvolvia-se o comércio negro, infante, de aliciadores, corvos humanos, canalhas profissionais. Faziam-se negócios e barganhas. Ambição, ambição. A terra adusta propiciava a vertigem e a loucura.

— «Papai, quero água... água... estou morta de sêde» — dizia-lhe a menor.

Feridas e febres, ventres crescidos de mães e filhos; trouxas e latas, potes de água, água do céu, que há dez meses Êle não mandava. Deus! As casitas rústicas estalavam abandonadas; era extrema a secura dos ares. No açude do pica-pau, entre a areia ressequida e o pó de limo esverdoengado, o sol recozia os animais alocinhados, que a sêde suprimiu; pelo e carcassa putrefatas... Nem verde nem rosas, ó Deus! Fome e sêde, sêde... A sêde tem fome e a fome tem sêde; uma uiva, outra pragueja, ambas devoram ânimo e razão... Deus!

A lavoura, num ricto agônico, gemera esturricada, logo que o milho começara a granar: fôra-se a colheita. Fumo para Saci, sai nas encruzilhadas, nem um pingo, nada. Nada! Na véspera do êxodo, a população fôra à igreja, na qual fizera promessas, ladainhas, rezas... O sedente cruciferário de uma procissão perdeu os sentidos e deu em terra com o enorme lenho: possuía mais fraqueza que crença...

Pela manhã, o céu de cobalto encoraja-os à fuga. Iam a pé, às centenas, escorraçados, retirantes, desgraçados retirantes ..

Um suportara: seu irmão, Raimundo dos Santos. Levara a companheira, os três filhos e a velha mãe para a capelinha deserta e resolvera a'i permanecer, orando, dando preferência à morte a deixar sua terra antes tão próspera. Triste heroísmo! Deus. Para três dias ainda havia água na bilha, beterraba e farinha. Contava, ainda, com a fé e as orações.

Entretanto, Venâncio preferira afastar-se com a família, comendo a poeira das estradas, léguas e léguas... Enfrentando o mal dos ofídios e a ronda tenebrosa das feras, nos pousos improvisados ao relento, escapando à traição das febres, concluíra a viagem temerária e chegara ao têrmo da jornada. Boquiaberto, descalço apertando ao peito um filho seminu, vira o mar a seus pés, árvores e sombras, muita luz, médicos e hospitais, igrejas soberbas. Saíra do inferno, estava no eldorado, graças a Deus!

Ao anoitecer do quarto dia — mandara dizer-lhe o irmão, em carta — um raio repentino rompeu as nuvens, um turbilhão congestionou os ares e um dilúvio desceu, trazendo vida e esperança. As orações comovidas haviam chegado ao seu destino.. Deus! Os filhos da terra olhavam para o céu com respeito, considerando com calma, ponderação e coerência o alto e ilimitado poder de Deus.

«Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e tua casa.»

(Cont. da pág. 42).

O PRÍNCIPE...

(Cont. da pág. 21)

colegial era uma espécie de isca para Jorge Turco pagar 200 mil cruzeiros pelo casamento arranjado pelo escroque Ney Quintela.

A SOCIEDADE

Sócio de malandros e ladrões, amigo de pessoas influentes, o "Príncipe" era uma figura singular. Certa vez mandou 500 mil cruzeiros para o Líbano, a fim de ajudar a reconstrução de uma igreja.

— "Quando morrer quero ser embalsamado e enterrado na minha pátria."

A vontade do aventureiro não foi cumprida. Ficou mesmo no cemitério de Irajá, ao lado da cova do vagabundo "Sete Dedos". Suas propriedades são imensas, em particular, em Madureira, Pavuna, Cascadura, Colégio.

Um gôsto, porém, êle teve. Viu a sua noivinha Dely dançar, com trajes orientais e com um véu no rosto. E o "Príncipe", boquiaberto, ia soltando o dinheiro para os escroques.

Esta sociedade de ladrões e falsos nobres, está sendo investigada pela polícia do 24º Distrito, à frente o delegado Olavo Campos.

AS GRANDES...

(Cont. da pág. 37)

Enquanto a víbora pulava da cestinha ao chão e rastejava através do aposento, à procura de um esconderijo, ela se aproximou do leito, sorridente. Um sorriso que encerrava o grande mistério da hora derradeira.

Estendeu-se sôbre o leito. Envolveu-se em seus vestidos. Permaneceu deitada de costas, sob um raio de sol nascente, que lhe estendia benigno a sua saudação.

Fechou os olhos e esperou...

— FIM —

★

A seguir:

A FORNARINA

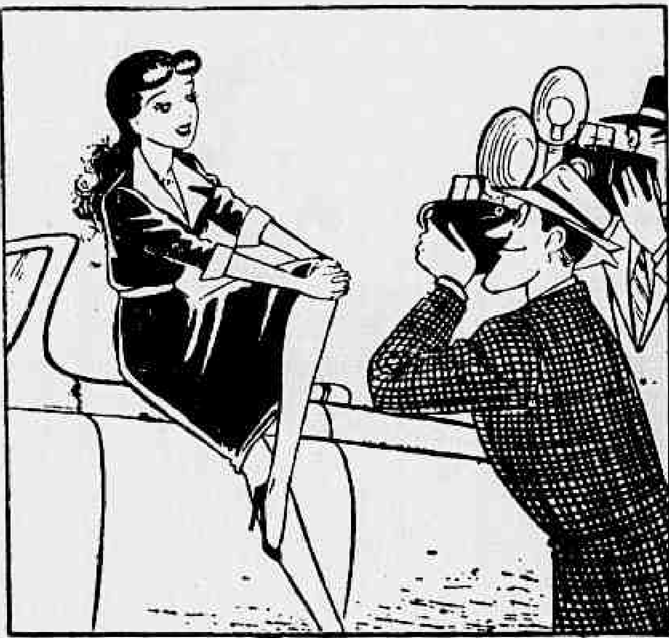
Por Carlo Richelmi

... desesperadamente foi ao encontro das alegrias e humilhações, oferecidas pelo homem que tinha nas mãos o seu destino: Rafael.

ARABELLE a última sereia



Contra a expectativa de Flor-Azul, Arabelle diz aos repórteres: — "Bem, eu desejava mesmo falar à imprensa..."



Mas os jornalistas não querem entrevistá-la, e sim, obter algumas poses. E os *flashes* se sucedem, cada qual procurando melhores ângulos para as fotos.



Arabelle percebe que, tendo Bimbleton obtido vitória perante o chefe de Polícia, já não interessava à reportagem o seu caso.



Livre dos fotógrafos, Arabelle vai para seu dormitório, com uma piscina em frente. Procura sua bôlsa com as jóias e não a encontra. — Que teria havido?



Arabelle dá busca por todos os lados. A valise desapareceu. Como era "Flor-Azul" o seu guardião, com tôda certeza ela saberia alguma coisa.



Enquanto isso sucedia na alcova de Arabelle, "Flor-Azul" corria os joalheiros da cidade, charutó à bôca, muitíssimo feliz



Deseja surpreender Arabelle, e, tendo negociado algumas jóias, fôra a um banco depositando em nome dela.



Regressa depois, e entregando-lhe os cheques, diz: "Você é rica. Vá à modista, ao cabeleireiro, diverta-se quanto quiser". Ela lhe salta aos ombros, emocionada, e o beija.



Arabelle, em companhia de John, vai aos melhores costureiros e escolhe vestidos para a tarde, para a noite, para visitas, para corridas, jantar, etc.



"Escolha logo um para almoçar comigo", lhe segreda êle. Ela se ruboriza e, pela primeira vez, assina um cheque em dólares.



Os dois vão almoçar no Café de Paris. Todo mundo está fascinado com a beleza de Arabelle. Alguns conhecidos de John o invejam.



Mister Poupounoff, presidente da "Metrópole Filmes" é apresentado a Arabelle e fica deslumbrado, convidando-a e também a John para uma estréia de gala.



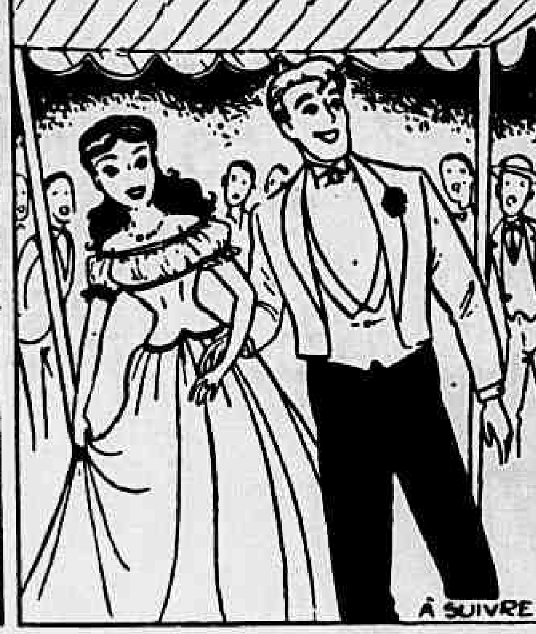
Arabelle se vestiu caprichosamente e a modista que veio vesti-la ficou encantada. O filme que ia ver era estrelado por Esther Williams.



"Flor-Azul" fica triste quando ela sai para a festa pelo braço de John e lhe recomenda cautela. Era a primeira vez que êle era preterido



Já no "Chinese Theater", começam a entrar astros e estrêlas, quando Esther Williams passa num lindo *vestido* de tule arrancando exclamações.



Mas quando Arabelle entra, há um murmúrio: "Quem é? Uma estrêla francesa? Alguma princesa? Como é linda, essa miss..."

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

A VOLTA DE MARIA DELLA COSTA



A conhecida atriz Maria Della Costa, que se encontra à frente de um nôvo conjunto teatral.

DEPOIS de sua viagem pela Europa, onde adquiriu grandes e preciosos conhecimentos da difícil arte de representar, entrando em contato com as figuras mais representativas da ribalta, Maria Della Costa organizou a sua companhia de teatro e partiu para uma «tournée» pelo estado de Pernambuco. Ninguém ignora as qualidades interpretativas de Maria Della Costa, possuidora que é de um grande talento e de acentuados predicados físicos. Portanto, é lamentável que uma atriz da sua categoria, ainda não tenha obtido a oportunidade que merece na cinematografia brasileira. É certo que prefere o teatro ao cinema, conforme já nos confessou. Mas se lhe dessem um papel realmente de valor, não titubearia em aceitá-lo, porque significaria om mais uma contribuição artística para a sua arte e dava ao mesmo tempo a sua colaboração ao cinema brasileiro.

★ O último filme que assistimos de Maria Della Costa foi «Areião», dirigido pelo péssimo diretor italiano Camilo Mastrocinque e onde não teve a chance de demonstrar o seu talento. Antes, porém, Maria figurou em «Inocência», «O Cavalo 13» e «Caminhos do Sul». No teatro suas atuações têm sido muito elogiadas pela crítica, defendendo papéis em peças como «Teresa Raquin» e «Tobbaco Road», onde são exigidos largos conhecimentos de arte dramática o que a faz credora, por êste motivo, dos calorosos aplausos que tem recebido nessas suas atuações no palco, como pagamento aos longos e penosos estudos, que obteve no Conservatório, no curso de interpretação com a atriz portuguêsa Maria Matos, na viagem que fêz à Portugal há alguns anos atrás. Desde então Maria tem vivido inteiramente para o teatro, entregando-se de corpo e alma à arte que imortalizou Leopoldo Fróes, prevendo-se um enorme êxito para sua nova temporada, em vista do seu espírito altamente profissional e artístico, que consagra qualquer iniciativa nesse sentido.

★ A revista "Vai da Valsa", de César Ladeira, Haroldo Barbosa e Joan Cartier, já se encontra em cartaz no Teatro Jardel, com Renata Fronzi, Sadi Cabral, Celme Silva, Rui Cavalcânti, Cláudio Nonelli, Augusto César e o "chansonnier" Jean Cartier.

★ Será inaugurado dentro de dois anos o teatro de José César e Sarah Borba, que está localizado em frente ao Teatro Dulcina e cujo palco será o melhor da Cinelândia, pois terá de bôca nove metros e de profundidade sete metros e meio.

★ Já foi estreado no Teatro de Bôlso de Ipanema o "Festival de 1900", de Silveira Sampaio, composto de três peças: "Palavras Trocadas", de Alfredo Mesquita, com Raquel Moacir no principal papel; "Paz no Lar", de Courteline, adaptado por Sérgio Cardoso Aires, dirigido por Magalhães Graça, e a peça de Silveira Sampaio sôbre o futebol em 1910. A cenografia é de autoria de Carlos Perry e a figurinista Jessie Sampaio.

ACABA de estrear no Teatro Carlos Gomes a Grande Companhia de Revistas e Folclore Espanhol «Romeria Espanhola», destacando-se como uma de suas mais expressivas figuras, o bailarino Angel Pericet, de renome internacional e várias vêzes premiado na Espanha.

★

FALECEU domingo, dia 7 do corrente, o crítico teatral do semanário português «A Voz de Portugal» e comentarista da Rádio Vera-Cruz, Corrêa Varela, que foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier com grande acompanhamento.

★

DULCINA e Odilon preparam-se para estrear no Teatro Dulcina, a comédia histórica de R. Magalhães Júnior «O Imperador Galante», que terá grande montagem e cêrca de 20 personagens.

★ "Os Idealistas" reaparecerão nos próximos dias 30, 1 e 2 de julho com a peça "Meus Adoráveis Amigos", comédia em três atos de autoria de Geraldo Campos, com Eunice Fernandes, Cicero Nadais, Licia Magna e Ademar Alvim nos papéis centrais, sob a direção artística de Daniel Rocha. As representações se verificarão no luxuoso auditório do Ministério da Fazenda.

★ A Companhia de Eva Tudor acaba de estrear a peça "Viver é Fácil", que está obtendo um grande sucesso no Teatro Serrador.

★ A peça infantil "Casaco Encantado", de Lúcia Benedetti, será publicada em edição de luxo, com desenhos de Nilson Pena, pela casa editôra "Livros Infantis Brasileiros" para o natal de 1953.

★ Itala Ferreira é candidata ao "prêmio de melhor interpretação do ano" pelo seu trabalho na peça de Nestor de Holanda "A Bruxa", prêmio êste que a Municipalidade confere todos os anos.

CORREIO DA REVISTA

● Santos, 14-5-53.
Ilmo. Sr.
Diretor da REVISTA DA SEMANA.
Mui cordiais saudações:

Aproximamo-nos do fim (!) da primeira viagem no "Álbum Revista da Semana" e, colecionador cuidadoso do mesmo, desejava apresentar algumas sugestões antes de iniciarmos a segunda viagem.

Uma delas, a de evitar que os cromos sejam impressos na página central, visto que, ao recortá-los, "assassinamos" as mais belas páginas da revista. Creio que, numa das contracapas — de preferência a destinada à Casa Nunes — ficariam bem. O reclame da Casa Nunes viria para o verso da capa. E, aqui cabe um parêntesis — que lindas capas estão apresentando! A propaganda do concurso fica bem em qualquer página.

*

A segunda sugestão prende-se ao que já disse na minha primeira carta: — não devem publicar os cromos em números salteados! Não é o colecionar uma viagem? Como poderemos fixar na mente dos nossos filhos essas maravilhas, a braços com as inconveniências do salteado? O gênero do concurso não exige essa medida! Concorro com o n. 12.818. Devo exibir a série completa, por ocasião de receber o prêmio e só consigo isso comprando a Revista! Vê-se logo a inutilidade dessa precaução, se isso é precaução!

Até minha filhinha (segundo ano G. Esc.) achou esquisito (na série em curso) têrmos chegado ao Rio, de volta, sem têrmos partido! E, depois: pula para o Rio Grande, volta a Santos, vai a Santa Catarina e a viagem parece tabuleiro de damas!

Espero que a viagem à Bahia seja em ordem, para que se possa — à medida que avançamos — ensinar melhor as crianças.

E' a opinião de quem vos admira desde 1916 e milita em artes gráficas, há 40 anos. Valeu? Vai, aqui, um grande abraço do patrício e admirador sincero — *Luis D'Aurea*.

★

Agradecemos o estímulo. A primeira parte está resolvida; a segunda sugestão talvez possa ser atendida na próxima viagem.

★ CATARINA MULLER — Barão de Itapetininga n. 275 — S. Paulo — Não temos o endereço que nos pede em sua carta de 23 de maio próximo findo.

● Pouso Alegre, 23 de maio de 1953.
Exmo. Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA — Rio de Janeiro.

Com muito prazer tive ocasião de ler a REVISTA DA SEMANA, de 23 de maio de 1953, referente "O Diabo às Sôltas", por Edmundo Lys.

Dizem — que o Diabo, havia se apaixonado por uma pessoa da casa do Sr. Alberto (Português), em Borda da Mata, resolveu então passar a sua residência para ali.

O mais curioso dessa história é que o bondoso Diabo de Borda da Mata não era atrasado, porque dizem que o mesmo falava diversas linguas, como é público e notório nesta cidade de Pouso Alegre.

Romarias de Ouro Fino e desta cidade, foram a casa do fazendeiro Alberto para falar com o bondoso Diabo, porque as suas palavras foram sempre sinceras e muitas, engraçadas.

O Diabo foi obrigado a solicitar da policia uma provincia, porque não mais podia dormir, em virtude do grande número de pessoas, que diàriamente iam lhe visitar na fazenda do Sr. Alberto.

O Diabo de Borda da Mata foi obrigado a entrar em férias regulamentares, para poder descansar, porque o povo não lhe dava mais sossêgo.

O Diabo de Borda da Mata não iria perder tempo, recebendo as visitas do Sul de Minas, todos os dias; portanto, resolveu o pobre e bondoso Diabo entrar em férias regulamentares, como manda o regulamento em vigor.

O Diabo partiu para nunca mais botar os seus delicados pés na fazenda do fazendeiro de nome Alberto, em Borda da Mata, em virtude do povo estar muito cansado de tanto visitar o pobre Diabo.

Ao terminar êste meu relatório, referente ao Diabo de Borda da Mata, envio os meus sinceros agradecimentos.

Do amigo e admirador
José Narciso Brasil

GRANDE PRÊMIO

(Cont. da pág. 40)

Com as lágrimas de contentamento, voltava a felicidade. Assegurada estava a vida, a paz e a fartura!

Assim rememorava o velho Venâncio, ex-agricultor, agora trazendo no bôlso a jóia cara. Queria restituí-la, mas não sabia a quem; pensou num prêmio, numa recompensa... Saiu, atravessando a rua; os bares estavam repletos, tilintavam os copos e brindavam cavalos vencedores... O velho ia atordoado para casa, morava longe, numa favela suburbana, nada comera... Ouviu um grito, olhou rápido... Não viu, mas sentiu a camionete disparada...

Numa flexura da coxa atingida, o fêmur lascado rompeu as mirradas carnes... Acorreram curiosos... De mão em mão, desacordado, o acidentado foi levado para o meio-fio.

A sereia da ambulância despertou o infeliz. Refletiu, confusamente, não sentiu dores, lembrou-se da mãe, das filhas, das calças remendadas e das camisas grosseiras dos seus dois garotos... Um fio de sangue fugia-lhe dos lábios delgados, tentou erguer-se; o pensamento, seguido da mão ensangüentada, mergulhou até o fundo do bôlso do surrão... Desaparecera a jóia!

Venâncio compreendeu tudo: haviam roubado o relógio-pulseira de platina!...

Seria mais um mutilado na cidade incomparável.

Grande Prêmio... Luvas e patas, homens e cavalos!...

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!
CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE
Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO
300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00
A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO



GLENTEX. Capinha em lã branca, muito macia, com franjas em tôda volta. Contrasta de maneira elegante com o tecido de seu vestido de seda ou lã, de inverno.

estolas e capinhas

NUNCA houve uma moda tão de acôrdo com o nosso inverno moderado do que a atual. O uso de estolas, boleros e capinhas é providencial para o nosso clima. Usa-se por cima de qualquer vestido, com uma saia e blusa, ou dando uma nota elegante ao costume de linhas femininas, tão em voga. Os costureiros famosos estão todos enfronhados em criar modelos diferentes dentro dêsse tema. Para esta temporada, são sempre em lã: casimira escocesa, tweed, malha de lã, ou mesmo tricô feito a mão. Às vêzes, aparecem no mesmo tecido que a saia ou o vestido que completam, outras vêzes contrastam com os mesmos. Pierre Balmain gosta de enfeitá-las com peles, desde a cauda de arminho (tão em moda por causa das recentes festas da coroação) até as rapôsas escuras ou prateadas. Glentex prefere bordar suas capas com lã angorá, em originais arabescos, ou então limita-se a bordejá-las com uma franja de mais ou menos dez centímetros, para as capas e boleros e até 30 centímetros para as estolas. Para de noite criou modelos bordados em missangas e lantejoulas. Quanto aos feitios, tornam-se cada dia mais estudados. Não são já os simples lenços e echarpes em moda no inverno de 52. Mesmo os modelos mais simples dispõem de um bôlso, uma lapela, ou um pregueado, que os tornam diferentes. Às vêzes, chegam a ter mangas e se aproximam dos boleros. Outras, dispõem de uma simples abertura para passar os braços, como as pelerines dos colegiais. Procuramos nestas páginas apresentar modelos bem variados, para orientação de nossas leitoras. — **Flama**





estolas e



1 *GLENTEX. Um modêlo original com bolsinho formado pela dobra da lapela para esquentar as mãos. Em malha de lã fantasia.*

2 *BALMAIN apresenta em New York esta estola em sêda pesada com barra de rapôsa, em tonalidade muito escura.*

3 *LADY RENLYN idealizou êste modêlo de capa completando um costume em lã bege. A capa pode ser retirada deixando aparecer a lapéla de jaquêta.*

JULLIARD criou esta original capinha, estilo pelerine, bordados em lã angorá branca, para o desfile de Fashion of Florida. **4**

GLENTEX sugere esta estola escocesa, bem ampla, com bastante pano, para dar uma nota diferente a seu vestido escuro de lã. **5**

BONNIE CASHIN apresenta, para as tardes frias em casa ou na rua esta capa estola em malha de lã bem grossa. **6**





6

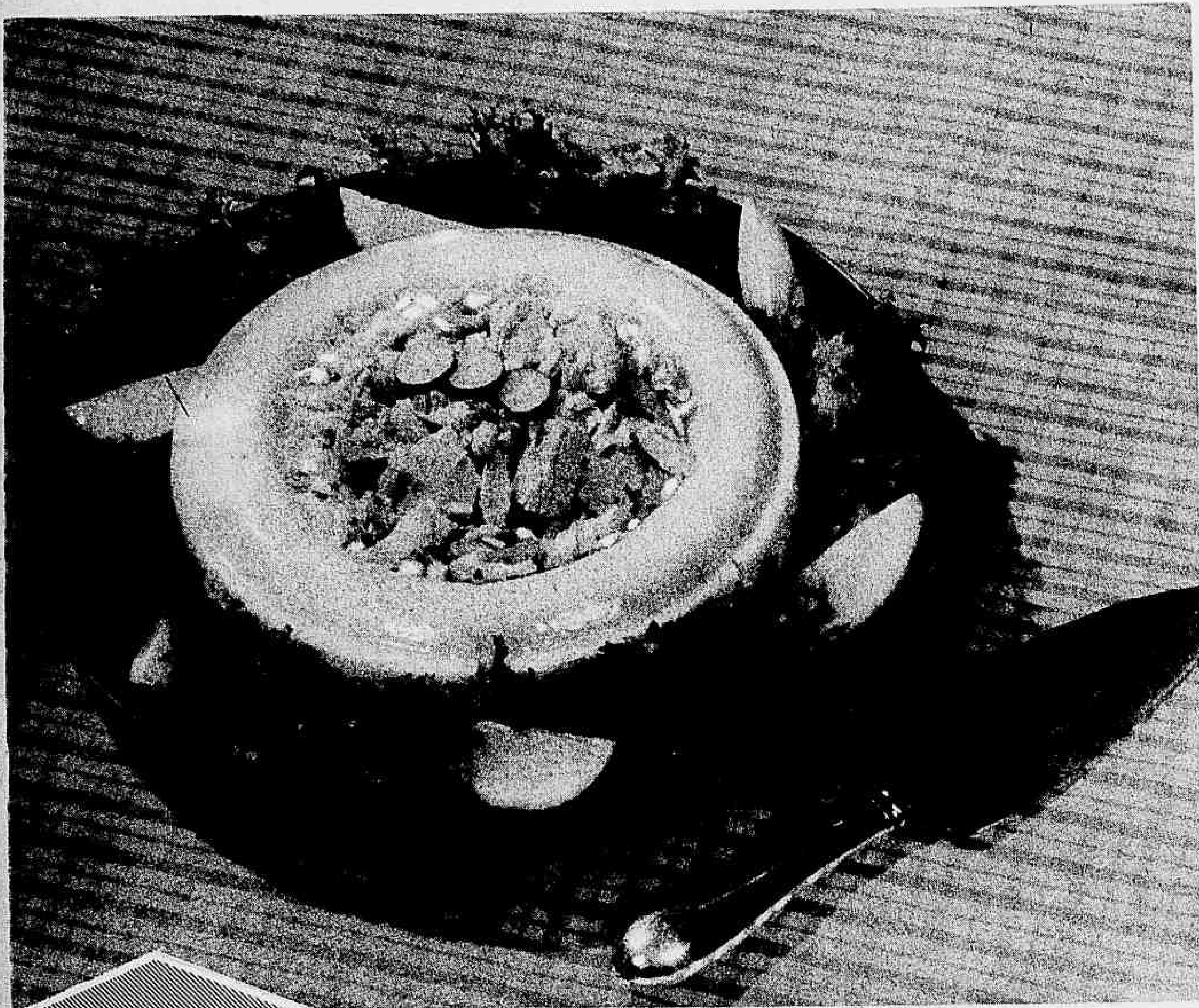
capinhas



5

WEEK-END NA COZINHA

O PRATO que hoje apresentamos é uma delícia, além de ser muito bonito, como estão vendo pela fotografia. Na realidade são dois pratos (gelatina de queijo e salada de peixe) e não haverá necessidade de servir mais nada acompanhando-os, a não ser, talvez, algum legume ou uma sopa como entrada, se prepará-lo para o jantar.



GELATINA DE QUEIJO

● **INGREDIENTES**

1 pacote de gelatina com sabor de limão.
1½ xícara de água fervendo.
2 xícaras de queijo creme.
¼ de xícara de pimentões verdes, picados.
1 colher das de sopa de vinagre.
1 colher das de sopa de cebola picadinha.
1½ colher das de chá de mostarda em pó (se gostar).
1 pitada de sal.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Dissolva a gelatina em água fervendo, numa tijela de tamanho médio. Deixe esfriar até ficar xaroposa, na geladeira.

2 — Enquanto a gelatina esfria misture o queijo creme, o pimentão, o vinagre, as cebolas, a mostarda e o sal, numa outra tijela.

3 — Junte essa mistura com a gelatina, assim que esta ficar em ponto de xarope. Ponha numa fôrma untada com óleo de salada (use um pincel para isso) e deixe gelar, até ficar firme.

4 — Vire no prato em que irá servi-la, encha o centro com a salada de peixe, cuja receita vai também nesta página.

SALADA DE PEIXE

● **INGREDIENTES**

1 lata de atum (salmão, lagosta ou caranguejo), de tamanho médio.
½ xícara de aipo picado.
1 colher das de sopa de casca de limão ralada.
1 colher das de chá de suco de limão.
1 pitada de sal.
1 pitada de pimenta.
½ xícara de maionese ou môlho para salada, conforme preferir.

● **MANEIRA DE FAZER**

1 — Escorra o peixe. **Amasse-o ligeiramente com o garfo, de modo que fique partido em pedaços de tamanho regular. Ponha numa tijela.**

2 — **Junte o aipo, a cebola, o caldo de limão, o sal e a pimenta. Em seguida, acrescente, com cuidado, a maionese ou o môlho de salada.**

3 — **Cubra a tijela e ponha na geladeira até a hora de servir, ou de colocar dentro do anel de gelatina.**

●

CONSELHOS ÚTEIS

QUANDO **desenformar a gelatina salgada,** cuja fôrma foi prèviamente untada com óleo de salada, faça-o da seguinte maneira: passe uma faca na borda da gelatina, desgrudndo-a da fôrma. Depois vire sôbre um prato. Se demorar a sair vá rodando a fôrma e sacudindo-a ao mesmo tempo, com cuidado.

●

A MELHOR maneira de **limpar as travessas e frigideiras** de vidro a prova de fogo que usa na cozinha, é fervê-las em um litro d'água a que se junta 2 colheres das de sopa de vinagre. Ficam, num instante, limpas e brilhantes!

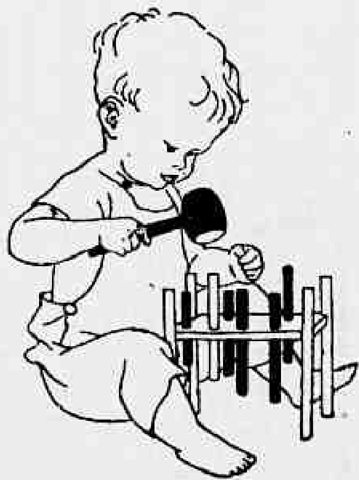
●

A PALAVRA **«souté»**, que você encontra às vêzes nas receitas, quer dizer: «cozinhar em pouca manteiga ou gordura, em fogo moderado». Beringela «souté», batata «souté», aipim «souté», constituem ótimos pratos.

●

SE ANTES de **cortar o bôlo quente** com a faca, você tiver o cuidado de mergulhá-la em água fervendo, verá que será muito mais fácil cortá-lo. A faca correrá melhor e não estraçalhará o bôlo.

O "filho predileto"



Você castiga um de seus filhos mais do que o outro? Seu modo de tratar um dos filhos pode ferir a susceptibilidade dos outros? Tem certeza de que, consciente e inconscientemente, dá a todos os seus filhos a mesma atenção e o mesmo carinho?

A NATUREZA humana não é perfeita, nem mesmo a dos pais; por isso, é muito freqüente encontrarmos êsse êrro de educação numa família com mais de um filho. Às vêzes é o mais velho quem tem a preferência de um dos pais e o segundo de outro. O terceiro quase sempre «sobra». Uma menina que nasceu depois de uma escadinha de meninos será sempre uma privilegiada, pois foi ansiosamente esperada. Outras vêzes, um dos meninos é mais brilhante, ou uma das meninas mais bonita. Muitas vêzes uma das crianças passou por um sério perigo de vida, por uma doença grave, e ficou mimada para sempre. E... os avós são muito piores do que os pais, quanto ao favoritismo. Lutar contra isso é muito difícil, pois a maioria das vêzes é uma atitude inconsciente. Confundem-se os direitos de cada idade para justificá-lo. É certo que os menorzinhos requerem atenções especiais, e que os maiores têm regalias que os pequeninos não podem ter. Isso está direito, até o limite em que a educação de uns não seja prejudicada em favor de outros, ou melhor, em prejuízo dos próprios favorecidos. Nesse sistema todos perdem. Seus resultados são desastrosos.

Quando uma criança percebe que não é bastante querida pelos pais também lhes demonstra menos afeição e, como recíproca, acaba sendo menos estimada ainda. Sente-se insegura, e isso pode dar origem a muitas manifestações, até de doenças, além de se tornar agressiva. Torna-se, também, solitária, não confia nos pais, pois julga não ser amada. Pode chegar a se afastar de casa e preferir a escola e os amigos. Torna-se um estranho.

Porém, a predileta, recebe também o seu quinhão de defeitos educacionais: fica «estragada». Torna-se de mau caráter e indisciplinada. Sendo a favorita, afeiçoa-se aos pais e recebe ainda mais regalias... até o ponto em que seu sentimento se transformará em interêsse, pelas vantagens que lhe advêm.

Isso não quer dizer que uma criança não possa receber mais presentes do que a outra, nem requerer atenção especial numa determinada fase de sua vida. Absolutamente. São de temperamentos diferentes e requerem tratamentos diferentes. Porém, a diferente maneira de tratar não será predileção, se tiver um motivo justo e se os pais agirem de modo a não ferirem a susceptibilidade dos irmãos. Não são os atos ocasionais que provocam o favoritismo, mas uma atitude continuada, por anos e anos... que muitas vêzes sòmente as próprias crianças e os estranhos percebem. Por isso, se você tem uma ligeira desconfiança de que poderá estar dando um pouco mais de seu amor a um dos filhos do que aos outros (ou mesmo se não desconfia) procure saber o que pensam sôbre isso as pessoas que convivem com a família, mesmo em períodos não muito longos. Os de fora enxergam muito melhor. — (L. J.)

A SAÚDE DO BEBÊ

A questão dos horários no alactamento

Dr. SABOIA RIBEIRO

S. A. pergunta-me se deve ser inflexível no horário de seu filhinho a nascer ou se, como ensinam alguns, e até médicos, êsse rigorismo deve ser abrandado para os primeiros meses. **É fácil demonstrar que é sempre um êrro não obedecer a um horário certo.**

Quando uma criança se apresenta normal, educada a amamentar-se em horário fixo, ou seja, no primeiro trimestre, de 3 em 3 horas, que é que observamos? Que ela, nas horas determinadas, passa a reclamar o peito como se fôra um relógio. Sòmente, nas primeiras semanas, há mister, às vêzes, acordá-la para êsse fim — o que deve sempre ser feito. Se a criança não é educadasob êsse regime ou, se a despeito do regime, ela mostra-se inquieta, e pòrque pareça estar com fome, **lhe dão o peito, que sucederá então? Sucede-se que, a cada vez que lhe dão** o peito, ela sossega, mas, na realidade, não saciou plenamente sua fome, tanto assim que não resistirá à espera de 3 horas e logo mais, pelo chôro, reclamará o **peito.**

A inquietação da criança nem sempre é sinal de fome, e antes atesta, em muitas ocasiões, a neuropatia da criança e nada mais. E é da observação de todos que dois meios, essencialmente, são particularmente propícios para acalmá-la Os movimentos de balanço, com que muitas se tranqüilizam e adormecem, ou os bicos as chupetas. Ora, acudir com o peito nos momentos de chôro ou agitação **de tais crianças, é de certo substituir pelo peito aquilo que é função da chupeta ou do balanço. Nada mais.**

★ Desde então, estabelecido o hábito, temos u'a mãe escravizada à tirania do bebê eternamente pendurado ao seio. Proporciona-se uma certa tranqüilidade ao menino a poder de um sacrifício permanente da genitora. Como se está vendo, a situação de tais bebês não reclama, na verdade, a solução que lhe dão, com a adoção da desordem nas mamaduras.

Estas sempre lucram em ser feitas em horários fixos, rigorosos. Pode-se dizer que o leite materno, embora deglutido mais ou menos à bessa, mal não faz à criança, o que não acontece tanto com o leite animal, que exige maior rigor nos horários. Mas é que, em si mesmo, o peito dado sem horário determinado, caminhará fatalmente para o secamento das mamas, sem muita demora.

Nessas condições, nunca as mamas são completamente esvaziadas, quando o esvaziamento das mamas é condição essencial para a persistência da secreção, acontecendo o contrário quando não se dá o esvaziamento completo. (O que, em geral só se dá quando, em cada mamadura, se oferece ao bebê apenas um seio). A mamadura noturna — ou as mamaduras — a que muitas mães acostumam a criança, é o resultado de um êrro inicial, prolongando assim a vigília materna.

Não há dúvida, portanto, que a falta de uma disciplina no horário das mamaduras poderá acarretar à criança, entre outros males, o de faltar-lhe o próprio leite materno, mais cedo do que fôra de esperar.

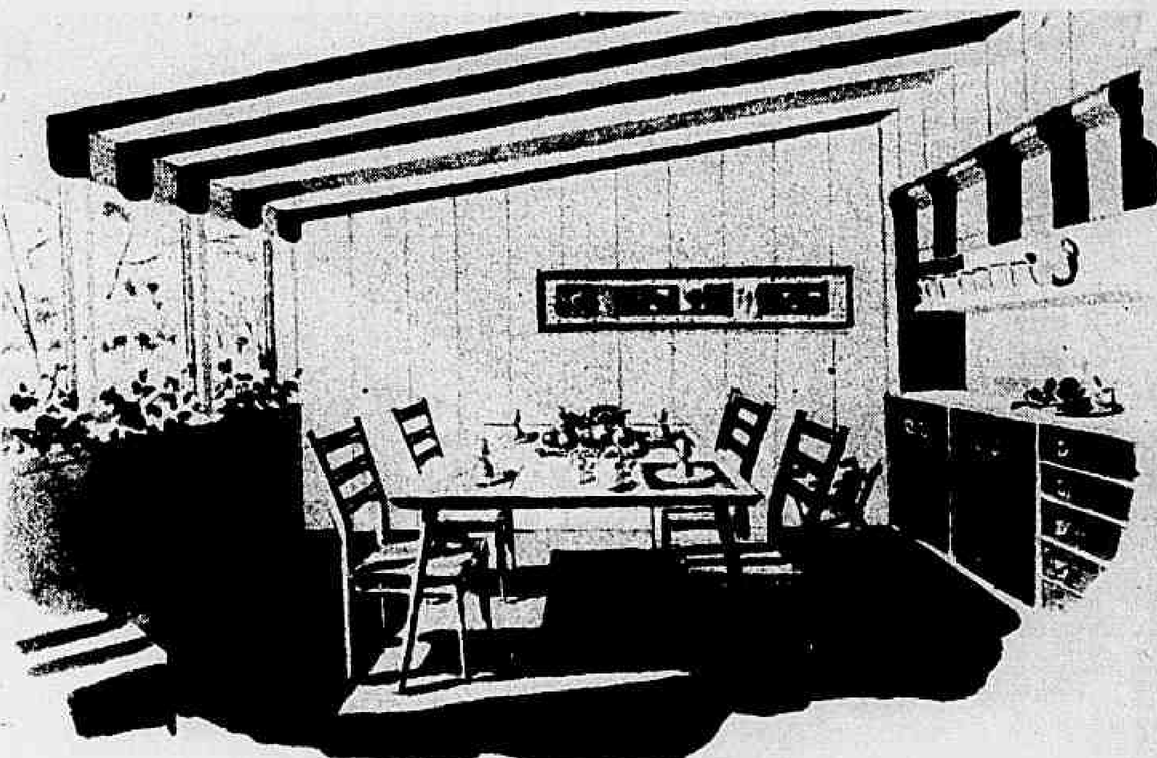
A questão apresenta-se, nestes termos, bastante interessante, com caráter bastante prático, pois não tenhamos dúvida alguma: muitas crianças a quem, já no primeiro trimestre, escasseou por completo o leite materno e logo faltou, não foi outra a causa dessa falta do leite, senão a desordem no horário, e o maú hábito de a levarem ao seio ao primeiro sinal de inquietação e de chôro.

SUGESTÕES PARA O LAR

A idéia de hoje, é para uma casa de campo. Uma dessas casas alegres onde se vive quase ao ar livre. Por isso mesmo, a sala de jantar foi arrumada num alpendre amplo, coberto por um toldo listrado, de lona, que, quando o tempo está bonito, pode ser enrolado por meio de um dispositivo mecânico. Com sol ou chuva, ou para evitar que caiam fôlhas sôbre os pratos, use a sala com o toldo, como aparece na fotografia. O serviço é feito por um balcão de comunicação com a cozinha, também êle fechado por outro toldo de lona, de enrolar. Sob o balcão, diversos armários e gavetas para guardados.

O mobiliário é rústico, como convém: cadeiras com assento de lona e armação em madeira, pintada com tinta a óleo, numa tonalidade que harmonize com o ambiente. Mesa de tabuado simples, com 4 pés ligeiramente abertos para fora. Na parede ao fundo foi colocado um quadro comprido com moldura da madeira, onde foram dispostas gravuras e cartões postais cômicos.

Eis a nossa sugestão para a sua sala de jantar no campo ou na montanha. — (Nike)



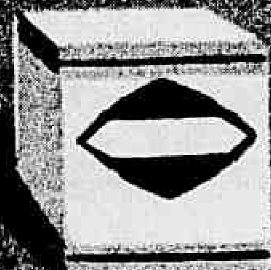
Irradiando mocidade e beleza



PROTEJA

A SUA CÚTIS

COM



ANTISARDINA

O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.



U M   P O U C O   D E   B E L E Z A

RITUAL DIÁRIO DE EMBELEZAMENTO



Audrey Delton — da Paramount — considerada uma das mais bonitas irlandesas do cinema, gosta de muita espuma no seu banho diário.

As mulheres mais belas não se contentam em ser apenas como a natureza as fêz. Cuidam de si, esmerando-se na tualete diária, e prestando atenção à posição de seu corpo, que deve estar sempre elegantemente postado. As mulheres que trabalham e as jovens que estudam, reclamam, porém, que os afazeres são tantos que não têm tempo de pensar nessas coisas. Por isso, resumimos hoje, em algumas linhas o essencial para se ter uma boa aparência, sem perder muito tempo. E' preciso, primeiro, que você se levante sempre à mesma hora, não importa qual seja ela. Faça um pouco de ginástica (5 a 10 minutos) e depois tome um banho morno (havendo tempo, o banho de imersão, não muito quente será ótimo no inverno). Depois, uma boa fricção com água de Colônia, deixa-la-á levemente perfumada.

A maquilagem deve ser aplicada a seguir, discretamente, e com cuidado, para que dure bastante tempo, isto é, até a hora do almôço. Ao sair verifique se está tudo combinado: roupa com sapatos, meias, bôlsa, *baton* e esmalte de unha. Tenha os sapatos escovados. Na hora do almôço deverá retocar a maquilagem. Não o faça, porém, *nunca*, em público. Seria de muito mau-gôsto. Mesmo que disponha de pouco tempo, sempre será possível passar 5 a 10 minutos na tualete, onde se embelezará com mais confôrto e liberdade. Remova inteiramente a pintura do rosto, lavando-o, ou usando para isso um liquido de limpeza. Escove e penteie os cabelos... e estará com disposição para enfrentar valentemente a outra metade do dia.

O último retoque em sua maquilagem deverá dar antes de sair, à tarde, mesmo que não tenha nessa hora nenhum encontro importante e vá diretamente enfrentar a fila de ônibus. Penteie os cabelos, arrume o baton e passe a esponja de pó. Se, ao contrário, alguém a espera, renove inteiramente a maquilagem escove e penteie os cabelos e, finalmente, como homenagem a seu cavalheiro, perfume-se, com um perfume um pouco mais forte do que usado durante o dia. Nada de exageros, porém! Dedique uma tarde ou uma manhã por semana para sua beleza (pode ser aos sábados). Tome um banho mais demorado, de imersão, use depilatório, vá ao cabeleireiro, pinte as unhas, tire as sobrancelhas. Acrescente, uma vez por mês, ao menos, uma limpeza de pele.

Cuidando assim de sua aparência, verá que tudo lhe correrá melhor, mesmo o seu trabalho, pois sentirá muito melhor disposição! — **JÚLIA DE MILO**

★

CONSELHOS DE BELEZA



...Os cuidados com suas unhas devem ser constantes. Se o esmalte descascou e ainda não chegou o dia de você ir à manicure, será preferível removê-lo totalmente, em vez de deixá-lo ficar lascado. Aproveite, então, para lixar as unhas com uma lixa de esmeril (preferível às lixas de metal), a fim de retocar a sua forma. Se tem jeito para isso, passe o esmalte de novo, com cuidado. (Na foto Eve Miller demonstra como se deve lixar as unhas nos cantos).

★ SE VOCÊ foi convidada para sair e não lhe explicaram direito o programa do paseio, é preferível usar uma tualete simples, que fica bem em qualquer ambiente, do que outra muito luxuosa, que se tornaria ridícula em certas circunstâncias.

★ ESCOVE SEUS cabelos muitas vêzes, para ativar a circulação, e tirar a poeira. Até mesmo uma dor de cabeça em perspetiva desaparece às vêzes com uma boa escovadela dos cabelos.

★ PRESTE ATENÇÃO para que suas mãos tenham gestos graciosos, tanto ao passar uma caneta quanto ao misturar uma salada. Sua mão poderá classificá-la como uma mulher fina e elegante.

LIVROS DE BÔLSO

MAIS LIVROS POR MENOS DINHEIRO

Uma estupenda coleção de livrinhos, que são os melhores que existem para aprender em poucos dias, e poder falar, qualquer destas línguas. Experimente e ficará maravilhado.

YES SIR! Inglês sem Mestre — Edwards — Nº 32 — 12,00

Aprenda Espanhol em quadrinhos — Nº 31 — 12,00

45 Lições Italiano sem Mestre — Nº 24 — 12,00

45 Lições de Francês sem Mestre — Nº 25 — 12,00

Alemão sem Mestre — Nº 30 — 12,00

Crime e Castigo — Dostoiewski — Nº 207 — 10,00

O Retrato de Dorian Gray — Nº 187 — 15,00

Os Encantos da Mulher Nua — Nº 148 — 75,00

O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas — Nº 206 — 10,00

As Amantes do Imperador — Nº 93 — 15,00

A Arte e a Técnica do Beijo

Regras para Vencer na Vida — Nº 182 — 15,00

Vigor Sexual — Coleção Educação e Saúde — Nº 6 — 20,00

Instalações Elétricas — Nº 38 — 60,00

Livro de grossura muito maior que os usuais. Com 450 ilustrações e inúmeras tabelas. É o mais prático que existe.

Luciola — José de Alencar — Nº 223 — 10,00

Método de Datilografia — prático e rápido — Nº 96 — 15,00

As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00

O livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00

Senhora — José de Alencar — Nº 239 — 10,00

Cenas de Amor dos melhores romances — Anna Karenina, Tolstoi; Madame Bovary, Flaubert; Naná, Zola; A Dama das Camélias, Dumas — Nº 241 — 10,00

Técnica e Prática Sexual — Obra notável, que trata à luz da ciência, dos mais importantes problemas da vida. — Nº 2 — 20,00

A Conquista Amorosa — Nº 81 — 10,00

Como Ler os Pensamentos — Ensina com métodos práticos. Cada um pode atingir boa capacidade de ler pensamentos e adivinhar coisas. — Nº 13 — 15,00

Anedotas

Tenha Sangue Frio — Nº 214 — 15,00

Jiu-Jitsu sem Mestre — Nº 129 — 15,00

Métodos para Hipnotizar — Ensina diversas técnicas para que as pessoas possam escolher o melhor sistema. — Nº 147 — 15,00

Guia do Mecânico de Automóvel — Nº 188 — 15,00

Luiz A. P. Victoria — Fala e Escreve Corretamente a Tua Língua — Regras Práticas de Português — A Crase. O Emprêgo do pronome lhe. Pronomes de tratamento. Colocação... — Nº 27 — 15,00

LIVROS ÚTEIS

INGLES PARA AS AMÉRICAS
Por professores do Instituto Brasil-Estados Unidos. N.º 52 - 20,00

FRASES PARA CORRESPONDENCIA COMERCIAL INGLESA
Livro muito prático com frases classificadas. N.º 56 - 20,00

PEQUENAS BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES
N.º 128 - 15,00

PENSAMENTOS SÔBRE O AMOR
Stendhal – N.º 19 - 15,00

ENCICLOPEDIA INDUSTRIAL OCULTISTA
Filtros Mágicos - Varinha Mágica – Mágica de Amor, influências. Talismãs. Aguas Medicinais. N.º 10 - 15,00

DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR
Um livro científico, Curioso e Diferente. Interessantíssimo. Em ordem alfabética se encontram explicações pormenorizadas sôbre cada assunto. Desde o adultério e o Beijo até o Travesti e os Vampiros. N. 7 - 15,00

VENDAS:

RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25 – RUA DO OUVIDOR, 150 - e - RUA MEXICO, 128 - 1. Sobreloja 3

SÃO PAULO: R. CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

INTERIOR
PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALAO A DIREITA, ENDEREÇANDO-O SOMENTE PARA O RIO DE JANEIRO.

OLHE BEM ESTA PAGINA!

?

TEM ÓTIMOS LIVROS. DEIXE-ME ESCOLHER!

AGORA QUE VOCE ESCOLHEU OS LIVROS, RESTA FAZER UMA COISA...

...PREENCHA ESTE CUPAO E REMETA-O PARA O RIO DE JANEIRO

Editôra GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 6 - C - RIO
Peço enviar pelo Reembolso Postal, os livros, cujos números, indico abaixo :

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO

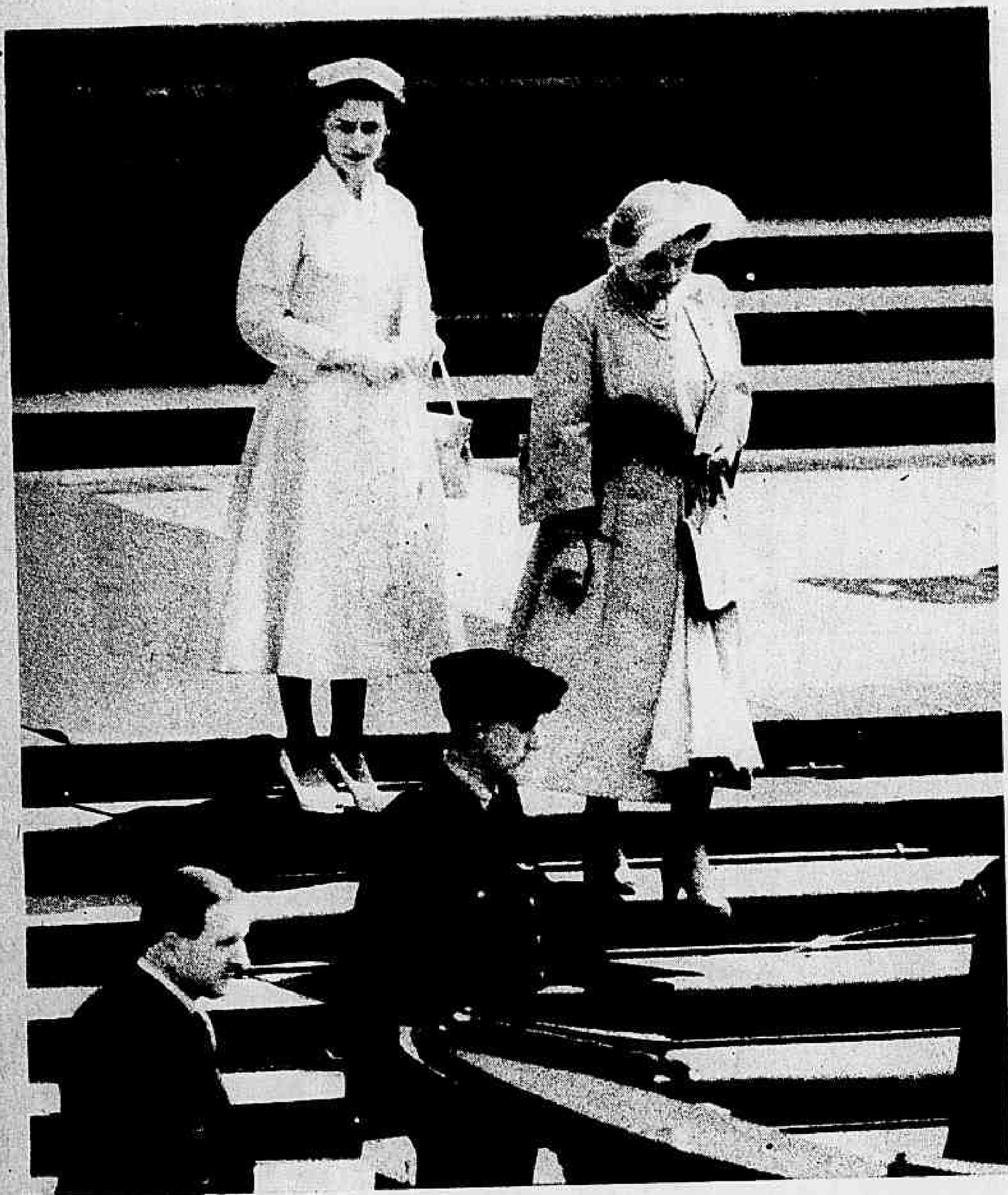
Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10 %. (Não temos catálogo).

NOME. . . .

RUA. . . .

LOCALIDADE. . . .

ESTADO. . . . .



A Rainha-Mãe e a princesa Margaret, deixam a catedral de São Paulo, após o ofício religioso que foi realizado em ação de graças.



A princesa Alice, da Grécia, sogra da Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, conversa com a Condêssa de Mountbatten, à saída do templo.



Duas lindas garôtas australianas, irmãs Mary e Margaret Carhill, que foram a Londres assistir às festas de coroação da soberana inglêsa.



O velho e invencível Sir Winston Churchill e Lady Churchill, momentos depois de assistirem ao serviço religioso em Saint Paul.

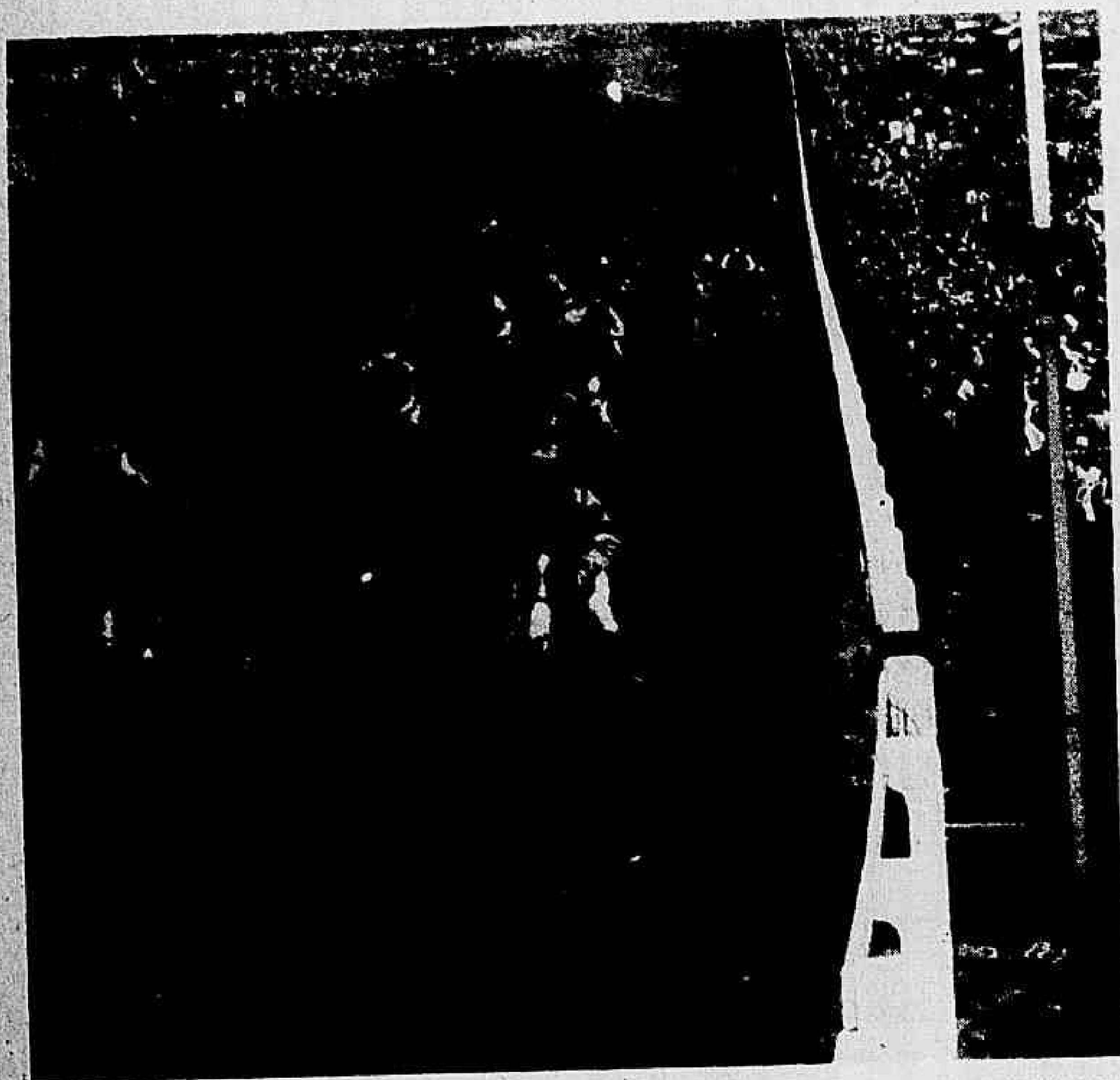


Depois que Elizabeth II foi coroada na abadia de Westminster, já a noite começava a cair quando chegou, com tôda a família real, ao Buckingham Palace. A fotografia acima mostra sua primeira aparição, das seis vêzes em que teve que agradecer à multidão presente.

AINDA A COROAÇÃO DE ELIZABETH II

O PROGRAMA TOTAL DAS FESTAS DE ELIZABETH II — DESDE O DIA 26 DE MAIO, ANIVERSÁRIO DA RAINHA MARY ATÉ 24 DE JULHO — UM EPISÓDIO PITORESCO COM O PEQUENINO PRÍNCIPE CARLOS — EM EPSON, NAS CORRIDAS DO DERBY, O CAVALO DA RAINHA PERDEU POR 4 CORPOS.

AS festas, comemorações e homenagens à Rainha Elizabeth II não tiveram fim ao terminar o dia 2. Começando o programa a 26 de maio, dia do aniversário natalício da Rainha Mary, tais eventos se prolongarão até o dia 24 de julho dêste ano, ou sejam quase sessenta dias de manifestações em louvor à jovem soberana. Desde a coroação de Guilherme, o Conquistador, jamais se viu em tôda a Inglaterra tamanho entusiasmo popular. Londres vibrou, como raramente acontece em sua história, que se conta em mais de um milênio. O tema "Coroação da Rainha Elizabeth II" continuará ocupando a atenção do mundo e as páginas da imprensa em todos os continentes, até que se esgote o programa de quase dois meses. Ainda fatigada de tantas canseiras através do ritual da coroação, Elizabeth e seu espôso, no dia seguinte saiu a percorrer todos os bairros do chamado "East London", sendo aclamada pelas populações por onde passava, especialmente pela multidão de crianças que aplaudiam sua Rainha. No dia 4, Elizabeth II oferece um banquete no Buckingham Palace, e, na tarde do mesmo dia vai, em companhia do Duque de Edinburgo, visitar os bairros do Oeste de Londres quando é surpreendida por uma das mais emocionantes recepções: grupos de crianças, cada uma trazendo na frente dos uniformes uma letra, formavam a saudação tradicional: "G-O-D S-A-V-E T-H-E Q-U-E-E-N" (Deus Salve a Rainha). Já no final dessa semana de trabalhos e atenções exaustivos, ela foi às corridas. Seu cavalo "Aureole", apesar das *auréolas* da realeza, perdeu por quatro corpos. A Rainha e o Duque cumprimentaram o jóquei do animal vitorioso. Deu-se, porém, durante a coroação, um fato interessante. No momento em que Elizabeth recebia a coroa de Santo Eduardo, com todos os presentes em pé, não houve meios de conseguir-se que seu filho, o príncipe Charles, futuro Príncipe de Gales e herdeiro da Coroa Britânica, se levantasse. Estava êle bem sentadinho, quando sua avó e sua tia, a princesa Margaret, instaram com êle, puxando-o brandamente, para que se pusesse de pé. Mas o menino teimou e repetia como gente grande: "Daqui não saio, daqui ninguém me tira..."



Nas corridas do dia oito de junho, em Epson, foi vencedor o cavalo «Pinza», que bateu o de propriedade da rainha Elizabeth, «Aureole».



Aspectos que foram colhidos na véspera da coroação. Duas visitantes de Sidney, Austrália, armam suas barracas em plena Mall



Sir Gordon Richards, que montou «Pinza», o cavalo vencedor, é felicitado pela rainha e o Duque de Edinburgo, pela bela vitória



Escoceses Reais, em Hyde Corner, depõem as armas ao solo e tratam de suas rações, das trinta e três mil que foram assim preparadas.



Nos dias que seguiram às cerimônias de coroacão, a jovem rainha não descansou. À tarde do dia três, ei-la, em companhia do esposo, Duque de Edinburgo, a visitar o Leste da capital, entre aclamações do povo. No dia nove, visitou o Oeste, sendo saudada pelas crianças.

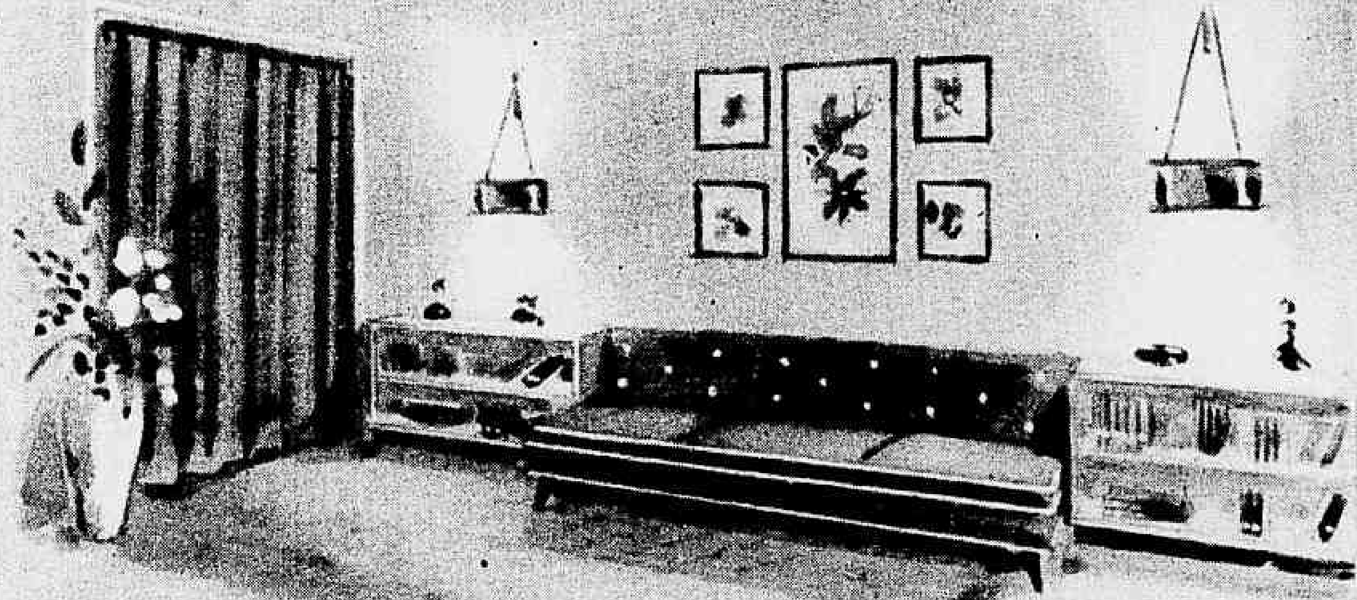


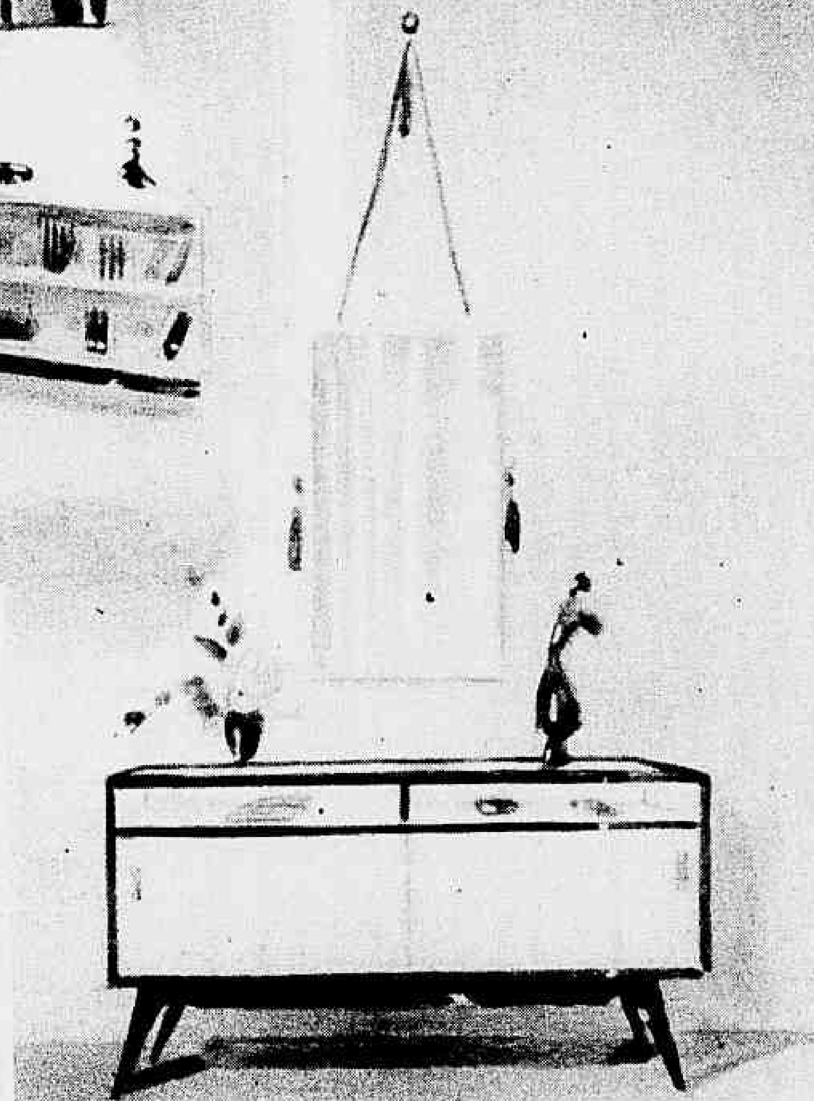
CONDENADA!

DINAURA de Amorim Cruz, mulher de Jansen do Nascimento Cruz, foi cognominada a «mulher-tigre», pelo povo carioca, pelo crime de homicídio na pessoa de seu marido, na ilha do Governador, em conluio com o seu amante Murilo Costa e um filho de criação da mesma. O delito, que foi amplamente comentado, revestiu-se das particularidades mais revoltantes, apaixonando tôda a população do Distrito Federal. Depois de assassinarem Jansen, arrastaram o cadáver até um terreno baldio, ensoparam-lhe as vestes com querosene e atearam-lhe fogo. Tudo, porém, se descobriu. O co-autor do delito, o pescador Murilo Costa, submetido a julgamento, foi condenado a trinta anos de prisão celular, sentença que foi confirmada em instância superior. O julgamento de Dinaura, depois de ter entrado em pauta por nada menos de catorze vêzes, veio a realizar-se a 12 de junho, prolongando-se os debates, com réplicas e tréplicas, até ao amanhecer do dia seguinte, terminando com a condenação da ré, em vinte e seis anos de reclusão, por cinco votos contra dois. Durante tôdas aquelas intermináveis horas, foi sempre esta a atitude da «mulher-tigre»: curvada a cabeça à espera do «veredictum». Ao saber do resultado, declarou sem a menor contração fisionômica: «Eu já esperava...» O advogado protestou por novo júri, que se realizará em agôsto próximo

ÚLTIMO FLASH

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS





Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flôres

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

VENDAS A VISTA E A PRAZO

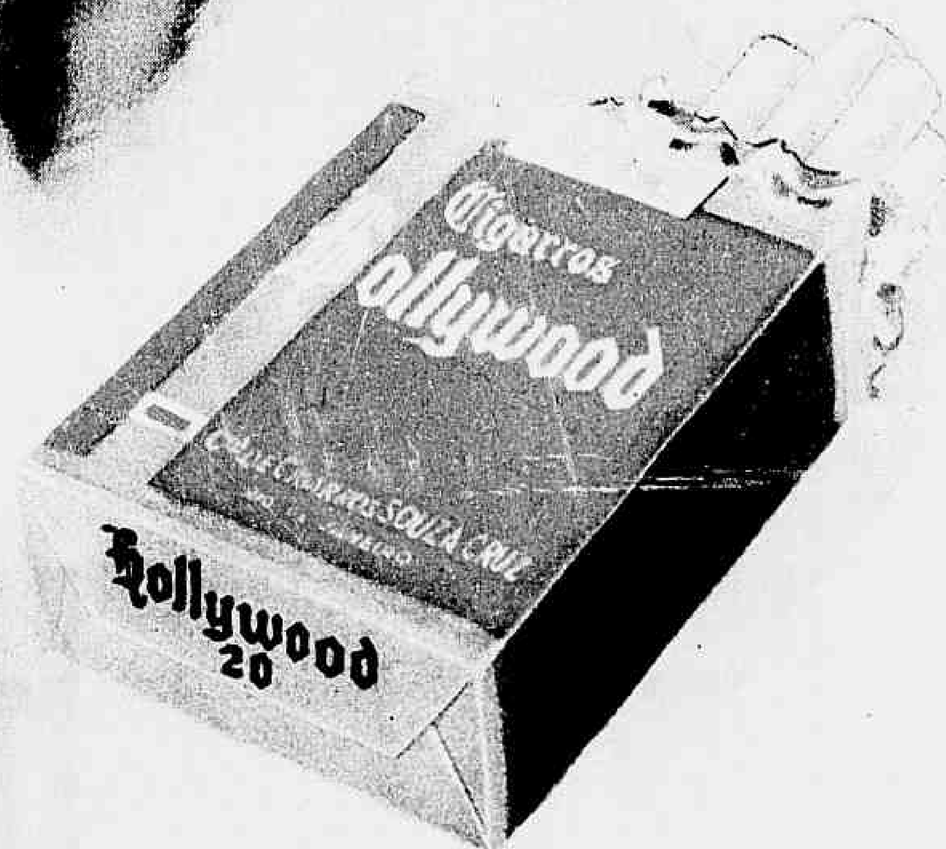


65 Rua da CARIOCA 67 – RIO

Uma tradição de bom gôsto

CIGARROS

hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ